

HOSTEL: UMA PROPOSTA CONCEITUAL

Por: Álvaro Augusto Dealcides Silveira Moutinho Bahls

SABERES DO TURISMO,
DA HOTELARIA E DA
GASTRONOMIA



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
TURISMO E HOTELARIA

MESTRADO E DOUTORADO

Hotelaria



EDITOR

Rodolfo Wendhausen Krause

AUTOR

Álvaro Augusto Dealcides Silveira Moutinho Bahls

HOSTEL: Uma proposta conceitual

ISBN: 978-85-7696-216-8

2018

Reitor
Dr. Valdir Cechinel Filho

Vice-Reitoria de Graduação e Desenvolvimento Institucional
Carlos Alberto Tomelin

Vice-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários
José Carlos Machado

Vice-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
Rogério Corrêa

Procurador Geral da Fundação UNIVALI
Rodrigo de Carvalho

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria
Josildete Pereira de Oliveira

Editor
Rodolfo Wendhausen Krause

Autor
Álvaro Augusto Dealcides Silveira Moutinho Bahls

Bolsista Auxiliar de Edição
Kathleen Brandt Silveira

Diagramação e Capa
Of Design - Oficina Acadêmica de Design UNIVALI
Gabrielly de Souza Petri

FICHA CATALOGRÁFICA

B147h Bahls, Álvaro Augusto Dealcides Silveira Moutinho, 1976 -
Hostel: [recurso eletrônico] uma proposta conceitual / Álvaro Augusto
Dealcides Silveira Moutinho Bahls ; Rodolfo Wendhausen Krause (editor) -
Dados eletrônicos. – Itajaí : UNIVALI, 2018.

100 p. ; il.

Livro eletrônico.

Modo de acesso: World Wide Web:

<[https://www.univali.br/pos/mestrado/mestrado-academico-em-turismo-e-hotelaria/
e-book-ppgth/Paginas/default.aspx](https://www.univali.br/pos/mestrado/mestrado-academico-em-turismo-e-hotelaria/e-book-ppgth/Paginas/default.aspx)>

Inclui referências.

ISBN: 978-85-7696-216-8 (e-book)

1. Hostel. 2. Albergue. 3. Hospitalidade - Florianópolis. 4. Hotéis, pensões
etc. Florianópolis. 5. Turismo. I. Krause, Rodolfo Wendhausen. II. Título.

CDU: 64.024.1

Dedico esse trabalho à minha amada mãe Magnólia
Silveira Moutinho Bahls, sem ela seria nada.

À minha amada e eterna namorada Fernanda
Bernardes, minha melhor metade.

"A vida é arte do encontro. Embora haja tanto desencontro pela vida"

Vinícius de Moraes (1965)

"O verdadeiro sinal de inteligência não é o conhecimento, mas a imaginação"

Albert Einstein

"É mais fácil ridicularizar as extravagâncias desse estado de espírito [romântico] do que fazer justiça a ele"

Walter Laqueur (1962)

PREFÁCIO

Essa obra tem origem na dissertação de mestrado defendida por Álvaro Dealcides Silveira Moutinho Bahls, junto ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da UNIVALI, no ano de 2015. Na condição de orientadora, tive o privilégio de acompanhar e compartilhar de uma jornada intensa e produtiva de estudos para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa de mestrado, motivado pela experiência adquirida pelo autor em uma longa temporada de permanência na Europa, onde se dedicou, entre outras atividades, à direção de um hostel situado na cidade de Cesky Krumlov, na República Tcheca.

A proposta se apresentava como algo inédito na área do turismo e hotelaria por representar um esforço no sentido de resgatar as origens desse tipo de alojamento, suas singularidades e contribuir para a sua classificação. Parte dos resultados alcançados pela pesquisa para obtenção do título de Mestre em Turismo e Hotelaria é agora apresentada por seu autor nesse trabalho denominado "HOSTEL: proposta conceitual e análise socioespacial do panorama atual em Florianópolis (SC)", em que dedica 5 (cinco) capítulos à análise desse tema ainda pouco explorado nos estudos acerca da oferta de serviços de hospedagem.

Destinado a todos aqueles que desejam aprofundar seus conhecimentos, a presente publicação, em formato de e-book, discorre sobre o referido tema com isenção e competência, apresentando os seguintes capítulos: Capítulo 1 – Contextualização e características da pesquisa; Capítulo 2– A gênese alberguista; Capítulo 3 – Variáveis para uma proposta conceitual; Capítulo 4 – Panorama atual em Florianópolis e Capítulo 5 – Hostel, um conceito em formação.

Além dos méritos da obra, percebe-se que o autor se empenhou ao longo de todo o trabalho na busca de fontes bibliográficas capazes de dar sustentação às ideias e aos conceitos norteadores da trajetória intelectual e às suas relações com o próprio fluir da realidade objeto da investigação. Num segundo momento, foi realizada uma pesquisa de campo que coletou dados em hostels localizados na cidade de Florianópolis/SC, terceiro maior destino do Brasil em número de hostels, através de visitas aos estabelecimentos e entrevistas com vários proprietários/gerentes.

Ao destacar aspectos das referidas entrevistas, o autor acaba apontando as possibilidades desse tipo de alojamento e suas características diferenciadas, as quais permitem ao turista fugir das formas convencionais de conhecimento do local visitado, propiciando um contato mais íntimo com a vida e a cultura dos moradores locais.

Explorando as ideias levantadas, a pesquisa desenvolvida por Álvaro revela aspectos importantes que uma investigação científica, preocupada em decifrar a realidade de uma região ou localidade, deve perseguir com insistência e tenacidade. A combinação do referencial teórico com pesquisa bibliográfica e documental, associada ainda aos conhecimentos empíricos sobre a área objeto de estudo, permitiram que o autor desvendasse a essência desse meio de hospedagem e suas características em Florianópolis onde selecionou quinze (15) hostels em funcionamento, cujos proprietários/gerentes se dispuseram a participar da pesquisa através de entrevistas e questionários.

Certamente outros estudos são necessários para ampliar o conhecimento sobre os temas aqui abordados e para propiciar uma visão mais abrangente e contextualizada do processo social, frente ao desenvolvimento de atividades relacionadas ao turismo. Nesse sentido e enfatizando ainda o esforço de divulgação de pesquisas realizadas no âmbito universitário, o presente livro coloca-se como uma importante referência para acadêmicos da área de turismo e aos interessados em ampliar seus conhecimentos sobre essa alternativa de hospedagem.

Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira
Dra. em Geografia pela Universidade de São Paulo - USP
Profª do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da UNIVALI

APRESENTAÇÃO

O desejo desbravador do ser humano sempre intrigou e inspirou parte do meu ser. Encanta-me que não consigamos, enquanto civilização, ficar estáticos. Por que estar em movimento, em constante mudança? Por que colonizar, descobrir, viajar, conhecer? Para aquietar meu espírito, digo que é de que a própria marcha da vida do universo nos compele a sermos assim. Nada é completamente estático. Tudo está em completa revolução, desde o início do tempo. Esse desejo por expansão é o reflexo da própria vida dentro de cada ser humano. Sem esse desejo não faríamos parte da dança do universo, que vai sempre em frente e nunca para. Talvez seja essa expansão continua o motivo pelo qual viajamos, procriamos, que nos compele a trabalhar, a amar, a odiar, a viver, a ser.

Essa história começa quando a sede pela vida, pelo desconhecido, pela aventura, se tornou insuportável a ponto de não deixar um grande amigo meu ficar sentado na frente da TV. Ele decidiu que sua vida não teria sentido se não saísse de casa e conhecesse o mundo em que vive. Pegou uma mochila, e foi à Europa com a intenção, ou a desculpa, de fazer um mestrado em filosofia na Alemanha, sobre Nietzsche.

Eu o encontrei, anos depois, trabalhando em um hostel. Fim de carreira, diziam alguns dos familiares e “amigos”. Mal sabiam que a melhor parte da vida dele estava apenas começando.

Ao chegar na Alemanha, esse amigo me contou que foi recebido em um hotel com o cordial bom dia do recepcionista, ganhou as chaves e nada mais. Foi ao quarto, limpo e frio, e deixou sua mochila. Os corredores bem decorados, vazios. Na recepção, o homem de meia idade dava informações com o mesmo entusiasmo que nós brasileiros torcemos pelo críquete. Tomou, então, a rua. Andando sozinho pela cidade ele avistava, à distância, edifícios. Trocava breves olhares com pessoas estranhas, passava por museus, ruas estreitas, mais pessoas estranhas, avenidas e parques. Todos esses lugares e pessoas cheios de história e de histórias para contar. Ele só imaginava. Ao final do dia comia algo que considerava que não iria achar em outro local e voltava para o hotel.

Sozinho ele seguia visitando cidades, até o momento em que a grana ficou curta. O visto de estudante não se concretizou e a decisão de voltar para casa com o “rabo no meio das pernas” era pior do que continuar tentando sob quaisquer condições. Se mudou para Praga e decidiu ficar em um hostel, o euro da Alemanha era pesado demais e as diárias dos hotéis estavam comendo todo seu orçamento. Quando ele chegou no local (uma mistura de bar, sala de estar, sala de jogos e um resquício de recepção), o ambiente esfumaçado operava à baixa velocidade, parecia estar de ressaca. Havia algumas pessoas folheando livros e guias de viagem, outros tomando café no sofá e alguns debruçados sobre o balcão do bar, bebendo uma grande jarra de cerveja sem espuma. Dentre esses, alguns pareciam ter passado ali a noite anterior, outros pareciam estar ali há dias e um deles parecia ter nascido ali e nunca ido a nenhum outro lugar.

Ele se aproximou da figura negra e magra de cabelo loiros que estava atrás do bar e perguntou: onde é a recepção? “É aqui mesmo” – disse a figura, com um sorriso largo. Não era um sorriso de boas-vindas, mas um de aceitação e orgulho de que aquele lugar era diferente. Era um sorriso despido de malícia, era honesto, como se dissesse “está tudo bem... esse lugar é estranho, mas é bom”. O “medo” estava refletido nos arregalados olhos do hóspede recém-chegado. “Onde fui me meter” – pensou. Tirou o passaporte e pediu pelas chaves do quarto. A figura atrás do bar disse, “beba isso” e serviu, em um copo estilo martelinho, um líquido esverdeado. Pela cor parecia cancerígeno, era certamente radioativo. Uma dose de absinto foi o seu check-in.

Durante a noite o local se transformou, ganhou vida e velocidade. Todos os hóspedes se reuniam no bar/recepção. Ele bebeu e conversou com todo mundo. O “recepcionista” fazia check-in enquanto

bebia, conversava, dançava e agia como DJ da festa. Todos se divertiram, se conheceram e dançaram em cima das mesas até o sol raiar. Alguns dias depois, lá estava ele, debruçado sobre o bar, tomando um café, parecendo uma daquelas figuras que havia nascido ali.

Em um dia de folga do “repcionista”, passaram a tarde num parque, de baixo das árvores, curando a ressaca, contando histórias de suas vidas e relembrando algumas da noite passada. Foram juntos a um museu e voltaram ao hostel no fim da tarde, para retomar a festa da noite anterior... e assim seus dias se passaram. Ele conheceu uma bela garota tcheca e logo começaram a namorar. Um dia seu “amigo da recepção” sugeriu fossem a uma bela cidadezinha no sul da Boêmia. Inicialmente, recusou a ideia pois estava com o orçamento curto. “Vá de carona” – sugeriu o amigo – “e aposto que se você pedir com jeitinho o hostel de lá deixa vocês dois dividirem a mesma cama no dormitório”. Dito e feito.

Eles foram recebidos de maneira graciosa pela recepcionista, como se fosse em sua casa e era, na verdade, pois residia no estabelecimento. No início da tarde foi organizado um passeio de barco pelo rio que corta a cidade e conheceram os demais hóspedes. No decorrer do passeio pararam em diversos bares e restaurantes ao longo do rio, beberam e comeram juntos. Nadaram, se divertiram e voltaram ao hostel exaustos. Nem tanto a ponto de irem dormir. A recepcionista convidou alguns hóspedes para jantar no seu restaurante favorito. Depois de experimentarem uma ceia medieval, foram a um bar onde passaram a noite dividindo drinks, histórias e risadas.

A cidade acolhia o casal. Tomaram vinho sentados sob os arcos da ponte, ao fundo o a música tocada por um artista de rua, o rio manso refletindo o castelo iluminado, as estrelas como cobertor. A cada dia descobriam algo novo, um lugar, um parque, um museu, um restaurante, conheciam hóspedes novos e se aproximavam mais dos que estavam ficando há mais tempo. Passaram a considerar os hóspedes e a recepcionista como amigos, sentiam que faziam parte de uma família. A estadia se estendia e o Brasil ficava cada vez mais longe. Não importava, estava vivendo.

Voltar ao Brasil não era uma opção. Pediu, então, à amiga do hostel por um emprego. O casal sentia um carinho e atração por aquele lugar assim como ela. Da noite para o dia ele deixou de ser o “ser acolhido” para ser o “ser acolhedor”. Com o tempo, passou a receber os hóspedes como se estivesse recebendo-os em sua própria casa. Dividiam refeições, os afazeres, sonhos, decepções e fluidos corporais. Alguns hóspedes ficavam um curto período, outros pareciam que nunca iriam embora. Mas eventualmente partiam. Em alguns casos esse momento era doloroso, como se estivesse vendo um amigo partir sem saber se o encontraria novamente. Alguns retornavam, outros mantinham contato e os demais ele esperava rever um dia.

No intuito de facilitar o entendimento deste trabalho ao leitor, a estrutura deste e-book é constituída por cinco capítulos, além das referências consultadas. Demonstra-se, abaixo, como a pesquisa foi desenvolvida, a ordem e teor dos capítulos primários:

O capítulo 1 apresenta a contextualização e relevância do tema, assim como os objetivos, problemas de pesquisa e a metodologia utilizada no desenvolvimento do estudo.

O capítulo 2 começa com a jornada histórica referente à gênese alberguista na Alemanha, no início do século XX e a posterior expansão dos albergues da juventude para o Brasil. A seguir, procura-se identificar os elementos de ordem material que originaram esse meio de hospedagem, os acontecimentos determinantes de suas condições atuais, suas similaridades socioespaciais e padrões filosóficos.

O capítulo 3 demonstra algumas variáveis que podem ser consideradas como fundamentais para uma futura classificação do meio de hospedagem hostel. Nele são abordadas as diferenças etimológicas da palavra hostel e da palavra albergue e demonstrado o perfil do público que utiliza esse meio de hospedagem. Posteriormente, relacionam-se os albergues da juventude e os hostels à hospitalidade e ao espaço que ocupam. Por último, se propõe uma matriz classificatória para as áreas físicas desse meio de hospedagem.

O capítulo 4 apresenta e analisa a pesquisa de campo do presente estudo, as entrevistas e questionários aplicados e a análise de seus resultados. Procura-se descrever o panorama mercadológico atual dos empreendimentos intitulados de hostels independentes de Florianópolis, Santa Catarina, assim como seu histórico. Busca-se, com isso, entender como este meio de hospedagem adquiriu suas características atuais.

No capítulo 5 propõe-se, um conceito abrangente de hostel. Nas considerações finais procura-se sugerir outros aspectos essenciais a cada item analisado pela pesquisa, até então desconsiderados, para uma futura classificação oficial dos hostels no Brasil. As limitações de pesquisa são delineadas, abrindo caminho para futuras pesquisas que queiram se aprofundar no tema.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa conceitual dos hostels dentro do turismo	2
Figura 02: Problemática de pesquisa	5
Figura 03: Mapa conceitual dos objetivos de pesquisa	6
Figura 04: Mapa da localização generalizada da amostra	7
Figura 05: Organograma metodológico	8
Figura 06: Mapa da localização geográfica do movimento Wandervogel	15
Figura 07: Batalha etimológica Hostel vs. Albergue	37
Figura 08: Mapa conceitual da possível relação socioespacial dos hostels	52
Figura 09: Grau de incidência das áreas físicas	56
Figura 10: Matriz classificatória de áreas físicas	57
Figura 11: Adequação dos hostels de Florianópolis (SC) à matriz classificatória	60
Figura 12: Análise dos discursos Superficiais vs. Essenciais	66
Figura 13: Mapa conceitual da relação espaço/patrimônio/hostel	70
Figura 14: Representação gráfica do conceito hostel	71
Figura 15: Logo H	72
Figura 16: Utilizações do Logo H	73

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 01: Tipologia dos alberguistas, segundo modelo de Stanley Plog	43
Tabela 02: Principais destinos hostelheiros do Brasil	53
Gráfico 01: Data de fundação dos hostels de Florianópolis (SC)	58

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	
Contextualização e características da pesquisa	1
CAPITULO 2	
A gênese Alberguista	9
O contexto socioespacial anterior à gênese alberguista	9
As raízes alberguistas europeias	12
Cruzando o Atlântico, rumo às Américas	21
Brasil: raízes de uma sociedade hospitaleira ou hospedeira?	24
O advento dos albergues da juventude no Brasil	31
CAPITULO 3	
Variáveis para uma proposta conceitual	31
Um confronto etimológico: Hostel vs. Albergue	36
Perfil geral do público alvo dos hostels	38
O trinômio hostel-hospitalidade-espaço	41
As relações entre hostels e hospitalidade	41
As relações entre hostels e o espaço	44
Denominador comum de áreas físicas	52
Matriz Classificatória de Áreas Físicas	56
Perfil dos hostels de Florianópolis-SC	58
CAPITULO 4	
Panorama atual em Florianópolis (SC)	62
Perfil dos hosteleiros	62
Reflexões sobre o perfil hosteleiro de Florianópolis (SC)	64
A essência dos hostels	65
CAPÍTULO 5	
Hostel, um conceito em formação	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	80

CAPÍTULO 1

CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

O turismo, constitui um campo de estudo ligado às ciências sociais, por corresponder a uma relação entre pessoas e conseqüentemente lugares, sendo que essa relação é inerente ao ser humano, “cuja essência é a sua sociabilidade permanente” (BRESSAN, 2008, p. 07) e suas características estão diretamente e indissociavelmente ligadas aos acontecimentos socioespaciais de um determinado local, em um dado recorte temporal (SANTOS, 1979). As ciências sociais, assim como o turismo, nascem de um contexto histórico da modernidade e se estendem até a contemporaneidade, onde a sociedade é “organizada territorialmente em economias nacionais, cuja unidade e soberania de cada território, é determinada por um poder político e ideológico igualmente nacional”, por vezes opressoras (BRESSAN, 2008, p. 08).

A relação do fenômeno turístico com a hospitalidade é inseparável, já que sem esse último fenômeno, também social, não seria possível a realização do turismo. A hospitalidade constitui um tema complexo que atua como fio condutor das representações socioespaciais do fenômeno turístico (GRINOVER, 2002). O conceito de hospitalidade genuína refere-se ao ato de receber, acolher estranhos e/ou prestar serviços a alguém sem qualquer expectativa de uma recompensa (GOTMAN, 2011; MONTANDON, 2011). A hotelaria, um dos componentes fundamentais do turismo, reside na hospitalidade, tida também como essencial para esse fenômeno (NETTO, 2010), tendo em vista que a hotelaria é a materialização da ideia de hospitalidade.

O local de acolhimento do estrangeiro, portanto o local da hospitalidade, se dá na casa e à mesa do anfitrião (CAMARGO, 2004; CAMPOS, 2005; DIAS, 2002; GRINOVER, 2002; LASHLEY e MORRISON, 2004; MONTANDON, 2011; WALKER, 2002). Assim, a história da hospitalidade caminha lado a lado com a da hotelaria. O objeto do presente estudo, os hostels, encontram-se dentro do campo da hospitalidade, e conseqüentemente dos meios de hospedagem, mas não dentro da hotelaria, pois são meios de hospedagem únicos, com filosofia, missão, características físicas e serviços diferenciados (COBURN, 1950; GIARETTA, 2003; HEATH, 1962; TROTTA, 1978).

O caminho traçado pelos albergues da juventude, apesar de possuir similaridades com as origens da hotelaria, é na verdade um caminho distinto. Possui em sua fundação histórica, assim como no âmago de sua filosofia, os mesmos conceitos da hospitalidade pura e verdadeira, a qual dá origem ao primeiro meio de hospedagem desta tipologia em Altena, Alemanha, em 1912 (COBURN, 1950). Logo após sua criação, a ideia de um local que pudesse abrigar jovens viajantes, promover o entendimento entre culturas, a conservação do patrimônio histórico e do meio ambiente, decolou rapidamente se espalhando pela Alemanha (HEATH, 1962).

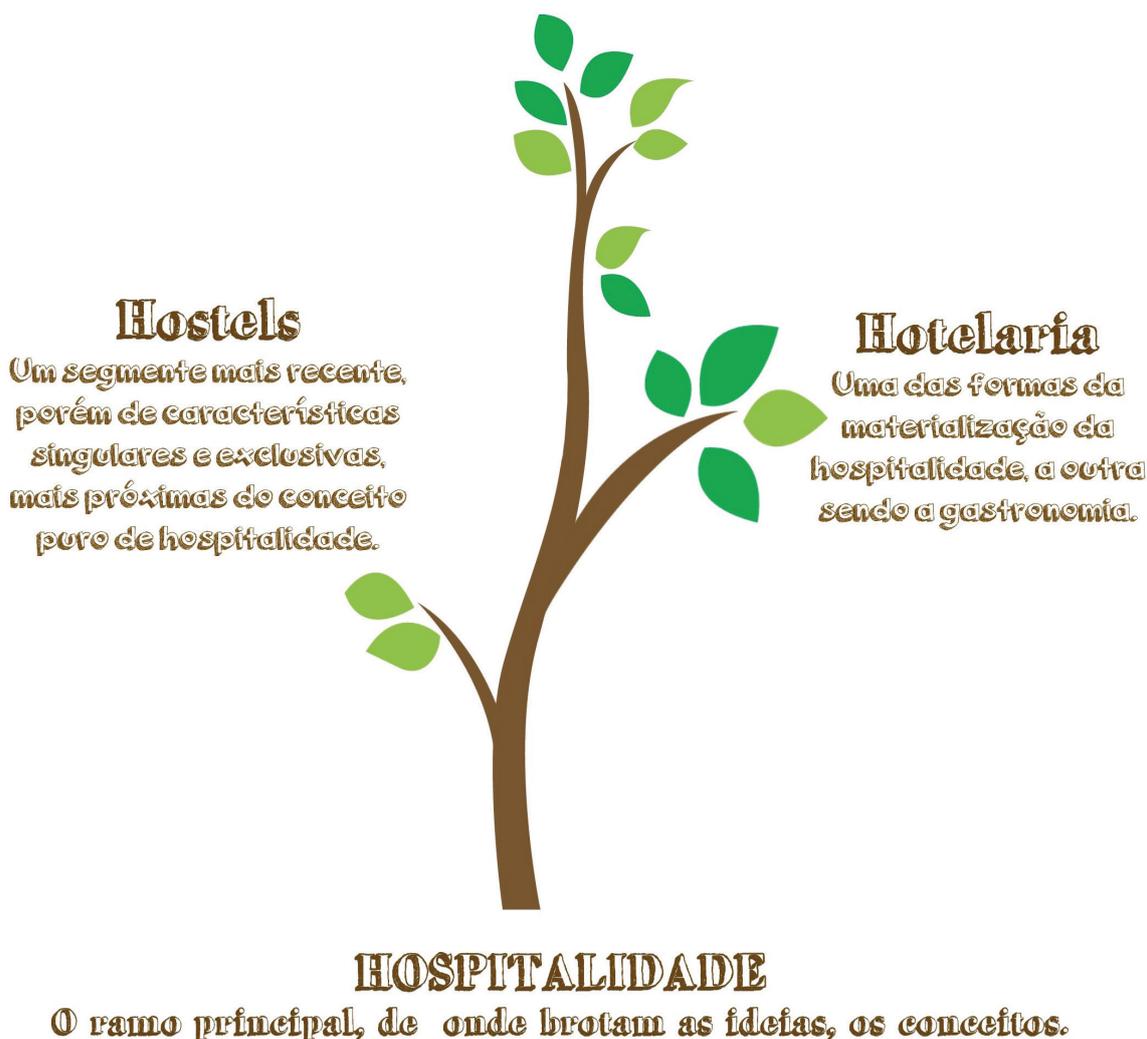
A necessidade de criar uma associação que pudesse supervisionar estes estabelecimentos, proporcionando qualidade aos hóspedes e fidelidade aos conceitos e filosofias propostos inicialmente, parecia óbvia. Assim nasceu o “Comitê Central dos Albergues da Alemanha”, que com o passar dos anos daria origem à Federação Internacional dos Albergues da Juventude (COBURN, 1950; HEATH, 1962), atualmente nomeada de Hostelling International (HI) (HOSTELLING INTERNATIONAL, 2014).

No entanto, há quem deseje possuir um albergue da juventude, sem, contudo, se filiar à associação, sem aderir às regras tais como a delimitação do uso dos albergues da juventude exclusivamente para associados portadores de carteirinha, assim como o limite de idade. Nasceram, assim, os albergues da juventude independentes, intitulados a partir daqui como simplesmente hostels. Esses compreendem qualquer meio de hospedagem que se encaixa na filosofia alberguista estabelecida por Schirrmann, mas não são associados à HI e confinados às suas regras.

Há quem considere que os hotéis convencionais deram à luz os albergues da juventude, sendo esses últimos uma segmentação dos primeiros, simplesmente uma alternativa mais barata e mais rudimentar aos hotéis (CAMPOS, 2005), desconsiderando sua gênese histórica e os acontecimentos socioespaciais únicos que determinam suas características. Na verdade, eles nasceram de uma forma totalmente diferente, em outro contexto socioespacial e histórico, adquirindo características físicas e serviços singulares, baseados em uma missão específica (COBURN, 1950; HEATH, 1962; HOSTELLING INTERNATIONAL, 2014).

Portanto, este meio de hospedagem deve ser considerado em uma categoria única, digno de uma conceptualização oficial também singular, fiel à sua gênese, que pode estar mais próxima dos conceitos originais de hospitalidade do que os hotéis convencionais. A figura 01 demonstra a localização temática dos hostels dentro da disciplina acadêmica do turismo.

Figura 01: Mapa conceitual dos hostels dentro do turismo



Fonte: autor (2015)

O turismo possui grande importância para o desenvolvimento sociocultural e econômico mundial. O turismo da juventude ocupa uma significativa parcela deste mercado e contribui para o desenvolvimento turístico, para a conservação desse e do patrimônio histórico e ambiental (UNWTO, 2010).

Esse segmento, que engloba o turismo estudantil, de intercâmbio, os viajantes jovens independentes e os backpackers, constitui o público alvo dos hostels (NASH, THYNE e DAVIES, 2006) e, de acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT), têm se tornado “uma parte cada vez mais significativa da indústria do turismo global [...], pois [estes são vistos hoje como] valiosos visitantes, que possuem uma contribuição econômica significativa e também desenvolvem habilidades pessoais, laços sociais e vínculos culturais em busca por experiências engajadoras” (UNWTO, 2008, p. ix)

Dentro desse contexto, o meio de hospedagem denominado de hostel também contribui consideravelmente para essa receita e para o desenvolvimento cultural e sustentável do turismo. Apesar disso, a produção acadêmico-científica sobre esse tema é praticamente embrionária no exterior e inexistente no Brasil, a ponto de não existir uma conceptualização e classificação oficial sobre o mesmo. Referente à importância econômica do turismo da juventude, a OMT relata que “cerca de 20% dos 940 milhões de turistas internacionais que viajaram o mundo em 2010 foram os jovens” (UNWTO, 2010).

A magnitude da importância econômica do turismo da juventude e conseqüentemente dos hostels, os quais são o meio de hospedagem mais usado por este mercado (UNWTO, 2010), é quase imensurável, pois tratar-se de um segmento difícil de ser categorizado, suas definições são diversas, multifacetadas e, às vezes, até contraditórias. De acordo com Nash, Thyne e Davies (2006), no Reino Unido os backpackers são responsáveis por 10% do número total de chegadas internacionais no país, “uma estimativa de 2,5 milhões de passageiros” (p. 525).

No Brasil, o segmento de hospedagem é responsável por no mínimo 12% do Produto Interno Bruto (PIB) turístico e as empresas de pequeno porte (onde se enquadram os hostels) representam cerca de 90% de todos os empreendimentos turísticos nacionais (COSTA, FRANCO e HOFFMANN, 2013).

A importância deste mercado vai muito além da econômica. Culturalmente este tipo de turista pode ser caracterizado, em sua grande parte, como aloccêntrico, podendo ser relacionado, principalmente, a uma pessoa curiosa, sedenta por aventura, em busca do desconhecido. Em virtude dessa característica, esse turista realiza um alto nível de atividades nos destinos visitados, gosta de conhecer pessoas de outras culturas, além de priorizar o contato com a população e cultura locais. Como um dos pontos altos de suas viagens, preferem a liberdade e flexibilidade nos locais de destino, ao contrário dos turistas psicocêntricos (PLOG, 1991). Isso resulta uma interação cultural de grande valor para o turismo e para as populações dos destinos, devido à relação entre estes, partindo do enfoque da hospitalidade, da acolhida ao estrangeiro e interação deste com o visitante (MONTANDON, 2011).

Outras vantagens socioeconômicas derivam desse perfil específico, como o fato de que estes turistas viajam o ano todo, não somente nas temporadas de verão. Viajam por todo o país visitado, e não apenas pelos principais destinos turísticos de uma localidade. Usam o transporte público de um destino com frequência e permanecem por longos períodos de tempo em um único local e “tendem a transportar somente elementos essenciais com eles, podendo assim, gastar em empresas locais” (NASH, THYNE e DAVIES, 2006, p. 526). Portanto, o turismo da juventude, assim como outros turistas que usam os hostels como seu principal meio de hospedagem (NASH, THYNE e DAVIES, 2006), possuem uma relação mais próxima e pessoal com o destino turístico e a população local, contribuindo com o desenvolvimento do turismo com ambições sustentáveis e na preservação e promoção dos patrimônios ambos materiais e

imateriais. A relação deste tipo de visitante como o local visitado, com a comunidade local e meio ambiente é concomitante com a filosofia alberguista como se constará mais adiante.

Os hostels estão bem difundidos e os conceitos deste meio de hospedagem são definidos e até mesmo regulados por leis em alguns países, principalmente no continente europeu e América do Norte. Nesses locais, possuem características singulares definidas, diferenciando-os claramente dos demais meios de hospedagem, como é o exemplo da França, que possui um selo de qualidade aceito pelas autoridades nacionais como padrão (THE EUROPEAN CONSUMER CENTRES' NETWORK, 2009). A organização nacional de turismo da Escócia, determina critérios básicos para um estabelecimento ser denominado de hostel (VISITSCOTLAND, 2012). Por tanto, o público alvo desses locais, espera por determinadas características ao se hospedar em um estabelecimento divulgado como tal.

No Brasil, o turismo da juventude, que tem os hostels como seu principal meio de hospedagem, vem ganhando espaço, segundo o Estudo da Demanda Turística Internacional, pois "o interesse de estrangeiros por albergues, campings e hospedagem de baixo custo aumentou de 1,6%, em 2004, para 4,3%, em 2010" (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2012). No entanto, em âmbito nacional este segmento de mercado, por ser relativamente recente, encontra-se em estado de abandono por parte do Ministério do Turismo (MTur). Além disso, os estudos científicos sobre o tema no Brasil encontram-se em estágio embrionário (FEDRIZZI, 2008).

Apesar de sua importância social e crescente participação econômica no turismo, o MTur, excluiu os hostels de sua nova matriz de classificação de meios de hospedagem, por serem considerados meios de hospedagem coletiva e não individual. Não há nenhuma menção a eles na Cartilha de Orientação Básica do Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass), e muito menos uma conceptualização e/ou classificação.

Em contato com o MTur sobre a nova matriz classificatória, a organização simplesmente afirma que no "novo sistema serão 7 matrizes, para os tipos: Hotel, Resort, Cama & Café, Hotel Fazenda, Hotel Histórico, Pousada e Flat/Apart-Hotel. Nesse primeiro momento, os albergues não entraram na classificação" (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2013). Foi solicitado ao MTur, sob o protocolo de número 72550000271201453, a legislação vigente sobre os hostels, tendo sido atestado que realmente "não há legislação no âmbito deste MTur que trate especificamente da questão acerca dos albergues da juventude do Brasil" (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2014).

Aparentemente este tipo de empreendimento encontra-se marginalizado pelas autoridades e pesquisadores nacionais. Poucos estudos são realizados sobre esse meio de hospedagem, o qual carece de um maior número de pesquisas e abordagens conceituais, a fim de que se possa iniciar uma classificação capaz de beneficiar tanto os empreendedores quanto os hóspedes que procuram pelos mesmos. Além disso, há no Brasil uma clara deturpação etimológica do meio de hospedagem intitulado como albergue. Existe uma associação desse termo com a sua tradução literal em português (albergue: local de refúgio para desabrigados e desprovidos de condições financeiras), conferindo um caráter, muitas vezes, completamente equivocado quanto ao seu verdadeiro conceito (CICCIO, TEIXEIRA e SALLES, 2011).

Portanto, é necessária a realização de maiores estudos sobre o tema, para que o turista perceba os albergues de maneira positiva, fazendo desses uma opção fiel a suas raízes conceituais e um meio de hospedagem alternativo viável, não somente para jovens, mas para todos aqueles que se identificam com a filosofia alberguista.

Diante do problema geral apresentado, surgem diversos questionamentos passíveis de análise. Estas questões, tem por finalidade principal, através de um levantamento acadêmico e científico de informações, abarcar todos os elementos a serem verificados no presente estudo (DENCKER, 2007).

As perguntas de pesquisa são:

1. Qual é o papel dos hostels no fenômeno turístico, no exterior e no Brasil?
2. Qual era o panorama de sua gênese na Alemanha e no Brasil?
3. Quais variáveis são essenciais para o entendimento e proposta para um conceito desse meio de hospedagem?
4. Qual é a realidade atual em Florianópolis (SC)?
5. Qual é o perfil das pessoas que frequentam esse meio de hospedagem?

A figura 02 ilustra a problemática da pesquisa, que se resolvida comporia uma proposta holística de um conceito sobre o meio de hospedagem foco dessa pesquisa.

Figura 02: Problemática de pesquisa



Fonte: autor (2015).

Para atingir a proposta do estudo, o objetivo principal é propor um conceito de hostel abrangente, buscando contribuir em uma futura classificação do mesmo, junto ao MTur.

E, dentre os passos para desenvolver o estudo, pode-se destacar a análise da gênese alberguista internacional e brasileira; a distinção etimológica e semanticamente a palavra hostel e albergue; permitindo identificar o perfil do público-alvo desses estabelecimentos; e propor a existência do trinômio hostels/hospitalidade/espço; criando uma matriz classificatória de áreas físicas; e sintetizando a essência desse meio de hospedagem em Florianópolis, SC.

Delimitou-se esses objetivos com base na Taxonomia de Bloom (FERRAZ e BELHOT, 2010). A figura 03 demonstra como cada objetivo específico auxilia na obtenção do objetivo principal e, conseqüentemente, na criação do conceito de hostel

Figura 03: Mapa conceitual dos objetivos de pesquisa



Fonte: autor (2015)

Em termos metodológicos, tem-se a dialética materialista e a análise da formação socioespacial como principal fundamentação teórica. A primeira, propõe que a “compreensão da realidade [é vista] como essencialmente contraditória e em permanente transformação, [e o] desenvolvimento do mundo em constante mudança, resulta da interação de forças opostas” (MARTINS, 2009, p. 50). A segunda, considera que os aspectos naturais, combinados aos eventos sociais, dão resultado a um processo histórico. Esta abordagem é essencial ao entendimento da gênese alberguista, a qual brota de conflitos sociais de sua época, da apropriação singular do território e da influência deste sobre o homem e vice-versa.

Realizou-se uma revisão bibliográfica e documental na área semântica, etimológica e histórica do turismo, hospitalidade e meios de hospedagem, resultando em uma crítica de resultados, através dos documentos bibliográficos disponíveis (LEAL, 2011). Utilizou-se, também, a técnica de pesquisa comparativa, que estuda as semelhanças e diferenças entre grupos, povos, países e/ou eventos, para entender um determinado fenômeno e/ou ampliar o nível de conhecimento sobre um evento específico (DENCKER, 2007; MARCONI e LAKATOS, 2003; MARTINS, 2009).

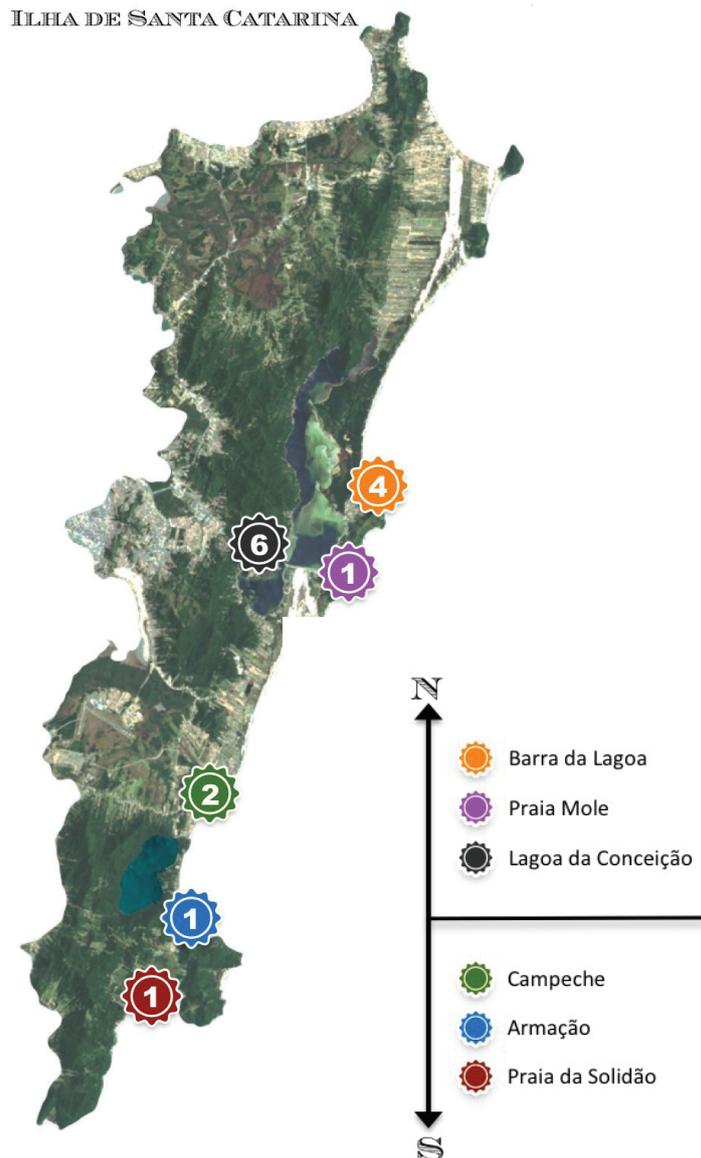
Contemplou-se, para a pesquisa de campo, o universo de hostels independentes de Florianópolis, Santa Catarina, que é relativamente grande, com um total de 28 estabelecimentos. No Brasil há, de acordo com o MTur, até o ano de 2014, cerca de 114 estabelecimentos no Cadastro dos Prestadores de Serviços Turísticos – CADASTUR (LIBÓRIO e OLIVEIRA, 2014). Esse número oficial é ínfimo perto do número real existente no mercado. Segundo o Hostelworld, somente na cidade do Rio de Janeiro existem 130 hostels ativos (HOSTELWORLD, 2014). Os estabelecimentos oficiais representam apenas uma pequena parcela dos atuantes no mercado.

Portanto, o número mercadológico representa a realidade deste segmento que, no momento, se encontra à margem das classificações e fiscalizações do MTur.

Delimitou-se Florianópolis (SC) como local de pesquisa, pois ocupa o significativo terceiro lugar entre os destinos de hostels do país. Além desse fato, deve-se acrescentar ainda a conveniência temporal e financeira que a cidade oferece ao pesquisador, viabilizando a coleta de dados. Finalmente, percebe-se, que esse meio de hospedagem do estado é relativamente mais recente dos que os dois primeiros destinos do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo. A carência de estudos sobre esse tema a nível nacional é preocupante, esse panorama fora do eixo Rio-São Paulo é mais carente ainda. Portanto, os destinos hostelheiros brasileiros marginalizados clamam por pesquisas científicas sobre o tema. Devido a esse fato o universo da pesquisa é delimitado como os hostels em Florianópolis (SC), o qual é constituído de vinte e oito (28) estabelecimentos.

Os participantes foram determinados a partir da amostragem intencional e não aleatória. Todo o universo foi abordado pessoalmente e convidado a participar da pesquisa, via e-mail e telefone. Essa técnica define que "todos os componentes do universo devem ter igual oportunidade de participar da amostra" (DENCKER, 2007, p. 211). A amostra obtida (15 – quinze respondentes) é representativa (53,57% do universo), e foi obtida de forma não acidental, procurando incluir todas as probabilidades. A distribuição geográfica da amostra encontra-se ilustrada na figura 04.

Figura 04: Mapa da localização generalizada da amostra

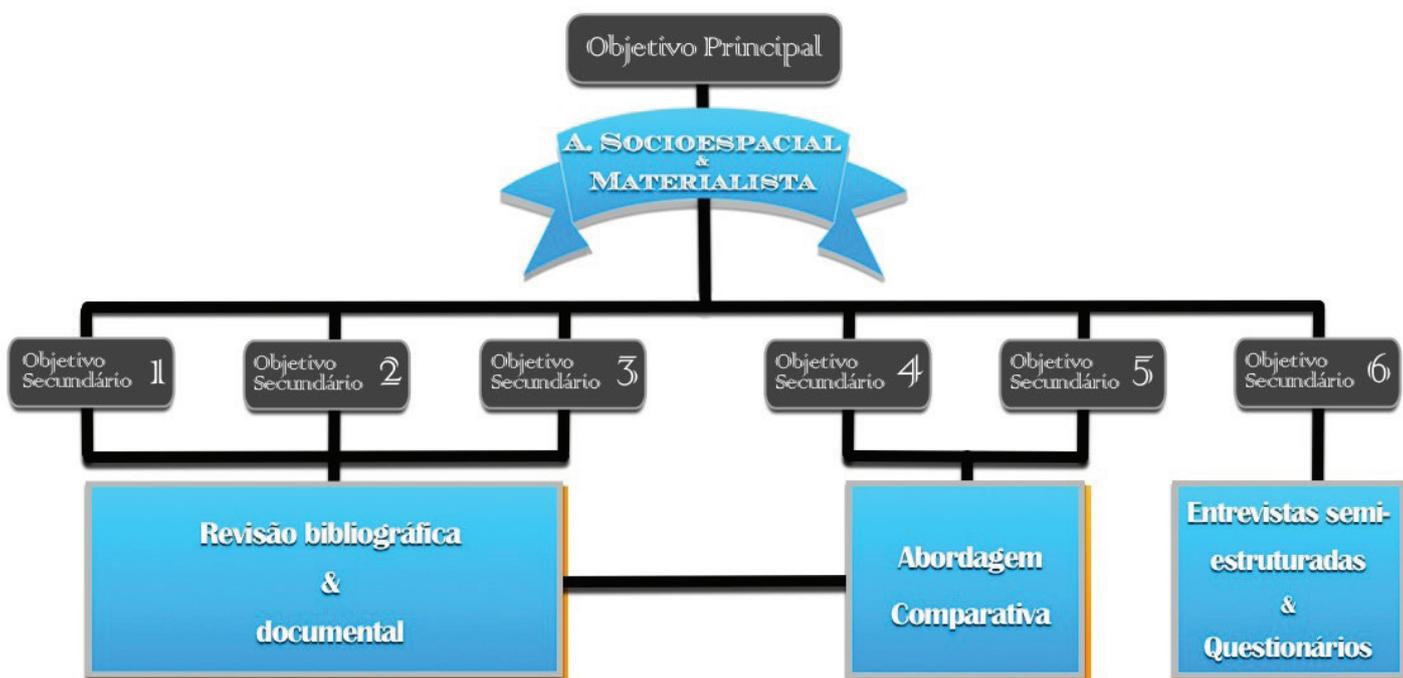


Fonte: autor (2015).

A pesquisa de campo realizada com essa amostra é composta de duas partes, a primeira, uma entrevista e a segunda, um questionário. Para identificar a formação socioespacial, assim como a filosofia dos hostels de Florianópolis (SC), as chamadas “entrevistas não diretas ou em profundidade” são consideradas como ideais pois além de simplesmente compilarem informação, permite a observação participante do entrevistador (SIN, 2003).

Mostra-se, na figura 05, que o método da análise socioespacial e materialista funciona como um filtro, ao qual todas as abordagens e concepções deste e-book devem ser submetidas.

Figura 05: Organograma metodológico



LEGENDA:

Objetivo específico 1:	Objetivo específico 2:	Objetivo específico 3:	Objetivo específico 4:	Objetivo específico 5:	Objetivo específico 6:
Analisar a gênese alberguista internacional e nacional	Distinguir as palavras "hostel" e "albergue"	Descrever, geralmente, o público alvo dos hostels	Propor o trinômio hostel/hospitalidade/ território turístico	Criar matriz classificatória de áreas físicas	Sintetizar a essência dos hostels de Florianópolis-SC
Objetivo principal: Propor um conceito holístico do meio de hospedagem hostel					

Fonte: autor (2015)

Foram obtidas doze (15) entrevistas e questionários válidos, no decorrer dos meses de janeiro a maio de 2015 (≈53% do universo). Essas entrevistas permitem uma análise qualitativa, dividida em dois momentos, a coleta de dados e, posteriormente, a análise e/ou interpretação dos mesmos. A fim de identificar o perfil dos empreendimentos e dos proprietários, uma abordagem quantitativa foi utilizada através dos questionários estruturados, aplicados momentos antes do início das entrevistas e de maneira on-line. Para tratamento e análise dos dados o método de estatística simples foi empregado.

CAPITULO 2

A GÊNESE ALBERGUISTA

Primeiramente, é necessário considerar os movimentos sociais e revolucionários da Alemanha, entre o período pós revolução industrial até a primeira grande guerra mundial, influenciaram diretamente a gênese dos albergues da juventude. Posteriormente, analisa-se a chegada deste meio de hospedagem na América do Norte e no Brasil, no intuito de traçar suas similaridades, assim como suas diferenças.

O CONTEXTO SOCIOESPACIAL ANTERIOR À GÊNESE ALBERGUISTA

Sobre a época precursora ao movimento juvenil alemão, que inspirou a criação dos albergues da juventude, é importante saber que grande parte da Europa havia vivenciado um avanço econômico e tecnológico sem precedentes, entre os anos de 1860 e 1900, em decorrência da Segunda Revolução Industrial (COBURN, 1950; ENGELS, 2009; HEATH, 1962; LAQUEUR, 1962). Durante essa época, o país europeu que ocupou a liderança, foi a Alemanha. No entanto, nem todas as classes sociais experimentaram os mesmos padrões de vida e benefícios oferecidos por essa nova revolução industrial, gerando grandes tensões sociais e “não faltavam exemplos de sérios sintomas de declínio cultural naquele mundo de grande e rápido crescimento e avanço tecnológico” (LAQUEUR, 1962, p. 03).

Antes da mecanização na fabricação de matérias primas, esse processo ocorria sob a supervisão do trabalhador, sob seu conhecimento e dentro de sua propriedade (CASTRO, 2012). O trabalhador, que vivia principalmente no campo, dominava o método de produção e detinha grande parte do lucro do seu trabalho, pois no mundo Feudal, o meio de produção era a terra, ou seja, o campo. Os feudos eram praticamente autossuficientes. Como consequência

os trabalhadores viviam uma existência relativamente confortável, levando uma vida correta e pacífica em toda sua devoção e honestidade. Sua posição material era bem melhor do que a de seus sucessores. Eles não precisavam trabalhar em demasia, eles não faziam nada além daquilo que escolhiam fazer e ainda assim conseguiam o que queriam. [...] eles eram, na maior parte, pessoas fortes, bem construídas [...] suas crianças cresciam no ar fresco do campo e se eles pudessem ajudar seus pais isso era feito ocasionalmente [grifo nosso] (ENGELS, 2009, p. 16).

As crianças e os jovens dessa época (os quais posteriormente seriam os semeadores de movimentos sociais na Alemanha) viviam até então, dentro de uma “simplicidade e intimidade idílicas com seus pais até o casamento [...], frequentavam regularmente a igreja, nunca falavam de política, nunca conspiravam [e] eram extremamente bem-dispostos para com as ‘classes superiores’” (ENGELS, 2009, p. 17). Os movimentos juvenis da Alemanha pregavam uma volta aos modos mais simples de vida, um contato maior com a natureza. Mas não pregavam um regresso puro ao estado em que a sociedade se encontrava anteriormente. As ideologias desses movimentos eram fundamentadas na educação juvenil, no resgate da cultura popular, através da poesia, teatro e principalmente através da música (COBURN, 1950; HEATH, 1962).

A revolução industrial transformou o jovem camponês em uma simples peça produtora a serviço

das classes superiores, através da desapropriação de suas terras e do conhecimento sobre o modo de produção. Como consequência, houve “uma rápida multiplicação do proletariado, a destruição de toda posse de propriedades e da segurança do trabalho da classe trabalhadora, a desmoralização da mesma e [consequentemente] insatisfação política” (ENGELS, 2009, p. 20). Essa desmoralização chega ao ponto de extinguir a moral e os costumes, principalmente dos jovens camponeses recém-chegados à cidade (MARX e ENGELS, 1998). Agora, com a centralização da propriedade e dos modos de produção nas mãos das classes “superiores”, a relação entre os trabalhadores é, principalmente, de rivalidade. Mas esta condição é mutável, pois através das lutas entre classes, do embate entre opostos, transcende para algo novo (LEFEBVRE, 2009; MARX e ENGELS, 1998).

À precariedade desse panorama socioespacial, somam-se as péssimas condições de higiene, saúde, alimentação e segurança dos trabalhadores nas novas cidades recém industrializadas. As condições de vida eram tão desmoralizantes que o trabalhador era rebaixado a um estado sub-humano de existência, em prol do desenvolvimento e bem-estar poucos. Isso se tornou insuportável e as relações interpessoais entre a grande massa humana era cada vez mais fria e distante, o ser humano se tornava cada vez mais alienado. Alienado ao modo de produção que ajudava a realizar, privado dos dividendos resultantes dessa produção, alienado até mesmo da sua terra, da natureza que agora era vista como empecilho, e alienado do seu semelhante.

O homem era impotente, insignificante, apenas uma pequena peça da máquina da revolução industrial, um mero escravo (MARX e ENGELS, 1998). Por mais que esses indivíduos estivessem extremamente próximos uns aos outros, fisicamente, “o brutal interesse [e competição individual], a insensível alienação de cada um em seu próprio mundo se torna cada vez mais repelente e ofensiva” (ENGELS, 2009, p. 37). A noção de que somos seres humanos, especiais, parte de um todo, é extinguida. Essas novas relações humanas resultam na “dissolução da humanidade em mônadas, as quais cada indivíduo tem um princípio e propósito separado dos demais, o mundo de átomos é aqui exercido aos extremos” (ENGELS, 2009, p. 37). Dentro do novo contexto social, o indivíduo, uma vez nascido para labutar, não teria outra opção ou perspectiva durante o resto de sua existência que trabalhar para manter sua condição atual, vivendo em permanente estado de dependência patronal e alienação. Dentro desta nova vigência socioeconômica, o ser humano é privado da possibilidade de mudança, de superação, de transcendência (LEFEBVRE, 2009).

Engels descreve as desumanas condições de vida na cidade de Manchester, Inglaterra, afirmando que especificamente, “em um buraco fundo, numa curva do rio Medlock, cercado nos quatro lados por grandes fábricas e altos taludes, fica um grupo de aproximadamente 200 casebres, donde vivem cerca de 4000 seres humanos” (2009, p.72). Estes casebres eram pequenos, extremamente sujo e velhos, alinhados lado a lado e de fundos conjugados também, davam de frente para ruas desalinhadas, sem drenagem d’água, esgoto e pavimentação. Como consequência as casas, com o passar do tempo, começam a apodrecer, e grandes quantidades de resíduos

de carne putrefata, das mais diversas imundícies repugnantes encontram-se em meio a poças de água parada em todas as direções; a atmosfera é envenenada pelas emanações desses resíduos, e carregada e escurecida pela fumaça de uma dúzia das altas chaminés das fábricas. Uma horda de mulheres e crianças [grifo nosso] vaga em meio às ruas, tão suja quanto os porcos que prosperam dos montes de lixo e das poças d’água. A raça que vive nesses casebres em ruínas, [...] vivendo em porões escuros e úmidos, em sujeira e fedor impossíveis de se medir, depositados nessa atmosfera como se tivessem um propósito, essa raça deve realmente ter chegado ao nível mais baixo da existência humana (ENGELS, 2009, p.72).

Dentro desse contexto é essencial saber que a burguesia usurpava o trabalhador, alienava-o e excluía-lo de qualquer consideração socioeconômica. Os salários semanais eram tão baixos que, após a burguesia ter adquirido sua comida, eram poucos os trabalhadores que possuíam algum capital para convertê-lo em alimento. Os alimentos adquiridos, após quase uma semana de armazenamentos em condições imundas, encontravam-se em condições, no mínimo, precárias. As

batatas eram pobres, os vegetais murchos, o queijo era velho e de baixa qualidade, o bacon ranço. A carne é magra e rígida, tirada de gado velho, geralmente adoecido ou de uma carcaça, morto de causas naturais, a qual não estava fresca nem em quando foi encontrada, e as vezes já em estado de decomposição. [Estes eram os ingredientes] que compõem o jantar de Domingo das classes mais pobres (ENGELS, 2009, p. 80).

Consequentemente as condições de saúde da população pobre desse período na Inglaterra, e similarmente na Alemanha, são tão precárias quanto as descritas anteriormente. Os médicos de Edimburgo, Escócia, que atendiam em casa as famílias mais pobres descrevem a Engels (2009) que devido à ausência de um sistema de esgoto e até mesmo a falta de latrinas nas casas,

todos os resíduos, lixo e excrementos de, no mínimo, 50000 pessoas, são jogados nas ruas todas as noites. Apesar da limpeza feita diariamente, uma massa de lixo seco e vapores repugnantes são criados a partir destes, os quais não somente ofendem a visão e o olfato, mas também ameaçam a saúde dos habitantes em um grau máximo. [Todos] testemunharam que os níveis de doenças, miséria e desmoralização chegaram aos mais altos possíveis (p. 48).

Chega-se à conclusão geral de que as grandes cidades britânicas são habitadas principalmente por trabalhadores, que vivem sem nenhuma propriedade em seus nomes, sobrevivendo apenas de baixos salários que são gastos quase que exclusivamente com comida em condições de consumo inadequadas. A sociedade que se encontra no poder “composta inteiramente de átomos, não se preocupa com os demais, [...] e não lhes dispõe as condições necessárias para que estes consigam se manter de maneira eficiente e permanente (ENGELS, 2009, p. 85). Cada trabalhador, que se encontra em um estado de alienação e desmoralização, é exposto frequentemente à perda de seu trabalho, consequentemente à incapacidade de obter comida, recorrendo ao roubo ou morrendo por inanição ou doenças decorridas do estado pútrido de suas habitações. Não há colaboração entre trabalhadores, pelo contrário, o que se nota é a acirrada competição por trabalho e comida. O senso de humanidade, de empatia é completamente extirpado desses “seres humanos”. De acordo com Engels (2009), vivem como animais e com os animais, alheios à todas as regras e benefícios de uma sociedade moderna, “lutando por pela vida, pela existência, por tudo, [...] essa batalha ocorre não somente entre indivíduos de classes diferentes, mas também entre indivíduos da mesma classe” (p. 87). As mazelas decorrentes dessa condição, além de algumas já citadas anteriormente, são muitas. Como alcoolismo, prostituição e altas taxas de criminalidade. Mas é a desmoralização do ser humano, a alienação, ausência de cultura e educação fazem com que esta condição se perpetue até a situação torna-se insuportável.

O movimento alberguista contemporâneo, possui suas raízes na Alemanha, poucos anos antes da Primeira Guerra Mundial, quando o professor Richard Schirrmann percebeu a necessidade de um tipo de acomodação especial para seus estudantes enquanto em viagens de campo pelo interior da Alemanha (GRASSL e HEATH, 1982). Para compreender melhor os motivos de Schirrmann deve-se procurar entender os aspectos socioespaciais de sua época. As condições de vida da juventude alemã pós revolução industrial (que eclodiram em uma série de movimentos sociais, dos quais o Wandervogel é o primeiro e mais representativos deles) influenciaram diretamente Schirrmann na criação dos Jugendherbergen¹.

O termo wanderlust (sede por viagem ou desejo de vagar/percorrer/perambular) é essencial para o entendimento da filosofia alberguista. Este termo representava uma tradição entre artistas e estudantes da Europa Central, principalmente na Alemanha, e significava, entre outros ideais, o desejo por liberdade, a rebelião pacífica contra a sociedade vigente da época, o regresso e contato íntimo com a natureza, o retorno às raízes culturais populares e o entendimento entre as pessoas (COBURN, 1950; GRASSL e HEATH, 1982; HEATH, 1962; LAQUEUR, 1962). Desse desejo por liberdade – não somente através do contato com a natureza, mas como o que Hegel propõe, de ir além da sociedade civil, criando-se uma alternativa (CIOTTA, 2007) – deu origem a um novo movimento juvenil na Alemanha recém-formada, que provocou uma revolução nos hábitos de um grande número de jovens, deixando suas influências filosóficas marcadas por toda a Europa e, na sequência, nos E.U.A. e nos demais países ocidentais, o Wandervogel (COBURN, 1950; GRASSL e HEATH, 1982; HEATH, 1962; KENNEDY, 1998; LAQUEUR, 1962).

Para Assunção (2012), o ato de viajar, naquela época, representava

um sonho. Novos espaços, culturas, [...] um outro mundo de experiências que se pode compartilhar. A procura por viagens em terras distantes fazia parte de um processo formativo dos homens. Uma ousadia que muitos aventureiros empreenderam na busca de um amadurecimento intelectual e espiritual. Conhecer o estranho e o diferente era uma forma de se educar. Saber olhar o mundo fazia parte de um processo de aprendizagem (p. 77).

As raízes do Wandervogel podem ser traçadas até 100 anos antes desse período, a uma época chamada de Burschenschaft (Tempestade e Estresse) que provocou uma revolta artística, expressada principalmente na literatura, contra as regras da sociedade industrial, do classicismo, contra o governo prussiano e a repressão das emoções individuais. O movimento nascera do romantismo (ou romantismo) alemão, colocando-se deliberadamente contra uma sociedade que via a natureza e seus povos vizinhos como algo a ser dominado e modificado para se adequarem à nova regra social e econômica. Eles expressavam uma luta contra a falta de atenção à juventude e incentivo à cultura popular da época, contra a opressão social vinda, agora, dos senhores industriais (COBURN, 1950). A crise cultural a qual vivia a Alemanha, um país recém unificado², dividiu ainda mais sua população, a qual necessitava drasticamente de um senso de

1 - Em tradução literal para o inglês a palavra em alemão Jugendherbergen significa Youth Hostel, termo adotado pela HI, que no Brasil foi traduzido como Albergue da Juventude.

2 - A unificação oficial da Alemanha em um estado nação politicamente e administrativamente integrado ocorreu em 18 janeiro de 1871 no Hall do Palácio de Versailles dos Espelhos na França. Diversos príncipes dos estados alemães se reuniram ali para proclamar Wilhelm da Prússia como Imperador Wilhelm do Império Alemão. Posteriormente, o Tratado de Frankfurt foi assinado em 10 de maio de 1871, ao final da Guerra Franco-Prussiana, estabelecendo as fronteiras entre a Terceira República Francesa e o Império Alemão, que envolveu a cedência de 1.694 aldeias e cidades, até então sob o controle francês, para a Alemanha (SHEEHAN, 1993).

união. O Movimento Juvenil Alemão foi, em sua essência, “uma forma de oposição apolítica a uma civilização que tinha pouco a oferecer à geração jovem, um protesto contra a falta de vitalidade, calor humano, emoção e ideais” (LAQUEUR, 1962, p. 04).

oferecer à geração jovem, um protesto contra a falta de vitalidade, calor humano, emoção e ideais” (LAQUEUR, 1962, p. 04).

Os Wandervogels possuíam características únicas que o fazem um movimento altamente idealista e romântico, que lutava contra algumas normas da sociedade germânica e buscava um retorno a um modo mais simples de vida, uma aproximação com a natureza, através do folclore e das artes (COBURN, 1950; HEATH, 1962). Em alguns aspectos o movimento possuía, além de sua essência romântica, nuances medievais (LAQUEUR, 1962). Em sua primeira fase, entre os anos de 1900 e 1914, fase essa que é a mais relevante ao presente estudo, os Wandervogels queriam, primordialmente

serem integrados como seres humanos [...] pois se consideravam como uma parte crítica da sociedade que não estava inserida na condução do seu próprio desenvolvimento. Sentiam fortemente o que uma geração de filósofos chamava de alienação. [...] eles queriam uma mudança nas relações humanas e não havia certeza de que estas mudanças pudessem ser alcançadas através do novo sistema político-social. [...] Os Wandervogels escolheram uma outra forma de protesto, o romanticismo. Sua volta à natureza era romântica, assim como suas tentativas de fugir de uma civilização materialista, sua ênfase era em uma vida simples, uma redescoberta das velhas canções populares e folclore (LAQUEUR, 1962, p. 06).

Os românticos, de acordo com Laqueur (1962), prezavam pelo campesinato e se opunham ao crescimento da indústria e do comércio. O indivíduo desse movimento, por rebelião, ao invés de entrar em conflito direto, ou até armado, com a sociedade, escolhia se isolar na natureza. Além disso, um estado opressor tem como potencialidade a criação de classes sociais alienadas, onde o indivíduo alienado, sente-se isolado, separado da máquina social. Em uma situação extrema de alienação o indivíduo pode ser isolar por completo, criando sua própria realidade, ou uma sociedade alternativa. A partir do zero, ou do caos completo, algo novo pode florescer.

O estilo do movimento também pode ser comparado ao dos Wandering Scholars (trad. Acadêmicos Errantes) da Idade Média, os quais eram um grupo de filósofos e parte do clero de países como a França, Alemanha, Espanha e Itália, que protestavam contra as crescentes contradições dentro da igreja através da música, da poesia e performance, muitas vezes dentro de um cenário carnavalesco (WELLBERY e RYAN, 2005). Os primórdios do movimento caracterizavam-se pela informalidade e falta de uma hierarquia devido à anarquia inerente, faltava também objetivos, além do simples vagar por vagar. Para os Wandervogels, o vagar

era uma arte, devendo ser intencional, e aqueles que escolhessem engajar nesse ato deveriam aprender a serem observadores, se tornarem mais familiares com a terra mãe e seus povos. Essa educação através do vagar [ou viajar] deveria produzir um novo alemão, o qual tinha um conhecimento melhor e mais completo de seu país, e sua identificação e amor com a esse era profundamente enraizada na sua experiência pessoal (LAQUEUR, 1962, p. 07).

Essa fase inicial do movimento retrata a essência dos Wandervogels, onde sua filosofia está ligada diretamente à gênese alberguista contemporânea. Os organizadores do movimento perceberam que uma noite bem dormida, mesmo que não fosse sob o céu cheio de estrelas, como defendia as raízes do movimento, traria melhores condições físicas e morais ao grupo, propiciando caminhadas mais agradáveis no dia seguinte, sem contar quando o tempo era totalmente inóspito. Percebe-se aqui as primeiras mudanças filosóficas quanto ao modo de pernoitar do movimento Wandervogel (COBURN, 1950; HEATH, 1962). A filosofia transitava de uma forma totalmente purista rumo à organização de uma classe social, em busca por um meio de hospedagem que pudesse suprir as necessidades especiais desse grupo de pessoas.

Com o tempo o movimento passou a melhor se organizar. Foram desenvolvidos assobios para identificação de grupos, roupas rudimentares começaram a ser criadas para diferenciá-los

dos demais camponeses e estudantes. Foi na música que o movimento Wandervogel deixou seu maior legado, ele propiciou um renascimento da música popular alemã, a qual havia sido negligenciada por um longo tempo, sendo que “[...] as canções compostas pelos Wandervogels são conhecidas e cantadas até hoje em qualquer lugar onde a língua alemã é falada; estas canções se tronaram as verdadeiras canções folclóricas da Alemanha” (LAQUEUR, 1962, p. 19). No entanto, de acordo com Laqueur (1962) toda essa produção cultural era um subproduto do movimento, e a

autêntica e mais profunda experiência do movimento juvenil é difícil de descrever e talvez impossível de analisar: a experiência de caminha à noite e ao nascer do sol, a atmosfera de uma fogueira em um acampamento, as amizades que a floravam. Profundos acordes emocionais eram tocados; a genuinidade dessa experiência não pode ser duvidada. Para muitos [...] era uma estimada experiência que ainda é lembrada e será por toda a vida (p. 19).

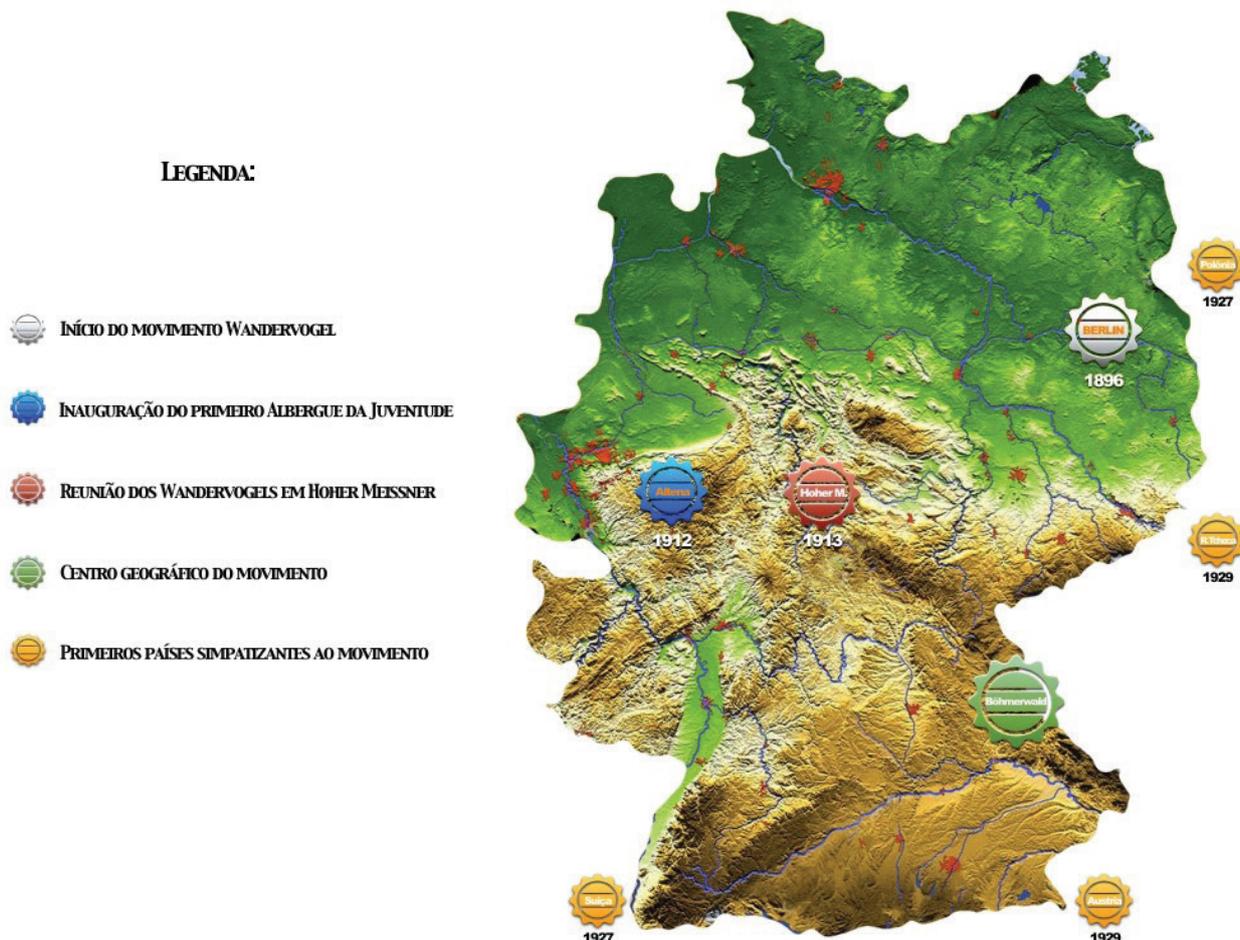
No início do movimento a preparação e planejamento das viagens à natureza eram bem casuais, pois “não havia, ainda, uma rede de albergues da juventude que facilitasse o planejamento de estágios sucessivos em um itinerário” (LAQUEUR, 1962, p. 28). Esse mesmo autor ainda relata que, após retornarem dessas viagens, relatórios eram preparados, descrevendo as experiências pessoais e os aspectos técnicos da viagem, como condições das trilhas, tempo de viagem entre um ponto e outro. Para esses relatórios técnicos, “desenhos, pinturas e fotografias eram coletados e sua a qualidade do material era satisfatória, esses eram publicados em forma de livro” (p. 28). Nasce aqui os primeiros guias de viagens para o futuro turismo da juventude ou turismo backpacker, representados hoje principalmente pelo guia Lonely Planet. A composição inicial do movimento, que era mais individualista e de certa forma anárquica, havia mudado para uma forma mais coletiva apesar dos ideais básicos permanecerem alterados.

Logo o Movimento Juvenil Alemão se estendeu além dos limites de Berlim e entre os anos de 1904 e 1907, Viena e Praga já possuíam representações da filosofia Wandervogel entre os jovens de suas escolas. No entanto a composição predominantemente católica dos Habsburgos³, mudou fundamentalmente as características do movimento na Áustria, tomando uma consciência política mais ativa e menos voltada ao “paganismo” (LAQUEUR, 1962). Apesar dos maus olhos postos sobre o Wandervogel pela igreja, monarquia e demais partes da sociedade alemã, o movimento “agiu como um importante corretivo à personalidade egoísta que, nem a escola ou a educação parental, poderia, naquela época, provir jovens daquela idade com a autodisciplina e senso de camaradagem que o movimento juvenil demandada de cada membro” (LAQUEUR, 1962, p. 30). A filosofia Wandervogel era a porta de entrada para valores éticos e estéticos negados à juventude alemã daquela época.

O coração geográfico do movimento era a região de confluência dos estados da Baixa Saxônia, a Turíngia e o Hesse (figura 06). Não é à toa que os praticantes desse movimento escolheram essa região para suas caminhadas, pois aqui encontra-se a região de natureza mais bem preservada do país, o começo dos alpes que culminam na fronteira entre a Suíça e Áustria e, até hoje, o estado de Hesse é o mais bem preservado ambientalmente, com 42% de seu território coberto por florestas (HESSEN, 2010).

3 - A Monarquia dos Habsburgos é uma denominação não oficial entre os historiadores para os países e províncias, que eram governadas pelo ramo austríaco da Casa de Habsburgo de 1526 até 1780 e, em seguida, pelo ramo sucessor de Habsburgo-Lorena até 1918. A monarquia era um estado composto composto de territórios dentro e fora do Sacro Império Romano, unidos apenas na pessoa do monarca. A capital dinástica era Viena, exceto 1583-1611, quando foi transferida para Praga. De 1804 a 1867, o Império Habsburgo foi formalmente unificado como o Império Austríaco, e de 1867 a 1918 como o Império Austro-Húngaro (BRITANNICA, 2014).

Figura 06: Mapa da localização geográfica do movimento Wandervogel



Fonte: elaborado pelo autor (2014)

Em uma sociedade predominantemente protestante e rural, o comportamento dos Wandervogels ganhou um número razoável de participantes e simpatizantes, ao contrário de regiões onde havia a presença forte do catolicismo e judaísmo. Aos olhos das quais estes atos eram vistos como demonstrações perigosas de paganismo. Parte dos imigrantes alemães que foram povoar a América do Norte, entre o período de guerras e após a Segunda Guerra Mundial, provinham dessa região e/ou faziam parte desse movimento ou outros similares. Estes imigrantes, posteriormente, acharam a liberdade que procuravam nas terras ainda relativamente virgens e despovoadas do novo mundo. Não muito tempo após sua chegada eles foram semeadores fundamentais do movimento hippie norte-americano nos anos 60 (KENNEDY, 1998). Os albergues da juventude chegaram ao Brasil junto com o apoio e participação da geração “pé na estrada”, dos hippies brasileiros e dos estudantes dos anos 70 (HOSTELLING INTERNATIONAL-BRASIL, 2009).

Em um acontecimento marcante da história do movimento, mais de quatro mil jovens peregrinaram através de toda a Alemanha, muitos deles a pé, até a região montanhosa de Hoher Meissner e se reuniram para explorar a natureza, cantar e dançar. Esta reunião marca o fim da primeira fase dos Wandervogels. Inúmeros discursos, alguns deles altamente inflamados e cheios de caráter social e revolucionário, incendiaram muitos dos participantes. Deste ponto em diante o movimento deixa, cada vez mais, seu lado romântico e idealista, adquirindo, gradualmente, um caráter revolucionário, procurando mudar a sociedade vigente ao invés de simplesmente proporcionar uma experiência intimista aos seus membros. Esta fase do movimento, apesar de ser importantíssima para o seu entendimento, não é relevante para o presente estudo, pois a filosofia inicial, que insemna os albergues, é aos poucos modificada por outros ideais.

Eventualmente o movimento juvenil tanto na Alemanha, quanto na Áustria e República Tcheca nunca superou a divisão social existente e nunca se tornou um movimento capaz de mudar drasticamente a sociedade de sua época. A sociedade ocidental começou a se tornar cada vez mais individualista e alienada, afastada da natureza e do entendimento entre seus pares. Além disso, outros motivos contribuíram para a extinção dos Wandervogels. A Primeira Grande Guerra freou qualquer chance de viagens em meio à natureza e os jovens já aptos foram alistados à guerra. Poucos anos antes à Segunda Grande Guerra, o partido nazista, praticamente recém fundado após o termino da Primeira, viu nos Wandervogels a “mão de obra” perfeita. A juventude Wandervogel, extremamente conhecedora de seu território e em excelentes condições físicas foi destituída de suas vestimentas, de seus cantos, de sua poesia e de seus ideais. Foram incutidas em suas mentes, assim como à toda a população alemã, ideias nacionalistas exacerbadas, onde o estranho agora era visto como inimigo, um problema a ser extirpado (COBURN, 1950; HEATH, 1962).

De qualquer modo, a essa altura, os albergues da juventude já haviam sido criados e disseminados por grande parte da Europa. Schirrmann fez com que os ideais originais dos Wandervogels fossem assimilados aos albergues. Diferente do caráter revolucionário do movimento juvenil alemão, seu maior objetivo era simplesmente aliviar a opressão e miséria sentida pelas crianças das grandes cidades germânicas, através de viagens ao interior do país (HEATH 1962). Ele percebeu que essas viagens poderiam lhes oferecer muito mais do que um conhecimento científico sobre o assunto visto em aula, pois a apenas “alguns passos, eles estariam no interior, sob o céu, livres, à luz do sol e à brisa” (COBURN, 1950, p 10).

Richard Schirrmann almejava pela aproximação dos indivíduos e desses com a natureza, antes vista como inimiga. Visionava um retorno à uma vida mais simples e satisfatória, onde, o aprendizado fosse contínuo e onde reinasse a felicidade e o entendimento entre as pessoas, características presentes até hoje em determinados hostels e no perfil backpacker (PEARCE e FOSTER, 2007). Um local onde

a cada possível momento, em todas as estações do ano [seus alunos] pudessem estar ao ar livre, fora do confinamento espacial da sala de aula. Em caminhadas e aulas “alfresco” (ao ar livre) seus pupilos aprendiam história natural e geografia de uma maneira que nenhuma escola ou livro poderiam lhes ensinar, isto foi a fundação da sua teoria da “Die Wandernde Schule” (The Roaming School), a Escola Itinerante (HEATH, 1962, p. 08).

No início de suas aulas ao ar livre, de sua Escola Itinerante, as viagens duravam apenas uma manhã ou uma tarde. Com o passar do tempo ele percebeu a necessidade de estender suas lições, o que passou a exigir locais para pernoitar seus alunos. Nesse período, esses pernoites eram realizados como os Wandervogels no início de sua fundação, ao ar livre ou em acampamentos e celeiros de fazendeiros que decidiam, de boa vontade, atendê-los. Esses pernoites em celeiros representavam atos similares à hospitalidade genuína experimentada pelos primeiros viajantes de nossa civilização, o acolhimento desinteressado de estranhos por estranhos (MONTANDON, 2011).

Nesses casos os anfitriões, seres acolhedores, percebiam a necessidade de ajudar estranhos, os seres acolhidos, em situação de dificuldade (HEATH, 1962). Na primeira noite de uma de suas viagens de campo, planejada para se estender por oito dias, “o grupo foi confortavelmente acolhido em um celeiro, onde o fazendeiro gentilmente lhes providenciou cobertores e lhes deu leite e ameixas” (HEATH, 1962, p. 13). A demonstração de hospitalidade materializa-se aqui, através da promoção de abrigo e da dádiva do alimento dentro das condições do ser acolhedor, por mais simples que esse possa ser (MONTANDON, 2011). Com o tempo, a culinária torna-se parte integrante da experiência em um albergue da juventude (HEATH, 1962). Assim é, também, com o turismo, a culinária e/ou a gastronomia representam a outra face da hospitalidade, a primeira sendo a acomodação (KRAUSE e BAHLS, 2013).

Próximo ao final de sua viagem o grupo foi surpreendido por uma forte tempestade. O único lugar que pode acolhê-los foi a pequena escola de uma comunidade local na vila de Aachen. Desse

contratempo surgiu uma ideia, que promoveria uma reforma pedagógica e mais tarde, sem a intenção inicial de seus criadores, se tornaria uma das maiores cadeias de hospedagem do mundo, a HI (COBURN, 1950; GRASSL e HEATH, 1982; HEATH, 1962). Schirrmann relata

eu pensei comigo mesmo que as escolas por toda a Alemanha poderiam muito bem serem usadas para providenciar acomodação durante as férias escolares. Vilas na parte boa do país para caminhadas poderiam ter um "Youth Hostel", situados um dos outros a um dia de distância de caminhada, recepcionando todos os jovens alemães que gostassem de caminhar (HEATH, 1962, p. 14).

Esse evento, no dia 26 de agosto de 1909, na viagem de Altena à Aachen, de acordo com Heath (1962), marca a fundação do movimento alberguista alemão. Mas, Schirrmann não procurava somente um lugar para passar a noite, mas um meio de hospedagem ainda inexistente, para um tipo de viajante que estava começando a "cair na estrada". Ele procurava por um santuário, um lugar acolhedor onde seus alunos pudessem se sentir em casa, bem recebidos e seguros. Acima de tudo ele procurava manter vivo o "espírito livre dos "das Wandern" (os Vagantes) que parecia ameaçado de extinguir-se através do crescimento do confortável materialismo da burguesia", pois a Alemanha, a partir da segunda metade do século XIX, passava por uma grande mudança econômica e social, um "milagre que recentemente havia unido o Império Alemão: a industrialização" (HEATH, 1962, p. 15).

A solução para este problema foi a de usar uma infraestrutura já existente, a das escolas primárias alemãs, ao invés de criar, do zero, novos meios de hospedagem. Em 1910, Schirrmann redige as primeiras regras dos albergues da juventude em uma carta enviada a diversas escolas, pedindo a essas que se unissem em torno da ideia de que uma rede de albergues era beneficiária ao ensino da juventude alemã, marcando o início dos albergues sazonais e os primeiros conceitos sobre este novo meio de hospedagem. Para convencer as escolas Schirrmann delimitou as responsabilidades das mesmas, ficando ao cargo dos alunos parte da manutenção e custo do novo empreendimento. O professor ressalta, em seu pedido às escolas, que

cada criança será exigida a manter seu espaço de dormir limpo e organizado. O zelador de cada escola providenciará lençóis limpos [até hoje uma regra essencial a todo hostel]. Em cada local, um professor agira como diretor/guardião honorário [primeira denominação do papel que hoje é realizado pelo recepcionista], aceitando reservas com antecedência, [...] mantendo o livro de hóspedes, supervisionando a limpeza do hostel e das camas e administrando os recursos financeiros (HEATH, 1962, p. 17).

O pedido tocou o coração e as mentes de diversas escolas. Em pouco tempo vários professores passaram a reconhecer o valor das viagens de campo para a saúde e aprendizado de seus pupilos. Estes primeiros estabelecimentos improvisavam colchões de palha e cobertores em uma sala de aula durante as férias de verão escolares. Ele propôs chamar estes locais de "Jugendherbergen" e em pouco tempo foi possível equipar o "Jugendherbergen da escola de Nette com camas ao invés de colchões de palha (COBURN, 1950). Os visitantes vinham de longe, alunos em aula com seus professores, estudantes independentes e os Wandervogels... E não somente durante as férias escolares" (HEATH, 1962, p. 18). Uma estudante do colégio de Nette relembra, a Heath (1962), a experiência de receber um grupo de alunos e Wandervogels em sua escola como lúdica, mágica e enaltecida. O impacto dos Jugendherbergen fazia-se presente não apenas entre aqueles que viajavam, mas também nos que recebiam os viajantes, o que significa a relação entre ser acolhido e ser acolhedor, princípio básico da hospitalidade de acordo com Montandon (2011). A hospitalidade nessa relação também pode ser inversa.

O sucesso desses albergues foi o empurrão necessário para que Schirrmann construísse o primeiro albergue permanente, dentro de uma parte do Castelo de Altena⁴, em 1912, "com um

4 - Altena é uma cidade no distrito de Märkischer Kreis, Renânia do Norte-Vestefália. O castelo da cidade, situado acima das margens do Rio Lenne, foi edificado pelos Duques de Berg no início do Século XII. Berg era um estado - originalmente um condado, posteriormente, um ducado - na Renânia, Alemanha. Sua capital era Düsseldorf, existindo como uma entidade política distinta do Século XII ao XIX. A unificação do território que viria a constituir a Alemanha, só aconteceu em 1871, sob a hegemonia da Prússia.

design próprio, contando com dois dormitórios, sala social, uma cozinha, lavabos e banheiros. Grandiosos beliches de madeira harmonizavam com o estilo do castelo” (COBURN, 1950; HEATH, 1962, p. 22). Após séculos sem uso o castelo passou por uma completa restauração em 1909, para celebrar o 300º aniversário da incorporação dos Condados de Mark⁵ à Prússia, permitindo a Schirrmann usufruir de sua excelente localização e infraestrutura. Ainda hoje, há quartos do primeiro albergue à mostra e novos quartos foram construídos, tornando-o o mais antigo e ainda em operação albergue da juventude do mundo. Nota-se, aqui, os primeiros princípios de reutilização e conservação do patrimônio histórico edificado que é inerente à essência dos albergues.

Pela primeira vez na história os estudantes contavam com um tipo de acomodação própria, adequadamente equipada, um local de encontro hospitaleiro que apesar de “ter suas raízes no passado, olhava para o futuro” (HEATH, 1962, p. 22). Esta configuração física está relacionada diretamente com a filosofia proposta por Schirrmann e, posteriormente, define as características oficiais da cadeia de albergues que estaria por vir. É neste momento que se definem os requisitos básicos de um Jugendherbergen, que determinam também seu caráter social que perdura até os dias de hoje. Portanto, deveria conter essencialmente (COBURN, 1950; HEATH, 1962):

- Um grande quarto dormitório (que provesse abrigo, segurança e um mínimo de conforto aos estudantes, gratuitamente ou sem custos elevados);
- Um banheiro compartilhado que pudesse servir os alunos (conferindo condições mínimas de higiene pessoal e local);
- Uma cozinha comunitária (conferindo diversas condições de hospitalidade, pois era nesse espaço que as refeições eram compartilhadas);
- Uma área social interna e/ou externa – sala, salão, terraço e/ou qualquer ambiente amplo e sociável – onde os alunos se reuniam para as mais diversas atividades (proporcionando um ambiente escolar nas viagens de campo, substituindo a sala de aula, como uma escola a distância; promovendo convívio social. Um local onde os alunos, jogavam e cantavam, discutiam os achados do dia e planejavam a próxima incursão a campo);
- A figura do Hausvater ou da Hausmutter: pessoa que residia no albergue, ou muito próximo a este, e conhece muito bem a região (o destino turístico). Cuidava da limpeza e, além de providenciar as refeições noturnas, também entretinha os hóspedes e lhes ensinava sobre a cultura local, exercendo o papel de anfitrião, mais tarde concebido na figura do recepcionista.

Estabelecia-se então os primeiros critérios que serviriam como diretrizes para a criação das estruturas físicas e serviços deste recém-criado meio de hospedagem. Estes critérios foram adotados na criação dos demais estabelecimentos que compuseram a primeira associação de Albergues da Juventude na Alemanha, e são, até hoje, respeitados pela maioria dos hostels contemporâneos (HEATH, 1962; COBURN, 1950; TROTTA, 1978; GIARETTA, 2003; MATSIS, 2013).

O sucesso do Jugendherbergen Altena, motivou várias pessoas com tal confiança e dinamismo, que em apenas alguns anos depois, em 1914, os pernoites foram contabilizados em 17 mil e o número de estabelecimentos passou para 200. Uma associação foi criada para manter estes albergues e Schirrmann deixou seu emprego de professor para tornar-se o primeiro Secretário Geral da recém-formada HI da Alemanha (COBURN, 1950; DEUTSCHE JUGENDHERBERGSWERK, 2014; HEATH, 1962; INTO HISTORY, 2014; STADT ALTENA, s.d.). A Primeira Grande Guerra (1914-18) freou o crescimento dos albergues alemães. O pai de Schirrmann assumiu o posto de pai alberguista no castelo de Altena, mas aquele período estava longe de ser seguro para que jovens estudantes perambulassem pelo interior do país.

5 - O condado de Mark (em alemão: Grafschaft Mark) era um município e estado do Sacro Império Romano no Baixo Círculo Reno-Vestefália. Ficava em ambos os lados do rio Ruhr ao longo dos rios Volme e Lenne. Os condes de Mark estavam entre os senhores Vestefália mais poderosos e influentes do Sacro Império Romano.

Assim, após o término do conflito Schirrmann percebeu que, por razões de sociabilidade, hospitalidade e segurança, era essencial à existência dos albergues da juventude que o “Hausmutter ou “Hausvater” (em inglês Houseparent⁶, em português o pai alberguista), fosse uma pessoa residente permanente no albergue ou que residisse muito próximo a esse. As principais funções desse anfitrião eram as de providenciar aos alunos suas refeições, permitir o acesso ao albergue apenas aos associados, cuidar para que os alunos mantivessem o albergue organizado e limpo, e supervisionar as demais necessidades dos alunos e do empreendimento (COBURN, 1950; GRASSL e HEATH, 1982; HEATH, 1962).

Suas responsabilidades iam além dos detalhes técnicos da profissão recém-formada, pois esses pais e mães alberguistas eram a “alma” do local, zelava pelo engajamento social do grupo que se hospedava ali e sua personalidade produzia um ambiente amigável e social que somente um albergue da juventude pode proporcionar. Percebe-se, então, que os primeiros Jugendherbergen eram, em sua essência, uma demonstração dos conceitos de hospitalidade de um determinado local e época, demonstrações estas que eram regidas pelo Houseparent (hoje função exercida pelo recepcionista) e que estão diretamente associadas ao patrimônio edificado e cultural de um determinado local (MATSIS, 2013).

Grande parte da Alemanha achou uma válvula de escape no movimento alberguista. Muitos perceberam que as viagens ao campo de forma segura, saudável e barata eram um meio de escapar da desolação urbana em que se encontrava a Alemanha no período pós-primeira-guerra, e neste “país dividido religiosamente, socialmente, e até mesmo em suas atividades de lazer, a HI da Alemanha teve um valor único, ao unir a juventude alemã de todos os planos sociais e religiosos” (COBURN, 1950, p. 13). O caráter social (integração), filosófico (liberdade) e moral (respeito) eminente na alma da juventude alemã foi a força motriz para a e proliferação dos albergues da juventude, os quais possuem, até hoje, esses conceitos incutidos em sua essência.

Em 1926, Schirrmann lança um livreto que marca o início da padronização física dos albergues da juventude, ressaltando a sustentabilidade como princípio fundamental. Em traços gerais ele aconselha novos empreendedores a criar acomodações voltadas à juventude, pois o intuito dos albergues não era o de

construir uma fortaleza medieval sombria [...], os prédios devem acomodar a geração em ascensão, [portanto devem ser] leves, simples e funcionais, facilmente ventilados, mas ainda retendo a beleza e o calor, um local agradável de se viver. O estilo de arquitetura deve sempre ser baseado nas características nativas da paisagem onde se encontram... cada novo edifício deve ser um memorial genuíno ao nosso tempo, uma expressão da forma, um marco do qual a posteridade não se sentira envergonhada” (HEATH, 1962, p. 33).

Estas declarações estabeleceram os padrões dos albergues para época na Alemanha e por consequência no mundo pelas décadas a seguir. Outras recomendações do livreto, baseado na experiência profissional de Schirrmann, determinavam outros padrões mínimos de áreas físicas, como um número mínimo de 30 a 40 camas, podendo, assim, acomodar uma sala de aula inteira (HEATH, 1962). A Europa oriental aderiu com rapidez e entusiasmo ao movimento alberguista e, em 1927, já havia relatos de empreendimentos hostelheiros permanentes e criados especificamente com as recomendações de Schirrmann, na Suíça e Polônia. Logo depois, em 1929, a Áustria e República Tcheca também aderem ao movimento. No entanto, nos países ocidentais, com exceção da França, houve um atraso considerável na aceitação desses novos ideais, como foi o caso da Inglaterra, tão distante geograficamente e culturalmente, onde os primeiros registros de Jugendherbergen datam de aproximadamente 1931 (COBURN, 1950). Também na Inglaterra o ser humano, principalmente os jovens, envolvido no processo industrial, sentia-se usurpado e, a cima de tudo, alienado. A desapropriação do homem do campo de

6 - Em tradução literal do alemão significa “pai ou mãe da casa”. Pode-se entender, em tradução mais liberal, como “anfitrião”, o qual é hoje conhecido como recepcionista dos albergues contemporâneos.

sua terra, incumbindo-o de tarefas estranhas ao seu conhecimento, o rendeu extremamente dependente de um trabalho que agora não lhe pertencia. Essa sociedade suprimida inicia sua busca por melhores condições de vida, assim diversas legislações foram implantadas no decorrer do século XIX que beneficiaram, primeiramente, as crianças, depois as mulheres e, finalmente, os homens trabalhadores nas indústrias. Estas conquistas são apenas reformas, pois não visavam a libertação do trabalhador, não buscavam colocar o ser humano acima do modo de produção, e sim, simplesmente, melhores condições de trabalho (ENGELS, 2009). Se inicia, então, um processo de glorificação do trabalho ao invés da tentativa de se sobrepor ou retomá-lo para si próprio (LAFARGUE, 2003).

O conceito de lazer começava a ser traçado e o princípio de férias pagas gradualmente se tornava o padrão para a época. Segundo Lafargue (2003) esse direito à preguiça, o direito ao ócio criativo, ao lazer, deveria ser usado pelo trabalhador como um tempo para ele próprio, o tempo livre. Livre no sentido de não simplesmente estar desocupado, mas livre intelectualmente e fisicamente do aprisionamento do trabalho, até então idolatrado por parte da sociedade. Nesse sentido, o trabalhador deveria usar seu tempo livre para se instruir, se iluminar, gradualmente se libertando de sua condição de oprimido (LAFARGUE, 2003). Uma dessas maneiras de libertação era a de um retorno a uma vida simples, em contato com a natureza, tomando, assim, as rédeas de sua própria vida, como pregavam os Wandervogels (HEATH, 1962).

A juventude encontra o refúgio perfeito nos albergues da juventude. No período entre guerras os jovens britânicos que podiam viajar, estavam redescobrendo a Alemanha e sua bela paisagem natural, principalmente a região dos Alpes, coração geográfico do movimento Wandervogel. Eles se hospedaram, em sua maioria, em albergues da juventude. Ao retornarem à Inglaterra, traziam consigo relatórios exemplares deste meio de acomodação. Os alunos britânicos imaginaram uma rede similar em seu próprio país (COBURN, 1950). Em 1929, o Conselho Britânico da Juventude publicou oficialmente em seu programa anual o “estabelecimento de Youth Hostels, sendo a primeira vez que estas duas palavras estavam sendo usadas para traduzir Jugendherbergen” (COBURN, 1950, p. 15), e nasce aqui a Youth Hostel Association (YHA). Apenas dois anos após a criação da YHA, em 1931, haviam na Inglaterra 73 estabelecimentos em funcionamento, com 1562 camas disponíveis e mais de 6 mil membros associados, “um ano depois, o número de associados era de mais de 16 mil para 132 hostels e aproximadamente 80 mil diárias haviam sido registradas” (COBURN, 1950, p. 39).

Enquanto isso, no entanto, outro movimento social estava brotando na Alemanha, um país que vinha sofrendo com “anos de desemprego, desespero e rixas políticas, trazendo a maioria dos alemães a um ponto onde eles seguiriam qualquer profeta que pudesse oferecer esperança” (HEATH, 1962, p. 44). Através das revoluções propostas pelo partido Nazista a democracia estava fora do mapa mais uma vez. A popularidade do movimento alberguista não pôde ser ignorada e ao invés de liquidá-lo, os nazistas adaptaram a filosofia romântica alberguista, aos princípios nazistas de alta aptidão física, intelectualismo excessivo e espírito de liderança, rumo à revitalização e purificação de uma nova e unificada Alemanha. Ainda anos mais tarde, viajar, segundo Coburn (1950) e Heath (1962), no período pós Segunda Guerra, era praticamente impossível tanto do ponto de vista econômico quanto moral.

É nesse momento que Monroe Smith, fundador do primeiro Youth Hostel estadunidense, que já nessa época havia se tornado amigo confiante de Schirrmann, vem socorrer o movimento alberguista alemão. Após 15 meses do término da guerra, os dois amigos embarcaram numa turnê tentando ressuscitar o movimento alberguista alemão. Schirrmann com os discursos, Smith com os recursos e lentamente os youth hostels começam a recuperar seu vigor e entusiasmo, sua jovialidade, seu romantismo e idealismo. Na última conferência da qual participou, pouco antes de sua morte em 1961, Schirrmann define os albergues como uma “casa na qual todos os “andarilhos” podem se encontrar, onde todos têm os mesmos direitos e deveres e todos pertencem à nação da juventude” (HEATH, 1962, p. 60).

O primeiro albergue canadense teve início “em uma barraca solitária em uma área, até então deserta, no sopé da fronteira entre a Reserva Indígena Sarcee e a Reserva Florestal, cerca de 25 km ao sudoeste de Calgary” (EDGELLER, 1988, p. 158). A Sra. Mary Belle Barclay acreditava que as cordas desta barraca davam suporte não somente à pequena tenda na floresta. Na verdade, se esticavam do Pacífico ao Atlântico, oferecendo hospitalidade para todos aqueles que viajavam através do Canadá no início do século XX, mantendo o movimento, chamado hoje de alberguista, em constante crescimento.

Mary Barclay, nascida em 30 de julho de 1901, tida como a fundadora do movimento alberguista canadense, vem de uma família calvinista escocesa que migrou para o Canadá em meados do Séc. XIX. Em 1905 uma das primeiras medidas parlamentares canadenses era a de abrir novas terras para os colonizadores vindos da Europa, assim a família recebeu 160 acres na região de Meadowbrook⁷. A condição de vida era penosa e árdua, e por volta de 1910 a família se encontrava em dificuldades financeiras, incapaz de quitar suas dívidas com o governo (EDGELLER, 1988).

Em 1921, Mary Belle se forma no ensino médio, conseguindo uma vaga como professora numa região semidesértica no Distrito de Trinity. Em 1925 ela deixa o cargo de professora afim de estudar pedagogia na Universidade de Chicago, experiência esta que posteriormente lhe daria base para os trabalhos com grupos de alunos em meio à natureza. De volta a Calgary começou a lecionar e como atividade extracurricular tomou conta do grupo “Canadian Girls in Training”. Em uma das viagens com este grupo passou a noite em uma reserva indígena, dentro de uma cabana improvisada com postes de madeira, um pano como cobertura e vários cobertores que mantiveram as estudantes relativamente confortáveis. Mesmo inconscientemente Mary Belle estava criando o primeiro albergue da juventude canadense (EDGELLER, 1988).

Mary Belle passa a se dedicar à natureza e com um sonho de mandar alguns de seus alunos ao exterior em intercâmbios de estudos, planejando uma empresa de viagens, a qual teria como objetivo enviar estudante à França e Inglaterra. As irmãs haviam lido um artigo no *Christian Science Monitor*⁸ sobre Hostels na Inglaterra e Escócia, onde havia um Houseparent, que cuidava dos alberguistas. Barclay viu nesse tipo de hospedagem a oportunidade perfeita para realizar o envio de sua estudante ao exterior, sem possuir experiência com intercâmbios de viagens. A ganhadora, Beth Laycraft, foi enviada à Inglaterra de navio em 1934.

Enquanto isso as viagens de campo continuaram através da escola de Mary Belle, e a ideia de montar um albergue definitivo perto da reserva indígena começou a tomar forma. Após reunir algumas finanças com sua família, alugou um pedaço de terra pelos 4 meses do verão de julho de 1933, e dirigindo o Ford-T de seu pai, as irmãs e com ajuda de voluntários, saíram em rumo à floresta, afim de construir o primeiro albergue canadense.

7 - É um belo distrito de altas colinas ondulantes, vales, riachos, pântanos e bosques de grandes árvores de álamo, a 30 km noroeste de Lacombe e 10 km a leste do Lago Gull.

8 - O *Christian Science Monitor* (CSM) é uma organização internacional que oferece, atualmente, notícias de cobertura global através de seu website, revista semanal, e-mail de newsletters, assinatura através do Amazon Kindle e site móvel. Fundado em 1908 por Mary Baker Eddy, também fundadora da Igreja de Cristo Cientista. Apesar do nome, a organização se proclama não-religiosa e suas publicações não promovem a doutrina de sua igreja patrona.

Quando Beth Laycraft retornou da Inglaterra havia adquirido vastos conhecimentos em primeira mão sobre o sistema de albergues da juventude na Europa. Através de palestras, apresentações e viagens a várias escolas, as irmãs propagaram a ideia e elevaram o conhecimento e conscientização da população sobre o novo meio de hospedagem. Elas esclareceram que um youth hostel era muito mais do que simplesmente um local para se passar a noite depois de um dia de caminhada em meio a natureza, era um lugar cuidado por uma pessoa que faria com que certas normas e etiquetas fossem respeitadas e os hóspedes pudessem vivenciar a cultura local e se relacionar de maneira saudável com os demais alunos de outros países, trocando experiências e aprendendo uns com os outros (EDGELLER, 1988).

Quase que simultaneamente, o casal de professores Monroe W. Smith e Isabel B. Smith⁹, viajam à Europa e conhecem Richard Schirrmann. Munidos dos ideais e da filosofia alberguista, fundam o primeiro youth hostel estadunidense, em 1934, Northfield, Massachusetts (HI-USA, 2013). O Estabelecimento dos albergues da juventude no Brasil, como se verá adiante em mais detalhes, se dá muito de modo muito similar ao processo estadunidense. Dentre algumas similaridades vale destacar que ambos foram estabelecidos por professores em intercâmbio cultural em um país onde os albergues já estavam estabelecidos. No entanto, a implantação e disseminação desses nos E.U.A. acontece com mais antecedência, maior aceitação e maior abrangência do que no Brasil, pois apenas

um ano após a sua formação a rede de Youth Hostels norte-americana consistia em mais de 30 hostels ao todo. A maioria eram rurais, no estado de New England e foram concebidos principalmente para servir ciclistas e entusiastas do lazer. Seu crescimento recebeu grande atenção, e o aval do presidente dos Estados Unidos. “Fui criado nesse tipo de ambiente e percebi a necessidade do alberguismo”, declarou o presidente Franklin D. Roosevelt em 1936, quando ele era presidente honorário da AYH. “Esta foi a melhor educação que eu já tive, muito melhor do que as escolas” (HI-USA, 2013).

O primeiro youth hostel estadunidense, assim como no caso do primeiro albergue europeu, nasce em edifícios de grande significado histórico e arquitetônico. A apropriação desse patrimônio histórico edificado por meio dessa tipologia de hospedagem é extremamente comum na Europa, principalmente na Alemanha, onde encontram-se 38 castelos, palácios e edifícios de grande significado cultural, inclusive alguns tombados pela UNESCO, transformados em albergues da juventude (GERMAN YOUTH HOSTEL ASSOCIATION, 2014).

Em 1935 um fato histórico auxilia o desenvolvimento do alberguismo nos E.U.A. Richard Schirrmann realiza sua primeira viagem fora do continente europeu, promovendo a ideia dos albergues da juventude. De acordo com Heath (1962), desde o término da primeira guerra grupos de jovens norte-americanos estavam, assim como os ingleses, redescobrendo as belezas naturais do interior da Alemanha, geralmente em viagens de ciclismo ou através das caminhadas. Tais viagens tinham como ponto alto uma visita à Richard Schirrmann em Altena, com estadia garantida no albergue do castelo. Dois desses viajantes eram o casal Smith que estabeleceram o primeiro albergue estadunidense e, posteriormente, convidaram Schirrmann a visitar os E.U.A. em uma turnê de palestras sobre o alberguismo.

Em seu retorno à Alemanha, as autoridades nazistas confiscaram seu passaporte, destituíram-no do cargo de presidente da HI e desapropriaram-no do castelo de Altena, “o qual havia sido sua casa nos últimos 25 anos, ficando também proibido de entrar em qualquer albergue na Alemanha” (HEATH, 1962, p. 50). No entanto, rapidamente o alberguismo cruza o continente norte-americano e o primeiro youth hostel da costa do pacífico é inaugurado na Califórnia, em 1937, chamado de Hidden Villa. Atualmente o local se transformou em uma organização educacional, com ênfase em sustentabilidade e sem fins lucrativos. Além de prover acomodação, o local, em seu período inicial, exerceu um importante papel social para os norte-americanos, tornando-se

9 - Ele, um ex-escoteiro, professor e empresário. Ela, professora de artes.

um centro de ativismo social. Os Duvenecks [casal que fundou o hostel] abrigavam refugiados fugindo dos nazistas, ajudaram famílias nipo-americanos que retornavam de campos de internamento e hospedavam grupos para a reforma social e educacional. Afligidos pelo internamento dos nipo-americanos, bem como pelo Holocausto e o racismo que encontraram em sua própria comunidade, os Duvenecks estabeleceram os primeiros acampamentos de verão multiculturais e racialmente integrados no país. Além disso, de acordo com a sua visão de justiça social, os Duvenecks abriram sua casa para o movimento dos United Farm Workers (Trabalhadores Agrários Unidos) na década de 1960, oferecendo um espaço seguro para Cesar Chávez¹⁰ organizar os trabalhadores agrícolas da Califórnia em sua primeira greve (HIDDEN VILLA, 2014).

O movimento alberguista norte-americano experimentou dificuldades no período entre guerras. Estabelecimentos foram fechados, em ambos os continentes, e até mesmo apropriados pelos governos e convertidos em outros estabelecimentos com fins militares (HI-USA, 2013). Após a Segunda Guerra Mundial um processo reverso acontece no Canadá. Os youth hostels, que anteriormente cederam seus espaços aos militares, agora recebiam do ministro das Minas e Recursos Naturais, através de um pedido de doação feito por Mary Belle, 20 quartéis abandonados pelo exército. Dos vinte mil dólares necessários para renovar e montar os novos albergues apenas três mil foram angariados. Este dinheiro serviu para estabelecer o Castle Mountain Hostel, o primeiro albergue da juventude em um Parque Nacional (EDGELLER, 1988).

A vida de Mary Belle é uma linda lição que culminou em algo que hoje auxilia estudantes, viajantes e qualquer pessoa que esteja procurando um abrigo em um local desconhecido, esperando encontrar pessoas de confiança e apreender sobre aquela região com elas. Como disse Mary Belle, ela “estava aprendendo junto com as crianças. Pode ter parecido um cego guiando outro cego, mas eu tinha um objetivo claro: a descoberta da nossa relação com o outro e com o meio ambiente” (EDGELLER, 1988, p. 138). Hoje a região de Bragg Creek, é um popular destino para quem deseja conhecer as Montanhas Rochosas canadenses e o Bragg Creek Hostel foi nomeado como local de significância histórica pelo governo canadense, por ser o primeiro albergue da juventude em solo norte americano.

Em setembro de 2000, Mary Belle faleceu pouco após seu aniversário de 100 anos. Seu legado é medido além de suas conquistas financeiras com os albergues da juventude. Em resumo, o espírito alberguista pode ser visto na alma dessa mulher, a qual esperava que “o pequeno volume de sua vida e trabalho pudesse inspirar as pessoas a engajar em seus próprios pioneirismos, a caminho do conhecimento que enaltece, através da verdadeira educação, do maior entendimento entre as pessoas e da busca pela paz entre todos os homens” (EDGELLER, 1988, p 164).

10 - Cesar Chávez (31 de março de 1927 - 23 de abril de 1993) era um trabalhador agrícola norte-americano, líder sindical, ativista de direitos civis e co-fundador do sindicato United Farm Workers, UFW). Chávez tornou-se o mais conhecido ativista Latino-americano dos direitos civis nos E.U.A e promoveu fortemente o movimento operário norte-americano. Sua abordagem de relações públicas para o sindicalismo e táticas agressivas, mas não violentas, fez da luta dos trabalhadores rurais uma causa moral com o apoio de todo o país. No final de 1970, suas táticas forçaram os produtores a reconhecer o UFW como forte agente de negociação, representando cerca de 50.000 trabalhadores de campo na Califórnia e na Flórida. Ele também é famoso por popularizar o slogan “Sí, se puede” (espanhol para “Sim, se pode”), que foi adotado como slogan de 2008 nas campanhas de Barack Obama. Seus defensores dizem que seu trabalho levou a inúmeras melhorias para os trabalhadores sindicalizados nos E.U.A. (UFW, 2014).

A “cultura, [como meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos] mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica suas realizações” (KROBER, 1950 apud LARAIA, 2014, p. 48). Portanto, um olhar sobre os primórdios da colonização e da hospitalidade brasileira podem oferecer uma perspectiva cultural de seus impactos sobre os meios de hospedagem que se estabeleceram no país. Assim, as raízes do turismo brasileiro também oferecem um panorama dos aspectos socioespaciais que determinam suas condições atuais. O histórico de apropriação da terra, dos povos, dos bens e dos meios de produção no Brasil, por diversas nações estrangeiras, mas principalmente por Portugal, molda a cultura, a percepção da realidade e a psique brasileira, pois a verdade

por menos sedutora que possa parecer a alguns de nossos patriotas, é que ainda nos associa à península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum [...] podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma” (HOLANDA, 1995, p. 40).

Contemporaneamente, o que chamamos de “colonização” aliada ao determinismo geográfico – o qual “considera que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural” (LARAIA, 2014) – formou nossa cultura e dita a maneira como o brasileiro se percebe e como percebe o estrangeiro. Isso interfere, até os dias de hoje, como se recebe as pessoas nos lares e no modo como são administramos nossa infraestrutura e serviços turísticos, e evidentemente, como percebemos, recebemos e tratamos o turista em nosso país (ASSUNÇÃO, 2012; CASTRO, GUIMARÃES e MAGALHÃES, 2013). De um modo geral, as relações antagônicas permeiam a história brasileira e criam nosso modo de ser, tais como escravidão e liberdade, alienação e esclarecimento (FAUSTO, 2013). A relação mantida entre binômios antagônicos, constituintes de nossa realidade, como “trabalho e aventura; [...] rural e urbano; [...] norma impessoal e impulso afetivo” (CÂNDIDO apud HOLANDA, 2015, p. 13), são similares aos encontrados na formação socioespacial alemã, correspondente ao período da gênese alberguista.

A relação de usurpação, caracterizada sobre o território recém descoberto, o qual era usado exclusivamente para retirada de bens materiais para sustentar o poderio da coroa portuguesa, (FAUSTO, 2013), dá origem a “um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer iniciamento que já não trouxesse esse germe” (HOLANDA, 1995, p. 31). A relação de exploração, estritamente comercial, entre colônia e coroa portuguesa, estabelecida nos primórdios de nossa história, implanta em nossa psique diversos aspectos que determinam nossa relação entre o indivíduo hospitaleiro e o estrangeiro (MORAES, 2005). Nossos costumes, e por consequência, nossa cultura é um fenômeno natural, de causa e efeito, é tudo aquilo que não é transmitido geneticamente, e sim tudo aquilo que é aprendido, sob múltiplas influências das pessoas, do território e do tempo (LARAIA, 2014).

Para o turismo no Brasil isso tem impacto direto. O primeiro registro hoteleiro que se tem conhecimento, acontece na Vila de São Paulo, quando começou a servir de base para os tropeiros rumo às minas. Bruno e Pilagallo (2004 apud VALENZUELA, 2013, p. 25) mostram que a gênese da hospitalidade brasileira está voltada diretamente ao estabelecimento de laços comerciais, onde “em 1599, Marcos Lopes foi nomeado hoteleiro oficial, responsável pelo fornecimento de carne e farinha, entre outros produtos” aos forasteiros que passavam pela vila

de São Paulo. Apesar de oferecer acomodação, “não se pode dizer que o seu estabelecimento constituísse uma hospedaria” (VALENZUELA, 2013, p. 25), pois, apesar de ser considerado o primeiro hoteleiro do Brasil, fornecia principalmente suprimentos para que desbravadores do interior brasileiro pudessem continuar sua viagem, sem focar seus esforços em acomodação, hospitalidade e/ou cordialidade.

Somente em 1603 que “teria sido aberto uma estalagem [...] que se transformou na segunda casa a oferecer pouso” (VALENZUELA, 2013, p. 25). Ainda assim, a hospitalidade oferecida aos hóspedes era praticamente inexistente, pois as

atenções hospedeiras eram dirigidas primeiro aos animais de carga e, só depois, às necessidades dos viajantes e de passageiros ou acompanhantes. Tanto assim, que a taxa cobrada era medida pelo consumo de pasto pelos animais e não pela permanência na estabulação, que também servia, em muitos casos, como acomodação para dormir” (VALENZUELA, 2013, p. 25).

Com o passar do tempo, acaba-se por instalar no “modo de ser” do colonizador brasileiro um comportamento denominado de personalismo¹¹, que descende da “frouxidão das instituições e da falta de coesão social” (CÂNDIDO apud HOLANDA, 2015, p. 13), impedindo que no início a sociedade brasileira criasse um senso forte de comunidade e união, em consequência, também, da escravidão que perdurou no país por séculos (FAUSTO, 2013). Nesse tipo de comportamento, todos se preocupam somente com o aspecto individual, sem fazer parte de um todo, fato esse que reflete uma forma de alienação e desfavorece as relações hospitaleiras, criando-se uma apropriação do território de forma totalitária e excludente, que extirpa de parte da sociedade seus direitos urbanos (PURCELL, 2002).

A “a falta de coesão em nossa vida social não representa, assim, um fenômeno moderno” (HOLANDA, 1995, p. 35), tendo origem no interesse exclusivamente pessoal presente desde o início da colonização, inculcado até hoje em nossa personalidade, impedindo ou dificultando a instalação da hospitalidade genuína, sem fins comerciais, e de qualquer pensamento, ação ou organização que gire em torno do social. Há, desde o início dos tempos brasileiros, uma segregação socioespacial, a qual se faz presente também no turismo em diversas outras culturas (ERKUŞ-ÖZTÜRK, 2010), onde a classe dominante “consome e controla o espaço [e] o aspecto econômico sobrepõe todos os outros tipos de segregação. A segregação, portanto, não é simplesmente um fator de divisão de classes no espaço urbano, mas também um instrumento de controle desse espaço” (NEGRI, 2008).

A hospitalidade em seu sentido mais puro corresponde ao acolhimento, ajuda ao estranho de maneira desinteressada (MONTANDON, 2011), enquanto que para Derrida (1997) a “hospitalidade é a bandeira de uma verdadeira cruzada contra a intolerância e o racismo” (apud CAMARGO, 2002, p. 06). No entanto, é comum perceber que as demonstrações de hospitalidade nos povos hispânicos venham acompanhada de uma relação de interesse, pois nessas nações os atos primordiais de receber indivíduos eram tidos como o objetivo de fazer alianças comerciais ou políticas (ASSUNÇÃO, 2012; CASTRO, GUIMARÃES e MAGALHÃES, 2013).

Cria-se, então, de acordo com Holanda (1995), a figura do homem cordial. De um modo geral, o homem brasileiro é visto pelos estrangeiros que visitam o país como uma figura polida, generosa, simples nos tratos sociais, cordial e até certo ponto submissa e serviçal, principalmente nos serviços turísticos (OLIVEIRA e MARTINS, 2009). Essas características são inatas da personalidade brasileira, a qual foi fecundada por uma influência ancestral rural, patriarcal e

11 - Conduta de quem refere tudo a si próprio. Doutrina segundo a qual a pessoa é o tema central da reflexão (FERREIRA, 2004)

ibérica (MORAES, 2005). No entanto, outros aspectos dessa mesma influência ancestral fazem com que a hospitalidade seja, em sua essência, diferente da hospitalidade pura e genuína. A herança hospitaleira voltada aos interesses comerciais e políticos, incutida ao ser brasileiro pela descendência de seus colonizadores, faz com que a hospitalidade brasileira sirva como uma máscara social voltada aos negócios. Tanto que, aparentemente, pode parecer que o ser cordial seja genuinamente hospitaleiro. No entanto, essa condição

pode iludir na aparência – e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mimica deliberada de manifestações que são espontâneas no “homem cordial”: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula. Além disso a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar inatas sua sensibilidade e suas emoções (HOLANDA, 1995, p. 147).

A partir do momento em que o homem empregado torna-se simplesmente uma parte funcional da máquina de serviços, passa também a deixar de expressar sentimentos e emoções humanas. Passa a projetar uma caricatura hospitaleira, incutida através de ensinamentos, treinamentos e exigências. Essa hospitalidade artificial, criada a partir de uma exigência mercadológica, através da padronização da cordialidade, da transformação de algo vivo, puro e humano em uma fórmula, é uma hospitalidade falsa (GOTMAN, 2009). Vale lembrar que em determinadas culturas, como as localizadas no crescente fértil, o ato de servir é visto com orgulho e felicidade, como uma dádiva e até mesmo uma benção divina (MONTANDON, 2011). Esse não é o caso do Brasil, onde o ideal de vida é ser servido e não servir (HOLANDA, 1995). Portanto, o empregado, o serviçal, em posse dessa máscara hospitaleira e cordial, desempenha um papel perante o indivíduo que acolhe, um papel muitas vezes não inato à sua essência, à sua vontade. Conseqüentemente, em decorrência dessa interação social forçada e artificial, conflitos surgem com mais frequência do que quando há uma relação de hospitalidade genuína e espontânea entre ser acolhedor e ser acolhido (CAMARGO, 2004; GOTMAN, 2011; GRINOVER, 2002; LOUDEN, 2011; MONTANDON, 2011).

É comum no trato social e nos serviços turísticos que as demonstrações de cordialidade e hospitalidade deem lugar a um comportamento passivo-agressivo, quando ocorrem os primeiros desentendimentos entre ser acolhedor e acolhido (LOUDEN, 2011). Esse tipo de comportamento é caracterizado pela expressão indireta de hostilidade, como através de procrastinação, teimosia, mau humor deliberado ou fracasso repetido para realizar tarefas solicitadas por parte de quem é responsável. Esse traço da personalidade humana pode se manifestar em todos, porém em alguns com mais frequência, podendo até se caracterizar como distúrbio psíquico, identificado como uma resistência deliberada em satisfazer expectativas de determinadas relações interpessoais ou no cumprimento de tarefas, caracterizado por atitudes negativas indiretas e oposição velada (WETZLER, 1993). Este comportamento é uma arma de defesa do “serviçal”, uma maneira de expressar, de modo relativamente educado, sem retirar sua máscara, de que ele, ser acolhido, devido ao seu comportamento inadequado, não é mais bem-vindo, ou de que está sendo atendido por obrigação. Como ressalta Holanda, não há nada mais demonstrativo dessa “aversão ao ritualismo social, que exige, por vezes, uma personalidade fortemente homogênea e equilibrada em todas as suas partes, do que a dificuldade em que se sentem, geralmente, os brasileiros, de uma reverência prolongada ante um superior” (HOLANDA, 1995, p. 148).

Sendo assim, segundo Trigo (2002), mesmo após duzentos anos do descobrimento, a indústria hoteleira no Brasil era praticamente inexistente. Somente em 1776, tem-se registro de um local que se assemelha com um estabelecimento hoteleiro contemporâneo, oferecendo hospitalidade ao ser humano, além de transações comerciais e cuidados com os animais cargueiros. De acordo com Valenzuela (2013), o “senhor Manuel Pereira Crispim, mais conhecido pela alcunha

de “o Hospitaleiro”, instalou uma “albergaria” [grifo nosso] que, por não ter aparência de senzala ou mesmo de estrebaria, diferenciava-se das demais” (p. 25). Portanto, os primeiros indícios de hospitalidade voltada ao ser humano estão ligados à palavra albergue.

Desde essa época vale ressaltar que no panorama catarinense o personalismo domina as relações socioeconômicas. Esse fator pode explicar o grande número de pequenas empresas hoteleiras improvisadas na atualidade. Nessa época, a colonização de Santa Catarina, que tem sua base na pequena produção familiar, difere das demais regiões brasileiras

onde dominava a monocultura em extensas glebas de terra com mão-de-obra escrava – gerou excedentes que ampliaram as relações comerciais de vários núcleos costeiros, [...] também favoreceu o desenvolvimento das atividades portuárias, estando seus principais comerciantes vinculados aos capitais comerciais tradicionais do Rio de Janeiro pela navegação de cabotagem. Entretanto, apesar de precoce, a pequena produção mercantil açoriana, devido a um conjunto de fatores, não desembocou em relações capitalistas de produção (PEREIRA, 2011, p. 02).

O cunho estritamente exploratório sobre o país continuaria até a vinda da Família Real Portuguesa ao Brasil em 1807. Somente com a mudança da Coroa Portuguesa para o Rio de Janeiro é que, efetivamente, a ocupação do território brasileiro muda de perspectiva, pois as decisões políticas, econômicas e sociais passam a ser tomadas a partir do Brasil, e, ineditamente, porém ainda parcialmente, para o Brasil (FAUSTO, 2013). Portanto, o Brasil viveu um período de exploração exclusiva de praticamente 300 anos, suficientes para moldar nossa psique e cultura. Enquanto outros países estavam prestes a mudar completamente a sociedade ocidental, através da Revolução Industrial, o Brasil ainda dava os primeiros passos para a criação de uma sociedade verdadeiramente brasileira.

Ainda na virada do século XVIII para o XIX, apesar de encontrar-se menções sobre a palavra pousada, praticamente todos os relatos de viajantes descrevem as pousadas, ranchos e albergarias como estabelecimentos destinados ao comércio e cuidados com os animais. Os relatos mostram locais imundos e a cidade de São Paulo como despreparada para acolher turistas, (TRIGO, 2002). Os meios de transporte públicos e/ou privados, de extrema importância para a ocorrência do turismo, eram ambos praticamente inexistentes e precários. Segundo Trigo (2002), somente em 1833 se cria a Lei No. 60, “que assinalou o início de uma política governamental de incentivo à implantação de sistemas de transporte no Brasil” (p.81). Até o final do século XIX, a atitude dos paulistas para com os estrangeiros era de “desconfiança” (VALENZUELA, 2013, P. 28) e o Brasil foi uma colônia de Portugal até o início do século XIX, onde toda a sua produção era controlada pela metrópole portuguesa: açúcar, ouro, etc. No século XIX, começa a se destacar a produção de café – no vale do Paraíba, principalmente – destinado, ainda, à exportação. É somente entre 1838 e 1848 que os primeiros hotéis, propriamente ditos, são inaugurados no Rio de Janeiro e em São Paulo, com o Hotel Pharoux e o Hotel das Quatro Nações, respectivamente (TRIGO, 2002; VALENZUELA, 2013), sendo que o último chegou a oferecer aos hóspedes um baile de máscaras que ficaria famoso na cidade.

Outra similaridade entre Brasil e Alemanha, é a existência de meios de hospedagem para estudantes. No entanto, até então, só se hospedavam nesses novos estabelecimentos pessoas que estivessem de posse de uma carta de apresentação e/ou recomendação emitida “por alguma autoridade do Império ou, ainda, por alguma outra pessoa de reconhecido prestígio” (VALENZUELA, 2013, p. 32). Com a mudança da situação política e econômica brasileira (Abolição da Escravatura e Proclamação da República) e mundial (Revolução Industrial), as viagens ao exterior também se transformam, e cada vez mais o Brasil passa a receber viajantes de outros países (TRIGO, 2002; VALENZUELA, 2013). A abolição da carta de recomendação/apresentação gera um impulso em direção à hospitalidade e à cordialidade. Esta abolição da carta de recomendação está para os hotéis como a abolição da carteirinha de sócio está para os youth hostels, uma liberdade, flexibilidade e maior abrangência dos níveis de

hospitalidade locais. Como consequência o que se vê no Brasil até o final da década de 1890 é uma diversificação e crescimento expressivo da movimentação de turistas, dos meios de hospedagem e dos serviços turísticos, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, desde os hotéis de luxo aos situados nas proximidades das estações de trem (TRIGO, 2002; VALENZUELA, 2013; CASTRO, GUIMARÃES e MAGALHÃES, 2013).

A implantação de academias, colégios e outras instituições de ensino, as quais recebiam estudantes estrangeiros, oferecendo-lhes boas condições físicas de hospedagem e atividades sociais que os inseria no contexto do país, dá início no que pode se chamar de hospitalidade, propriamente dita, no Brasil. Logo esses locais, devido à alta concentração de estudantes nacionais e estrangeiros e à jovialidade de seu comportamento, se tornariam o centro da vida social da cidade de São Paulo (TRIGO, 2002; VALENZUELA, 2013). Apesar desses estabelecimentos acomodarem estudantes, como os albergues da juventude, em nada se assemelham, pois no Brasil havia quartos privados em edifícios ou casas particulares.

Com a nova ordem econômica mundial que nascera da Revolução Industrial, a sociedade do século XX sofre uma transformação política e cultural que altera, também, o contexto das viagens mundiais. No século XX, tornaram-se comuns as viagens individuais e seus relatos através da escrita, de desenhos e de imagens fotográficas. A presença das cidades brasileiras se torna cada vez mais forte nesses relatos, e o interior passa a um segundo plano.

Percebe-se que a motivação principal das viagens começa a mudar em direção às cidades, devido ao frisson causado pelas novas tecnologias da Revolução Industrial. Porém, similarmente à formação de grandes cidades europeias, no Brasil também se percebe que as riquezas não são distribuídas de forma homogênea e o avanço industrial, cultural e tecnológico não alcança toda a população. Especialmente em Santa Catarina,

a organização do espaço e o crescimento da população no século XX, somada à tendência mundial de esvaziamento do campo (devido à mecanização da agricultura e à uma nova divisão do trabalho) e de expansão do espaço urbano sem a infra-estrutura correspondente, influenciaram no aumento da pobreza, da degradação ambiental e da violência (PEREIRA, 2011, p. 11).

O crescimento desenfreado e desordenado das grandes cidades brasileiras começa a fazer suas vítimas, e as condições de vida de grande parte da população tornam-se precárias, apesar da grande riqueza do território, da burguesia e do estado. Diversos cronistas relatam suas viagens durante o final do século XIX, muitos descrevendo a cidade brasileira como perigosa e “desagradável para o estrangeiro. Na cidade não há nenhuma sociabilidade” (ASSUNÇÃO, 2012, p. 218).

É prudente argumentar que o turismo nasce no Brasil somente a partir do século XX. O dia 22 de julho de 1907, pode ser considerado, de acordo com Castro, Guimarães e Magalhães (2013), como a data de nascimento do turismo moderno internacional no Rio do Janeiro, e consequentemente, no Brasil, devido à chegada do primeiro navio Byron, com um grupo de turistas trazidos pela Agencia Thomas Cook, filial de Nova Iorque, em uma viagem à América do Sul. Muito rapidamente, o Rio de Janeiro torna-se o principal destino turístico do Brasil, um local onde se encontrava a natureza exuberante ao lado do desenvolvimento moderno. No entanto, há ausência e precariedade da infraestrutura e dos serviços turísticos. A principal delas refere-se à hospitalidade, onde lamenta-se que não houvesse, para os turistas,

cicerones habilitados, que os guiem inteligentemente, ministrando-lhes informações seguras e minuciosas acerca dos acontecimentos mais notáveis, [...] das belezas naturais que a adornam, das nossas tradições, da vida, enfim, de uma grande cidade, sob os múltiplos aspectos por que pode ser encarada no espaço e no

Após o hiato econômico, político e social mundial em decorrência da primeira guerra, a década de 1920 representa o período em que nascem as primeiras tentativas de organização do fenômeno turístico no Rio de Janeiro, conseqüentemente no Brasil, mediante o surgimento das primeiras agências de viagens, de hotéis turísticos, como a inauguração do Copacabana Palace (1923), e iniciativas governamentais para incrementar a atividade no Brasil, como o lançamento da pedra fundamental do Cristo Redentor em 04 de Abril de 1922 (CASTRO, GUIMARÃES e MAGALHÃES, 2013). O panorama de Santa Catarina mostra-se diferente dos principais destinos turísticos brasileiros. Enquanto esses experimentavam de avanços, para SC o século XX

imprimiu novas características à formação litorânea catarinense, aprofundando a crise das comunidades fundadas por açorianos, herdeiras de um modelo econômico centrado na pequena produção mercantil oriunda da prática de uma policultura de subsistência [...] O advento da fase depressiva do terceiro ciclo de Kondratieff (1920-1945), entretanto, ao originar um novo pacto de poder no interior da formação social brasileira, expresso pela aliança entre a burguesia industrial – dissidência dos comerciantes – e os latifundiários feudais (RANGEL, 1985), mergulha os núcleos urbanos do litoral catarinense num ritmo lento de desenvolvimento (PEREIRA, 2011, p. 04).

Vale ressaltar que, nessa mesma época, a Associação Internacional Dos Albergues Da Juventude, gestora de um meio de hospedagem ainda inexistente no Brasil, já estava totalmente organizada e ativa, produzindo encontros entre empreendedores, realizando trabalhos de assessoria, determinando regras e leis para a implantação, operação e divulgação dos Youth Hostels (COBURN, 1950; HEATH, 1962).

Apesar da ocorrência da Segunda Guerra Mundial, é significativa a expansão e melhoria da infraestrutura e serviços turísticos, principalmente pela criação de uma série de marcos que acabaram por configurar a paisagem turística do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, do Brasil no exterior. Um desses marcos é a criação tardia do primeiro Parque Nacional brasileiro, o de Itatiaia, na Serra da Mantiqueira, fundado em 12 de outubro de 1937, por iniciativa dos alunos da Escola de Minas de Ouro Preto (TRIGO, 2002), diferentemente da Alemanha e do Canadá, onde os parques nacionais desses países foram criados já no início do século XVIII. Na Alemanha esses parques eram o principal local de retiro dos Wandervogels e, no caso canadense, os albergues da juventude tiveram influência direta na criação do primeiro deles¹² (COBURN, 1950; HEATH, 1962; EDGELLER, 1988).

No início da década de 1940, em decorrência das imigrações provocadas pela Segunda Guerra Mundial, a atividade econômica brasileira volta a crescer e o deslocamento populacional se interioriza. Como consequência, nascem dessa época “os tradicionais hotéis familiares de cidades de porte médio e as colônias de férias institucionais, além dos hotéis de lazer em balneários, estancias, serras e litorais” (TRIGO, 2002, p. 154). Nos anos 50, a hotelaria passa a ser vista como uma atividade sofisticada e a chegada das redes internacionais oferece um impulso significativo para o profissionalismo no interior da atividade hoteleira brasileira.

Na década de 60 é criada pelo Governo Militar a o Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR (1966) com o propósito de “levar a mensagem do turismo a todas as classes sociais, e a

12 - Banff National Park é o mais antigo parque nacional do Canadá, fundado originalmente como Rocky Mountains Park em 1885, nas Montanhas Rochosas. O limite e proteção oficial do Parque mudou diversas vezes até que em 1930, o tamanho do parque foi fixado oficialmente em 6.697 km², com a aprovação da Lei de Parques Nacionais. É sobre esta lei que a associação de albergues da juventude canadense possui influencia em sua criação. A lei também renomeou o parque como Parque Nacional de Banff, localizado 110-180 km (68-112 km) a oeste de Calgary, na província de Alberta. Possui terreno montanhoso, com numerosos glaciares e campos de gelo, densa floresta de coníferas, e paisagens alpinas.

imagem da política objetiva do governo Federal, provendo seu desenvolvimento através da EMBRATUR” (CASTRO, GUIMARÃES e MAGALHÃES, 2013, p. 20). O avanço dos transportes aéreos teve impacto direto no desenvolvimento do turismo e do Brasil, nas décadas de 1960 e 70, considerada a época do milagre brasileiro, período em que “o transporte aéreo comercial do país teve um crescimento médio anual de 20%, o dobro da taxa média do PIB” (TRIGO, 2002, p. 97). Porém, nem todas as áreas sociais e regiões territoriais se beneficiam igualmente dos avanços econômicos e turísticos brasileiros. Em Santa Catarina, nas primeiras décadas do século XX,

as comunidades costeiras, apesar das transformações em curso, permanecem à margem do processo de mudanças gerado pela emergência das relações capitalistas de produção, pois a evolução da técnica e do trabalho não se faz uniformemente nos diversos lugares, visto que os lugares são marcados “por uma combinação técnica diferente e por uma combinação diferente dos componentes do capital, o que atribui a cada qual estrutura técnica própria, específica, às quais corresponde uma estrutura própria, específica, do trabalho” (SANTOS, 1997) (PEREIRA, 2011, p. 13).

Os albergues da juventude fazem sua primeira aparição no país, também na década de 1960, coincidindo curiosamente com a época da ditadura militar, um período de instabilidade política e social. Enquanto que nas demais regiões centrais o fenômeno turístico já estava implantado, o estado catarinense passa a experimentar uma revolução turística somente quando “a estagnação dominante nos núcleos do litoral [catarinense] só começa a ser rompida, a partir dos anos de 1960, por uma nova dinâmica sócio-econômica” (PEREIRA, 2011, p. 14). Isso pode explicar o atraso de praticamente quatro décadas, no aparecimento dos hostels em Santa Catarina, em comparação ao Rio de Janeiro e São Paulo. Este meio de hospedagem alternativo, vem propor uma revolução de conceitos no turismo assim como as revoluções sociais propunham uma mudança política. Os Youth Hostels, como foram denominados na época de seu aparecimento, propunham conceitos diferentes dos impostos pelo governo daquela época. Representavam, como poucos, um movimento original, romântico e social, que veio de “baixo para cima”, com raízes históricas revolucionárias, diferente dos movimentos brasileiros vistos até então. No Brasil, esses movimentos eram quase sempre impostos pelas classes superiores, partiam

sempre de cima para baixo [...] nossa independência, as conquistas liberais que fizemos durante o decurso de nossa evolução política vieram quase de surpresa; a grande massa do povo recebeu-as com displicência ou hostilidade. Não emanavam de uma predisposição espiritual e emotiva particular, de uma concepção de vida bem definida e específica, que tivesse chegado à maturidade plena. Os campeões das novas ideias esqueceram-se, com frequência, de que as formas de vida nem sempre são expressões do arbítrio pessoal, não se fazem ou desfazem por decreto (HOLANDA, 1995, p. 160).

A dialética materialista nos permite fazer uma análise científica do turismo, o qual nasce com a consolidação das relações capitalistas de produção e das causas originárias desse fenômeno (MEDINA, 2012), sendo assim, é somente mais uma mercadoria a ser consumida. O fato da formação socioespacial brasileira diferir tanto da época e lugar de onde os youth hostels nasceram, gerou um atraso nas revoluções acontecidas no Brasil em comparação com o exterior, pois o aparecimento dos albergues da juventude no Brasil é relativamente tardio. A geração de diversas dualidades pode explicar a disparidade percebida entre esse meio de hospedagem no exterior e no Brasil (SANTOS, 2012), pois certas partes da sociedade sentem a necessidade de se modernizar mais rapidamente para poder estabelecer relações com os países mais avançados no centro do sistema capitalista. Isso acaba por gerar, especialmente no turismo, uma desorganização e improvisação na forma como o espaço é ocupado e como os conceitos, nesse caso de meios de hospedagem, podem ser mal apropriados ou menos desenvolvidos.

Conforme Giaretta (2003), somente na década de 1960 o movimento alberguista daria seus primeiros sinais de vida no Brasil, através do casal de professores Joaquim e Yone Trotta. Em uma viagem de estudos realizada na França, em 1956, Trotta conheceu o movimento, e o fascínio foi imediato. Em seu retorno, trouxe a ideia ao Brasil e leva um grupo de brasileiros ao exterior, em uma “excursão cultural [...], hospedando-se em albergues da juventude” (p. 89). Novamente no Brasil, o casal, decidido a implantar os albergues, inicia o que a autora supracitada denomina de fase teórica, consistindo na divulgação do movimento e sua filosofia através de palestras e colégios e universidades (GIARETTA, 2003). Trotta relembra que os primeiros

contatos com albergues internacionais da juventude foram decorrentes do aproveitamento do tempo vago durante o estágio no Centro Internacional de Estudos Pedagógicos de Sèvres (França), em janeiro de 1956. Em fins de 57 lavamos um grupo de 32 participantes em uma excursão cultural à Europa. [...] lamentávamos ainda que outros estudantes ou professores não tivessem condições financeiras para tal empreendimento, pois a hospedagem tinha sido em hotéis. [...] pensamos em organizar uma nova excursão, desta vez utilizando-nos daqueles albergues [e] em adaptá-los no Brasil. Para tudo isso seria necessário melhor conhecê-los (TROTТА, 1978, p. 20).

Em 1961, Trotta retorna à França e entra em contato com as associações estudantis e alberguistas da França, mergulhando em sua essência, interagindo com o maior número de pessoas e albergues possíveis, o que facilitou a compreensão das nuances e, finalmente, da essência dos albergues da juventude. Isto fez com que ele percebesse que a juventude que se hospedava nos albergues estava satisfeita, pois podia com poucos recursos “aproveitar suas férias em excursões culturais, vividas com boa higiene mental, tão necessárias àqueles que estudam, [formando, assim, a prova de que vivemos] em um mundo civilizado, sem privilégios para alguns e dificuldades excessivas para outros” (TROTТА, 1978, p. 21). Nesta fase chamada de teórica, o prof. Joaquim Trotta, com o objetivo de unir a juventude brasileira em tempos de ditadura, necessitava tomar ciência profunda da filosofia dos albergues da juventude, de certos critérios e seus regulamentos, para então, aproveitá-los da melhor forma possível. O que ele buscava, durante esta fase, era saber e tomar propriedade da essência dos albergues, antes de abrir o primeiro empreendimento em terras brasileiras (TROTТА, 1978). O materialismo, enquanto metodologia de estudo, também busca conhecer a essência do objeto estudado, assim como Trotta com os albergues da juventude. Pois, somente assim é possível se apropriar desse objeto com a maior precisão possível. Esta fase teórica “tomou seis longos anos (de 1961 a 1966). Somente em 1966, por condições especiais, conseguimos, afinal, o início das realizações práticas” (TROTТА, 1978, p. 43).

Chega-se, então, à fase de realizações. O primeiro albergue da juventude foi inaugurado em meados de 1965, na cidade do Rio de Janeiro, e intitulado de Residência Ramos, em referência ao bairro onde se encontrava. Os primeiros hóspedes foram um “grupo de estudantes [...] da Escola Evangélica de Porto Alegre – RS. Eram rapazes e moças [que] preferiram uma excursão recreativa e cultural ao Rio aos gastos de uma formatura com festas” (TROTТА, 1978, p. 47). A Residência Ramos, contando com 36 leitos, pode acolher diversos estudantes brasileiros que viajavam pelo país. Além desses, o casal hospedava “estudantes [...] e mochileiros vindos do Uruguai, Chile, Alemanha, Suíça e Inglaterra” (GIARETTA, 2003, p. 90), pois “da Embaixada do Brasil em Santiago do Chile, o jovem diplomata Paulo Dirceu Pinheiro [...] recomendava a Residência Ramos” (TROTТА, 1978, p. 49). Trotta define que “os albergues da juventude internacionais existem para ajudar os jovens a viajar, conhecer e amar a natureza e apreciar os

valores culturais de pequenas cidades e grandes metrópoles” (1978, p. 17). O referido autor ainda lembra que os albergues variam, mas as características gerais permanecem as mesmas,

oferecem dormitórios, lavatórios e toaletes separados para cada sexo. Dispõem, também, de um local onde usuários podem preparar a própria comida. Há uma sala de estar comum a todos. Cada albergue está sob a responsabilidade de diretores, em geral, um casal denominado “Pai de Albergue” [...] eles recebem os frequentadores, dão-lhes as orientações necessárias sob o ponto de vista cultural, social e educacional e os assistem em casos de doença e qualquer dificuldade (TROTTA, 1978, p. 17).

O primeiro albergue brasileiro é relativamente tardio. Se comparado à gênese alemã, são aproximadamente 54 anos de distância e mesmo nossos vizinhos sul-americanos estavam à frente. Trotta relata que “os estrangeiros, em geral, já participavam racionalmente [do movimento alberguista, e os] sul-americanos começaram a aparecer, principalmente da Argentina e Uruguai, onde já existiam albergues há alguns anos” (1978, p. 49). Por mais que a geração juvenil dos anos de 1960 desejasse viajar, o início do movimento alberguista no Brasil não teve a mesma expansão rápida que ocorreu na Alemanha, por não ter sido

fácil, no princípio, conseguir clientela para ocupar o prédio durante todo o ano, mesmo nas férias de verão, o que tornava a manutenção sempre deficitária, ficando mesmo, alguns meses seguidos, sem hóspedes na Residência. Conseguimos melhor divulgação de nossas atividades [...] apelando para os representantes de várias cidades brasileiras, do Encontro de Professores de Matemática realizado em Brasília (TROTTA, 1978, p. 49).

A construção do movimento alberguista brasileiro contaria, a seguir, com uma peça muito especial. O segundo albergue brasileiro foi um empreendimento planejado e construído pelos próprios alunos e membros da recém-criada federação, a exemplo do Alemanha e Canadá. Trotta relata que

os alunos da Escola T.F.C.S. Fonseca conseguiram uma doação de terreno em Araruama – RJ. Motivados pela causa dos albergues, a conquista do terreno mais os animou para “meter mãos à obra”. Foi feito com concursos de projeto para a construção. [...] o projeto vitorioso foi do aluno José Francisco Tadeu, do Curso de Edificações (1978, p. 50).

O espírito alberguista, de união e entendimento entre as pessoas, de educação da juventude, havia sido materializado na construção do Albergue da Juventude Prof. Celso Suckow da Fonseca, nomeado em homenagem “àquele que foi um dos primeiros a compreender o alcance da iniciativa [...] a tomar as providências preliminares [...] desta obra altamente educativa” (TROTTA, 1978, p. 51).

O próximo passo, no intuito de levar a bandeira dos albergues à frente e devido à ligação dos albergues da juventude com a educação (desde sua gênese através do professor Schirrmann até a disseminação desses pela Europa em escolas do ensino fundamental), foi o de procurar por “estabelecimentos estudantis, com o objetivo de estabelecer convênios”, resultando em novos albergues em pouco tempo, assim como acontecera na Alemanha (GIARETTA, 2003, p. 90). A ideia de um local que promovesse a união e o entendimento entre os jovens, facilitando o ato de viajar para a juventude brasileira com segurança e conforto, começou a tomar as grandes proporções que Trotta idealizava a partir da parceria formada com a Casa do Estudante do Brasil (TROTTA, 1978). Novos albergues foram instituídos, como a Pousada da Juventude, na Lapa, Rio de Janeiro, com 300 leitos, e,

em 1970, a Federação Internacional de Albergues da Juventude convidou o casal Trotta para participar da Conferência Internacional de Albergues da Juventude, na Finlândia, o que foi marcado como a primeira participação do Brasil no movimento [alberguista] internacional. No retorno do casal ao Brasil, eles deram entrevistas à mídia brasileira, contribuindo para a divulgação do movimento no país (GIARETTA, 2003, p. 90).

Devido à contatos com a mídia, a Residência Ramos recebe a visita do jornal diário “O Globo” do Rio de Janeiro, o qual além de retratar a boa índole do movimento, tenta captar a essência educacional, social e comunitária dos albergues no Brasil. Na ocasião encontravam-se hospedadas no albergue um grupo de “moças excursionistas, pertencentes a um colégio de Barretos [...] preparando café quando foram entrevistadas e fotografadas. Apanhadas de surpresa, com toda a naturalidade, revelam o ambiente de uma grande família que a Residência oferecia” (TROTTA, 1978, p. 65). Trotta afirma que, após a matéria ganhar notoriedade, em pouco tempo após sua publicação, uma reportagem da “TV Globo” é realizada na Residência Ramos, propelindo a imagem dos albergues a “um sem número de cidades brasileiras, [aumentando] consideravelmente os pedidos de reservas, resolvendo o problema do tempo ocioso, pelo menos no período de férias” (1978, p. 65).

Os albergues da juventude no Brasil, devido a seu caráter social e educativo, assim como no exterior, começam a ocupar edifícios de valor universal antes abandonados, dando novos significados e reutilizando, agindo assim na conservação, do patrimônio histórico edificado, como é o caso da Casa do Estudante do Rio de Janeiro, em 1974. Segundo Trotta, este foi um acontecimento muito importante para o local, pois a “casa ficou fechada e afastada da juventude no período de 1964 a 1971, época da ditadura militar, quando o movimento ficou estagnado no Brasil” (GIARETTA, 2003, p. 93). Nesse período da história brasileira, a perseguição a políticos, artistas, movimentos juvenis e estudantis, que ousavam se opor ao sistema político, econômico e social vigente foi implacável e os albergues da juventude não passaram por ela ilesos, e pela primeira vez, desde sua fundação, o crescimento de associados e albergues diminuiu.

Até meados da década de 1970 os conceitos de turismo da juventude e principalmente o de backpacker estavam em seu estágio embrionário e ainda não eram completamente difundidos e definidos, portanto os albergues acharam no turismo social sua melhor moradia, já que o jovem é fundamental em qualquer processo de renovação social. Assim sendo, procura-se, entre outros aspectos, disseminar e fomentar o turismo social e os albergues, ao

criar a consciência de que o turismo social [dando] às associações criadas, e em formação, absoluta independência para se organizar de acordo com a realidade socioeconômica do país onde se criam, enquadradas dentro das exigências mínimas da IYHF [...] tratar de complementar a educação dos jovens dentro dos albergues da juventude (GIARETTA, 2003, p. 92).

Em resposta a essas ações, a década de 80 pode ser considerada a época de ouro dos albergues no Brasil, um período de extrema socialização e interação entre seus usuários e o meio onde se encontravam. Um período, analisando-o em retrospecto, considerado como ideal, onde a filosofia alberguista era vivida e experimentada por todos no albergue, como relembra Giaretta em relatos informais a esse autor¹³

a minha melhor memória do casal Trotta é como eles seduziam os alberguistas, para Literatura, poesia, história e Geografia. Iam abrindo livros e de fato seduzindo as pessoas à leitura e quando percebíamos estávamos todos lendo algo. Eles nunca aprovaram TV no hostel porque sempre alegaram que a TV cortava o espírito de integração, de cultura no albergue.

Apesar dessa expansão vista por Giaretta (2003), Trotta (1978) lamenta a lenta progressão do movimento no Brasil em comparação aos nossos vizinhos, Argentina e Uruguai. Dentro da esfera do poder público, essa época, diferente do que se observa atualmente, foi caracterizada por uma considerável aproximação entre essas partes. Devido ao apoio da EMBRATUR, através da criação do Plano Nacional de Albergues da Juventude, o qual contou com uma equipe treinada para supervisionar a criação de novos empreendimentos em todo o território nacional, além de fornecer verba destinada à divulgação deste novo meio de hospedagem (GIARETTA, 2003).

13 - Depoimentos fornecidos por Maria José Giaretta através de e-mail no dia 13 de novembro de 2014.

Por motivos desconhecidos o casal Trotta fecha a Residência Ramos e abre um novo empreendimento, o Albergue Muxarabi, em Cabo Frio-RJ. Giaretta, em relatos saudosistas e informais, destaca o caráter familiar, social dos albergues nessa época áurea, lembrando que “no Muxarabi por exemplo, o último a sair escondia a chave no esconderijo combinado e todos sabiam onde estava, chegava abria e a casa era sua”. Essa essência dos hostels, de serem uma “casa longe da sua casa”, está presente até hoje na expectativa dos backpackers¹⁴ (WILSON e RICHARDS, 2008).

É desse período que nascem as primeiras tentativas de regulamentação legal dos albergues da juventude perante os órgãos oficiais governamentais do turismo, apontando os seguintes aspectos a serem considerados (GIARETTA, 2003, p. 94):

1. Os albergues da juventude são destinados à acolhida de jovens associados em viagens por período de curta duração;
2. Destinam-se a aproximar jovens de todo o mundo e incentivar o turismo da juventude;
3. Os albergues da juventude podem ser temporários ou permanentes, da cidade ou do campo. São considerados temporários aqueles que só funcionam nas férias ou em datas específicas, como festivais, congressos, etc.
4. Devem obedecer a requisitos mínimos da federação internacional, sendo: sala de estar, dormitórios, banheiros com duchas, local para guardar bagagem, cozinha de alberguista.

Vale ressaltar a similaridade filosófica e conceitual que os albergues brasileiros possuíam com os europeus, principalmente os alemães, com mais veemência até o final da década de 1980. Até esse período os estabelecimentos possuíam uma pessoa que “tomava conta do albergue [...] chamado de pai ou mãe alberguista, e eram pessoas chave no albergue, por que, além de cuidar do local, tinham como função desenvolver o espírito comunitário nos usuários e difundir a filosofia do movimento” (GIARETTA, 2003, p. 97).

O início dos anos 90 foram fundamentais para a consolidação do movimento alberguista no Brasil, principalmente em razão da modernização decorrente do avanço dos meios de comunicação eletrônicos. A rede de albergues experimentou também uma modernização em sua estrutura, uma matriz de procedimentos foi elaborada no intuito de controlar a qualidade dos albergues. Chamado de “manual de abertura e operação de albergues da juventude”, essa matriz determinava

os padrões mínimos de qualidade, cursos de capacitação para inspetores de qualidade, gestão de albergues da juventude, participação do Brasil nos encontros internacionais, maior enfoque aos cuidados da natureza [focando na] educação ambiental, implantação do sistema internacional de reservas [e] entrada do alberguismo na era da internet (GIARETTA, 2003, p. 98).

No entanto, em meados da década de 90, o movimento alberguista começa a apresentar os primeiros sinais de dificuldades. Pela primeira vez, em 1995, o número de associados decaiu, em consequência, segundo Giaretta, do “plano Real, que elevou os preços dos serviços e o custo de vida da população, da ausência de propaganda eficiente, como a de 1987, [...] e a concorrência das pousadas” (2003, p. 100). Ainda se nota, a partir dessa data, um contínuo distanciamento entre os albergues e o poder público. Apesar disso os esforços da IYHF de propagar o movimento na América do Sul não diminuíram, e o ano de 1996 foi marcada pela primeira conferência da associação a ser realizada no Brasil. Mesmo assim, Giaretta (2003, p. 100) relata que a “segunda metade da década de 1990 foi marcada pela entrada de um menor número de albergues da juventude” na associação nacional.

Não foram encontrados registros sobre a gênese dos hostels no Brasil, mas após a virada do século percebe-se sua revitalização com o crescimento do número e o aparecimento de diversas tipologias desse meio de hospedagem (NASH, THYNE e DAVIES, 2006). Como os hostels Boutique, que oferecem serviços e infraestruturas de alto padrão, ainda a preços relativamente

14 - Depoimentos fornecidos por Maria José Giaretta através de e-mail no dia 13 de novembro de 2014.

acessíveis, há clientes que exigem tais condições para se hospedarem em suas férias, porém não abrem mão de algumas características singulares que são conhecidos por favorecerem, por exemplo, a sociabilização entre os hóspedes (MUSA e THIRUMOORTHI, 2011).

O último grande marco histórico é a inserção da HI-Brasil no Conselho Nacional de Turismo, em 2003. Porém, em uma última pesquisa realizada para averiguação da condição de participação da entidade no conselho, constatou-se que a HI-Brasil foi excluída, ou se retirou, da lista de participantes, como consta no DECRETO Nº 6.705, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2008 (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2008), que revoga o anterior de 2003. Comprovando o distanciamento do poder público, não somente em relação aos hostels, mas também à HI-Brasil.

Concluindo, as Ciências Sociais tratam, no exterior, da compreensão da modernidade, no Brasil trata da ausência dessa (ORTIZ, 2002). No Brasil a ausência de conhecimento sobre esse meio de hospedagem, de trabalhos científicos e de uma classificação oficial, pode ser explicada pelo atraso ou falta da modernidade no Brasil em comparação à Alemanha e outros países à época do nascimento dos albergues da juventude. Espera-se que este resgate histórico, possa esclarecer o leitor quanto à essência dos albergues da juventude e aproximá-lo de um conceito grande demais para ser colocada dentro de quatro paredes.

CAPITULO 3

VARIÁVEIS PARA UMA PROPOSTA CONCEITUAL

Nesse capítulo se inicia a proposta de uma construção conceitual do meio de hospedagem hostel. Esta proposta é criada a partir de quatro pilares que podem ser considerados como os de sustentação desse conceito: o primeiro é distinção entre as palavras hostel e albergue da juventude; o segundo é a análise do público-alvo desse meio de hospedagem; o terceiro é o trinômio hostels/hospitalidade/espço; e, finalmente, a matriz classificatória das áreas físicas.

UM CONFRONTO ETIMOLÓGICO: HOSTEL VS. ALBERGUE

Etimologicamente, de acordo com o Elementary Latin Dictionary [dicionário elementar de latim] (LEWIS, 2010) e o New Latin Dictionary [novo dicionário de latim], a palavra hospitalidade tem suas raízes no latim hospes, significando “hospedar, [e até mesmo] anfitrião e/ou convidado” (LEWIS e SHORT, 1958, p. 371). De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, a palavra hospitalidade, contemporaneamente, vem do latim hospitalitate, sendo um substantivo feminino que se refere ao “ato de hospedar [ao] acolhimento afetuoso” (FERREIRA, 2004, p. 1058).

Outro autor, propõe que a hospitalidade “é tão antiga quanto a própria civilização [...] e deriva da palavra de origem francesa hospice que significa dar ajuda, abrigo aos viajantes” (WALKER, 2002, p. 4). Essa palavra e seus significados possuem ligação direta com a palavra hostel, que de acordo com o American Heritage Dictionary of the English Language [dicionário do patrimônio americano da língua inglesa] é um termo proveniente do Inglês Medieval, que possui suas raízes nas palavras provenientes do Francês Velho e Latim Medieval de hostel e hospítale ou hospice, respectivamente. (EDITORS OF THE AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2011).

Deve-se, também, ressaltar a relação e similaridade de conceitos que estes termos possuem com a palavra hospital, pois atualmente o termo hospitalidade “remete a uma reflexão e estreita relação com esta palavra, que está ligada diretamente ao atendimento, aos desejos e aos anseios do usuário” (STOLL, 2006, p. 14).

A palavra hostel possui, além das ligações etimológicas, também ligações filosóficas e comerciais diretas com os conceitos de hospitalidade, com o simples ato de hospedar um estranho ou viajante, com a filosofia de entendimento entre as pessoas. Suas origens remetem às primeiras excursões gregas e romanas de desbravamento e descobrimento, onde algumas pessoas eram bem recebidas ao invés de ameaçadas, às tavernas que ofereciam alimentos e estalagens que proviam acomodação. Nasce, assim, o conceito moderno de hospitalidade, por volta de 1700 a.C., das primeiras estalagens em casas particulares no início do sec. XVII, as quais praticavam a hospitalidade em seu sentido mais puro (WALKER, 2002).

Esses conceitos são mutáveis ao passar do tempo, são apropriados de formas diferentes em locais diferentes, até que, nesse caso específico do tema desse trabalho, se transformaram no

conceito que temos dos primeiros hostels na contemporaneidade. Portanto, resumidamente, essa palavra entra no vocábulo do idioma Inglês através da própria palavra hostel do francês velho, que deriva do latim tardio hospitale, o que denota um hospice, ou um lugar de descanso, o lugar da hospitalidade (EDITORS OF THE AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES, 2011).

Já, a palavra albergue, de acordo com Ferreira (2004, p. 84) possui outra raiz etimológica, diferente do latim hospes. Ela deriva do Gótico haribaírgo, e possui significado de “abrigo, asilo, [...] local em que se recolhe alguém por caridade [e] asilo onde se recolhem de noite os mendigos”. Portanto, é possível notar a clara distinção etimológica, filosófica e comercial entre os termos hostel e albergue.

A adoção do termo albergue no Brasil, talvez decorra da época do Brasil Império, onde as albergarias, chamadas também de hospedarias, davam abrigo aos primeiros viajantes, geralmente comerciantes, exploradores e estudiosos, em nosso país. Essas albergarias eram instalações extremamente precárias, que serviam, a priori, mais para dar descanso e comida aos animais dos viajantes do que conforto, hospitalidade e segurança aos seus próprios hóspedes (VALENZUELA, 2013). Provavelmente é aqui que se inicia a mescla de termos e confusão etimológica que se encontra atualmente. Apesar da preferência desse autor pelo termo hostel, nesse estudo, ainda será usado o termo albergue da juventude e/ou youth hostel, quando estiver se tratando do meio de hospedagem associado à HI (HOSTELLING INTERNATIONAL – HI).

O termo hostel será usado para descrever todo e qualquer outro tipo de empreendimento contemporâneo e independente, não associado à HI. É interessante notar que a própria HI, no exterior, adota a palavra hostel como nomenclatura oficial e não, por exemplo, a palavra inglesa shelter, que se traduziria literalmente como abrigo (que vem da do gótico haribaírgo, dando origem à palavra albergue). Em uma tradução literal, albergue da juventude seria traduzido como youth shelter. Portanto, acredita-se que a tradução de Youth Hostel para Albergue da Juventude tenha sido equivocada, levando à um preconceito e à uma imagem enganosa. Faz-se necessário, portanto, ou um estudo etimológico aprofundado para se achar uma palavra que melhor traduza o hostel, ou adotar o termo em original em inglês. Nessa batalha etimológica (ver figura 07), o vencedor deve ser o hóspede, que ao ver qualquer tipo de anúncio de um hostel e ao se hospedar em um estabelecimento que se intitule como tal, saberá o que essa palavra significa e quais infraestruturas básicas ou serviços serão encontrados nesse local.

Figura 07: Batalha etimológica Hostel vs. Albergue



Fonte: autor (2015).

O público alvo dos hostels é difícil de ser categorizado pois não representa uma faixa demográfica e econômica clara e específica (NASH, THYNE e DAVIES, 2006). Este segmento de mercado, amplo e variado, pode ser considerado e definido, de uma maneira mais específica, como um turista alternativo e/ou um backpacker/mochileiro e, de uma maneira mais geral, como as pessoas que compõem o segmento denominado de turismo da juventude (MUSA e THIRUMOORTHY, 2011). Nash, Thyne e Davies (2006) e outros autores (OLIVEIRA, 2008), consideram que o turista backpacker pode englobar as mais diversas definições, desde turista jovem, turista não institucionalizado, turista econômico ao alocêntrico (COHEN, 2011).

Quanto ao termo juventude, este é amplo, até mesmo ambíguo e controverso, pois delimitar uma faixa etária (dado quantitativo) para agrupar pessoas que se enquadram num determinado estado de espírito (dado qualitativo) é como conciliar ciência e religião. De acordo com a OMT, para fins de caracterização demográfica, o turismo da juventude é aquele praticado por pessoas de uma faixa etária de 15 a 26 anos (UNWTO, 2008). Além da OMT, diversos autores tentam limitar uma faixa etária para definir a juventude, colocando, assim um limite quantitativo. Não há, porém, um consenso quanto à uma faixa definida, variando de 15 a 35 anos. Mas essas noções quantitativas da juventude pecam por não conseguirem abarcar as exceções à regra, pois, como a própria OMT adverte, o turismo da juventude “não é apenas uma questão de demografia, mas cada vez mais um estilo de viagem [e] os meios de hospedagem designados para a “Juventude”, são agora usados por viajantes de todas as idades” (UNWTO, 2008, p.01). Essa definição embarca, assim, as diversas pessoas que se enquadram numa descrição qualitativa de juventude, mas não se encaixam na faixa etária adequada.

Portanto, a noção que mais se aplica a esse presente estudo é de que juventude é um conceito muito vago que varia em âmbito geral e pessoal conforme uma determinada cultura, sociedade e indivíduo, num determinado tempo/espaço, “é um período da vida situado entre a infância e a vida adulta e que expressa todas as ambiguidades de um tempo marcado pela busca da maturidade e identidade sexual, as incertezas de assumir novos papéis sociais, posicionar-se perante a estrutura social e de poder de sua sociedade. [...] a juventude apresenta aspectos típicos do momento “limítrofe” dos ritos de passagem [...] esse esquema se aplica também ao processo de socialização dos indivíduos [...] a juventude deve ser considerada uma fase crucial para a formação e a transformação de cada um, quer que se trate da maturação do corpo ou do espírito, quer no que diz respeito às escolhas decisivas que prelidam a inserção definitiva na vida da comunidade” (LEVI e SCHMITT, 1996, p. 11 apud GIARETTA, 2003, p. 02).

Esse período de vida, citado acima, pode variar imensamente para cada indivíduo dentro de um grupo específico e, também, de sociedade para sociedade, e entre culturas diferentes. O processo de socialização, de formação e transformação pessoal e a determinação de uma idade para a maturidade sexual, e principalmente a social, que irá determinar a posição de um indivíduo perante sua sociedade em um determinado tempo/espaço pode variar igualmente. Portanto, vale levar em conta que o conceito de turismo da juventude é definido não somente pela faixa etária de seus componentes, mas também pelo seu comportamento, que inclui, não somente, a “autoafirmação, busca de liberdade, crescimento pessoal e intelectual, o desafio presente no turismo de aventura, a busca da exaltação. O desbravamento, traço característico do mochileiro que acaba trazendo ao turismo o descobrimento de novos destinos” (GIARETTA, 2003, p. 09).

No caso do Reino Unido, essa faixa etária é considerada oficialmente tão ampla que pode

abarcam pessoas de 15 a 60 anos de idade (NASH, THYNE e DAVIES, 2006), porém, ainda de acordo com os autores, todos possuem características em comum, como “a preferência por alojamento barato, uma ênfase em conhecer outros viajantes, [realizam] uma viagem organizada de forma flexível e com cronograma independentemente, as férias geralmente são longas ao invés de breves, [e dão] ênfase para atividades informais e participativas” (p. 526).

Dentro dos aspectos quantitativos pode-se caracterizar o público alvo dos albergues da juventude conforme o estudo realizado por Giaretta (2003), sobre a demanda deste meio de hospedagem no estado de São Paulo, com um universo de 400 alberguistas entrevistados em 07 albergues, dividindo este segmento em “quatro categorias: demográfica, socioeconômica, de motivação e o tipo psicográfico” (p. 103). Mediante os dados de Giaretta (2003), a maior parte da faixa etária dos alberguistas de São Paulo encontra-se acima dos 26 anos, com 56,75% da amostra, contrariando, assim, diretamente a classificação padrão da OMT que limita esse segmento de mercado até 26 anos. Isso pode provar o quanto a idade é irrelevante se comparado ao estilo de viagem dos turistas que se consideram jovens e que usam meios de hospedagem destinados ao turismo da juventude (LARSEN, ØGAARD e BRUN, 2011).

Ainda, tendo como base o estudo realizado por Giaretta (2003), percebe-se que, ao contrário do que o preconceito popular preconiza, os alberguistas não são turistas de baixa renda. A maioria dos entrevistados se situam na faixa mais superior de renda da pesquisa, onde 47,64% possui uma renda mensal superior a nove salários mínimos. No entanto, isso não significa que esse tipo de visitante relaciona como um bom meio de hospedagem aquele que cobra mais caro por sua infraestrutura e serviços, pois utiliza os albergues como meio preferido e o gasto médio de viagem por dia ainda continua relativamente baixo, até R\$ 50/dia, se comparado à alta renda.

Talvez o quesito mais importante sobre a definição desse público alvo seja quanto ao seu tipo psicográfico. Essas características psicográficas tentam expressar a essência dos frequentadores de hostels, quem eles realmente são e o que buscam quando em viagens. São essas as características que determinam o tipo de viagem que realizam, o tipo de transporte que utilizam, assim como os meios de hospedagem, serviços e, principalmente, quais as relações que mantêm com o destino visitado (AKATAY, ÇAKICI e HARMAN, 2013).

Para compreender melhor essa tipologia psicográfica deve-se remeter ao modelo classificatório criado por Stanley Plog em 1974. Esse modelo teórico propõe que a popularidade de um destino está associada diretamente à personalidade inerente dos viajantes (PERSONAL, SOCIAL AND HUMANITIES EDUCATION SECTION, 2013). Plog sugere que os viajantes podem ser classificados, de acordo com suas diferentes personalidades, em diferentes tipos. Primeiramente, são estabelecidos os tipos de personalidades opostas, sendo elas a aloccêntrica e a psicocêntrica, e posteriormente a que se encaixa entre as duas anteriores, a mesocêntrica (GIARETTA, 2003).

O turista do tipo aloccêntrico (de latim ale, “outro” + grego kéntron, “ponto central”), que caracteriza a maior parte dos backpackers (PARIS e TEYE, 2010), possui alto nível de curiosidade, um apelo pelo desejo por aventura, preferem destinos ainda não desenvolvidos turisticamente, são flexíveis e dão preferência aos atrativos educacionais, culturais e exóticos (CUNHA, 1997 apud GIARETTA, 2003, p. 104). Além disso esse tipo de turista quanto ao comportamento, é extrovertido e autoconfiante. O indivíduo aloccêntrico prefere explorar áreas novas e incomuns antes que os outros o façam, gostam de conhecer pessoas de outros países ou diferentes culturas, preferem não estar comprometidos com um itinerário estruturado, e de ter a liberdade para explorar uma área, fazer o seu próprio roteiro e escolher uma variedade de atividades e atrações turísticas (PERSONAL, SOCIAL AND HUMANITIES EDUCATION SECTION, 2013, p. 36).

O turista do tipo psicocêntrico tem suas preocupações de viagem direcionadas ao seu próprio ser, às suas preocupações pessoais, são considerados passivos, caracterizando um tipo de turismo sedentário, possuindo, assim, um interesse relativamente limitado no mundo exterior e no destino e pessoas visitados (FIRTH e HING, 1999). Por consequência, acabam por procurar serviços e infraestrutura, como os meios de hospedagem, tradicionais, viagens organizadas por terceiros e destinos de fácil acesso e desenvolvimento consolidado.

Além disso, os turistas psicocêntricos possuem a tendência para serem pessoas mais conservadoras. Eles tendem a ser inibidos e não-aventureiros. Preferem voltar para destinos de viagens familiares, onde eles podem relaxar e saber quais os tipos de alimentos e atividade que esperar. A segurança é muito importante para este grupo (PERSONAL, SOCIAL AND HUMANITIES EDUCATION SECTION, 2013, p. 36).

Já, os turistas mesocêntricos encontram-se em uma classificação que se posiciona relativamente no meio das duas anteriores. Dentro do turismo, essa tipologia abrange, talvez, o maior número de pessoas/turistas, que resumidamente tendem a não ser extremamente aventureiros, mas são abertos a novas experiências (PERSONAL, SOCIAL AND HUMANITIES EDUCATION SECTION, 2013).

Tabela 01: Tipologia dos alberguistas, segundo modelo de Stanley Plog

Tipo	F (n=394)	%
Alocêntrico	226	57,36
Cêntrico	146	37,06
Psicocêntrico	22	5,58
Total	394	100

Fonte: Giaretta (2003).

Conforme a tabela 01, Giaretta (2003) mostra, sem generalizar com os demais perfis de outros estados, que a maior parte do alberguistas do estado de São Paulo, podem ser classificados como alocêntricos, com 57,36%, seguidos dos indivíduos mesocêntricos, com 37,06, e somente 5,58 indivíduos da pesquisa foram caracterizados como psicocêntricos. Esse fato comprova a expectativa de que pessoas que possuem a tendência a se encaixar com mais facilidade no perfil psicocêntrico são considerados os principais frequentadores dos hostels (FILHO, 2010), devido às suas características culturais, sociais e de sua relação com o turismo, população e local onde se encontram (OOI e LAING, 2010).

Portanto, os hostels possuem um público alvo de perfil ativo (participa de atividades intra e extra hostel, com alta frequência) (KHOZAEI, HASSAN e KHOZAEI, 2010), ambientalmente consciente (preocupado com a cultura e meio ambiente do local visitado), que prefere a interação com a comunidade, cultura e gastronomia locais, viaja por mais tempo e preza pelo bem-estar de todas as partes envolvidas no processo de visitação turística (CICCIO, 2011; FILHO, 2010; FIRTH e HING, 1999; GIARETTA, 2003; KHOZAEI, et al., 2010; NASH, THYNE e DAVIES, 2004; UNWTO, 2010).

Apesar do turismo da juventude estar relacionado "a um produto ou estilo de viagem particular (como [mas não somente] as viagens independentes, os mochileiros, viagens de aventura, o estudo da língua, da troca experiências, e intercâmbio de trabalho)", esse tipo de turismo, assim como os hostels, servem "como um veículo para o intercâmbio internacional e para a paz e compreensão mundial" (UNWTO, 2008, p. 01).

Mostra-se aqui o tipo de relação que os hostels podem possuir com a hospitalidade e o espaço que ocupam. É importante ressaltar que nem todos os hostels possuem essa condição exposta a seguir, isso depende da qualidade da infraestrutura e dos serviços prestados. No entanto o que se busca é mostrar que desde sua gênese até os dias de hoje, os hostels podem, com facilidade, se aproximar dos conceitos de hospitalidade pura/ genuína. Sendo assim podem constituir um meio de hospedagem voltado ao turismo sustentável, um local voltado às pessoas, muito mais do que um simples local barato para se pernoitar. Como se mostra nos exemplos a seguir.

AS RELAÇÕES ENTRE HOSTELS E HOSPITALIDADE

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), patrimônio imaterial é tudo aquilo que diz “respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas (IPHAN, 2015).

A hospitalidade consiste numa relação social entre o hóspede e o anfitrião. É o agrupamento dos costumes e simbologias culturais que compõe o ato ou prática de ser hospitaleiro, mais especificamente, inclui a recepção e entretenimento dos hóspedes, visitantes ou estranhos, nos âmbitos sociais, rituais e éticos, passados de geração a geração (CAMARGO, 2008). Se analisarmos as origens de nossa civilização ocidental, afim de entender a filosofia alberguista, podemos voltar à Grécia antiga, onde Xênia (em tradução informal do Grego: amizade-hospedeira) corresponde ao antigo conceito Grego de hospitalidade, da generosidade e cortesia demonstrada àqueles que estão longe de seus lares (WALKER, 2002).

Os antigos rituais gregos de hospitalidade mostram que esse fenômeno tem origem nos domicílios ou nas residências e é uma relação recíproca entre anfitrião e convidado, expressada em benefícios materiais (como a doação de um presente), e também de uma forma intangível (tal como proteção, abrigo e até mesmo amizade) (ALMEIDA, 2009). Um tema recorrente na mitologia grega é o caso em que os seres humanos demonstram sua virtude estendendo hospitalidade a um estranho (xenos), que acaba por ser uma divindade disfarçada, com a capacidade de conceder recompensas (CHELHOD, 1990). Portanto, “a história da hospitalidade é a história do homem, de seus encontros, de seus diálogos e de tudo aquilo que ele tem criado para facilitar sua aproximação com seus semelhantes” (GRINOVER, 2007, p. 20).

Essas histórias ensinam que qualquer hóspede deve ser tratado como potencialmente uma divindade disfarçada, todos devem ser tratados de forma igualitária, sem discriminação e recebendo o melhor que o anfitrião tem a conceber (FERRAZ, 2013). Estas ideias morais ajudaram a estabelecer o conceito contemporâneo de hospitalidade, que além de ser um costume grego é um ato fundamentalmente humano, tem até contribuído na definição de questões sócio-políticas e econômicas, expressas pelos paradigmas de honra, em sociedades

antigas (Grécia Antiga e Roma, em particular) onde as regras de hospitalidade foram legalmente e religiosamente definidas (GOTMAN, 2011; LOUDEN, 2011; MONTANDON, 2011).

Como se pode perceber a raiz da hospitalidade dá-se entre duas pessoas: aquele que recebe e aquele que é recebido. Corresponde a uma relação interpessoal entre o hóspede e o anfitrião que, além disso, pode ser “uma instituição, uma organização social, isto é, uma organização integrada em um sistema que pode ser institucional, público, privado ou particular” (GRINOVER, 2006, p. 31). Seguindo esta ideia de mudança de paradigmas, vê-se na modernidade europeia um lento declínio do prestígio da hospitalidade doméstica e o novo símbolo de prestígio transitando para os hotéis, como lugares ou espaços desejáveis. Esses locais, que se originaram dos antigos albergues, passaram por um processo de transformação de um reduto de pessoas que não seriam recebidas em casas particulares para hoje serem novo símbolo de lazer, hospitalidade e status (CAMARGO, 2008; MONTANDON, 2011).

Atualmente, em um segmento de mercado de competição acirrado, como o da hotelaria, e diante de um cliente exigente, raro e volátil, (a hotelaria) será obrigada a restabelecer um contato mais próximo com a demanda por diversos meios, como através da personalização e formulação comercial da relação pessoal e até mesmo através da proposta da gestão das emoções dos hóspedes (MANOSSO, GÂNDARA, et al., 2012). Essa proposta, de personalização e gestão emocional da hospitalidade com fins estritamente comerciais, é a própria negação da verdadeira hospitalidade (GOTMAN, 2009). Por tanto, para Gotman (2009), a tentativa de usar a genuína hospitalidade como alternativa de diferenciação comercial, fracassa antes mesmo de ser tentada, pois a encenação muitas vezes forçada, a falta de desejo e vocação dos recursos humanos de atuarem no âmbito da hospitalidade (fazendo-o muitas vezes apenas por necessidade), e o câmbio monetário entre anfitrião e hóspede determinada uma relação comercial e não um ato de hospitalidade.

As ideias de hospitalidade genuína, a qual de acordo com Gotman (2009) é extremamente rara no turismo, devem, a princípio, promover uma quebra de fronteiras, uma aproximação cultural e, mais importante, uma alteração básica de consciência tanto do anfitrião como do hóspede (PERAZZOLO, SANTOS e PEREIRA, 2013). O primeiro deve deixar de ver o segundo como uma autoridade/subalterno e o segundo deixar de percebê-lo como um estranho/cliente, e ambos passarem a terem-se como seres iguais. Isso acontece através do estranhamento inicial, do relacionamento interpessoal, e posteriormente da mudança de ideias que produz um novo significado. Mesmo que haja o ato de pagar pela hospedagem, essa mudança de consciência, de relacionamento entre anfitrião e hóspede é passível de acontecer, com mais frequência nos hostels do que nos hotéis convencionais.

Na verdade, o que se vê no turismo em grande número de casos, é uma série de conflitos entre “anfitrião” e “hóspede”. Se percebe que, nesses casos de conflito, o receptivo turístico não oferece seu melhor serviço de livre arbítrio e bom intuito (conceito de dádiva) (CAMARGO, 2004; GOTMAN, 2011; GRINOVER, 2002; MONTANDON, 2011). O visitante, em seu papel de cliente, exige certo tipo de tratamento ou serviço simplesmente por que está pagando e é de seu direito. Este conflito resulta, em parte, ao fato de que a maiorias das pessoas que trabalham com receptivo turístico, na hotelaria ou em outros segmentos, não possuem o dom do bem receber, muito menos a intenção de receber e servir alguém estranho, visto que em diversas culturas o ato de servir é visto como degradante (MONTANDON, 2011).

Parte dos recursos humanos em hospitalidade turística, dedica-se a esse tipo de trabalho porque não possui outra alternativa socioeconômica. Gotman (2011) considera a verdadeira hospitalidade como uma virtude, um assunto de real beleza e um reflexo da filosofia moral antropológica. Talvez se deva abordar a hospitalidade no turismo de uma forma mais sincera, não só como uma mimese da verdadeira, mas como uma honesta demonstração de afeto a um estranho, por pessoas que queiram realizar estes tipos de atos para com o visitante

(ALMEIDA, 2009). Quando se analisa a hospitalidade no turismo, especialmente nos meios de hospedagem, é prudente que se tenha em mente que ela constitui um embate entre as relações interpessoais. Cada nicho cultural de um determinado destino turístico possui, intrinsecamente, suas próprias maneiras de demonstrar tanto a hospitalidade quanto a inospitalidade. Por isso é que a hospitalidade, enquanto um atributo ou qualidade, está tão ligada ao patrimônio cultural da humanidade, pois constitui um reflexo de como cada nação ou grupo menor de pessoas age em relação ao estrangeiro em diversas situações domésticas, públicas e comerciais (MONTANDON, 2011).

Portanto, é de fundamental importância considerar hospitalidade como demonstrações culturais ou de sistemas culturais, os quais são “padrões de comportamento socialmente transmitidos, que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamentos sociais e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (KEESING, 1974, p. 75).

Esse modo de vida, para que a hospitalidade seja considerada como parte formadora do patrimônio cultural de um determinado destino turístico, deve ser analisado como “uma qualidade social antes de ser uma qualidade individual, um fenômeno que implica uma organização” (GRINOVER, 2006), e somente assim pode-se atribuir significado e importância a estas manifestações de hospitalidade como um ato coletivo, demonstrando o patrimônio cultural de um local.

Adicionalmente, sobre a ideia de hospitalidade como patrimônio cultural, Camargo (2008) advoga que a perspectiva da verdadeira hospitalidade “coloca seres humanos como protagonistas de um ritual ancestral, com regras definidas e mantidas secularmente, sempre renovadas e adaptadas, mas sempre mantidas como leis não escritas, ainda mais fortes que as leis escritas, a ponto quase de constituir uma segunda natureza” (p. 42), sendo essa, demonstrada através da hospitalidade.

A transformação de costumes em cultura é algo natural e a preservação desses, e sua consequente demonstração perante estranhos, pode ajudar o turismo rumo à verdadeira hospitalidade. Gotman (2011) ainda adverte para a diminuição da hospitalidade no mundo individualista contemporâneo ocidental, dando a verdadeira hospitalidade como rara. Nas sociedades democráticas onde a igualdade domina as relações sociais, a privatização da esfera doméstica não prevê um lugar específico para o estrangeiro. Onde os hostels se encaixam nesse turbilhão de definições filosóficas, morais e costumes, nessa dicotomia entre a verdadeira e a falsa hospitalidade? Numa posição privilegiada que pode servir de modelo à hotelaria, em como agir em direção à hospitalidade sincera, promovendo um contato mais pessoal e genuíno entre anfitrião e hóspede, uma relação direta entre visitante e patrimônio cultural local através de demonstrações de hospitalidade. Visto que suas raízes estão fincadas em atos da mais genuína hospitalidade.

Ainda que estudos mais aprofundados sobre a relação entre os hostels e a hospitalidade devam ser realizados, algumas análises primordiais podem ser sintetizadas a partir dessa análise:

- 1º – As demonstrações de hospitalidade de uma determinada cultura fazem parte do patrimônio cultural de um destino turístico;
- 2º – Os hostels possuem, em sua gênese, ligação direta com essas demonstrações de hospitalidade local, consequentemente com patrimônio cultural de um destino;
- 3º – A “hospitalidade genuína”, se possível dentro do turismo, é mais provável que aconteça em estabelecimentos de pequeno porte, empresas familiares e nos hostels, que nasceram desse

conceito e o tem incorporado em sua filosofia desde então;

Considerando o modo como o turismo de massa se organiza “[...] a efemeridade da relação do turista com os territórios visitados constitui uma barreira cada vez mais difícil de ser transposta” (CRUZ, 2001, p. 23). Espera-se que tenha conseguido demonstrar a possibilidade de uma nova relação entre visitante e meio de hospedagem, conseqüentemente com o destino turístico, sua cultura e povos locais. Para aqueles que procuram por uma relação mais pessoal, humana e preocupada ambiental e socialmente com as partes envolvidas no fenômeno turístico, os hostels podem representar uma opção de combate à “frieza” e à falta de sustentabilidade constatada em parte hotelaria convencional (OOI e LAING, 2010). Concluindo, a relação entre a essência da filosofia dos albergues da juventude com o patrimônio cultural de destinos turísticos, na forma da hospitalidade, se mostra em muitos casos como evidente e indissociável. A gênese alberguista nos mostra que os alicerces dos primeiros albergues estavam diretamente relacionados à hospitalidade genuína, à cultura local, ao relacionamento interpessoal dos seus integrantes e desses com o meio visitado.

AS RELAÇÕES ENTRE HOSTELS E O ESPAÇO

Além do exposto anteriormente, ainda de acordo com sua gênese, os albergues da juventude estão ligados à preservação de edifícios históricos, os quais nos remetem diretamente ao patrimônio histórico e cultural. Na sequência desse estudo se buscará estabelecer uma relação entre os hostels e espaço, que pode resultar no fomento ao turismo sustentável através da conservação de edifícios de interesse histórico.

Não é o propósito desse subcapítulo determinar que todo e qualquer hostel necessite dessa premissa para ser caracterizado como tal, mas mostra-se que, desde sua gênese, esse meio de hospedagem favorece a conservação desses locais de interesse histórico e conseqüentemente possuem, em sua essência, o potencial de constituírem um meio de promover a conservação do patrimônio histórico edificado, a hospitalidade urbana e, conseqüentemente, o turismo sustentável.

De acordo com o IPHAN, patrimônio material é “composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como os cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais” (IPHAN, 2014).

Dentro das definições de turismo já revistas anteriormente, pode-se notar que dois componentes básicos são necessários para que este fenômeno ocorra: 1) a pessoa, o viajante, sedento por deixar seu habitat natural, desejando viajar; 2) e o destino, o objeto, o território ambicionado pelo observador (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002; KRIPPENDORF, 2009; LOHMANN e NETTO, 2012; PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2008; UNWTO, 2010).

Neste processo, onde o turismo ocorre, diversas variáveis interagem entre observador e objeto (viajante e destino, turista e paisagem) dando origem a um fenômeno complexo e extremamente interativo. De uma maneira básica, desconsiderando inúmeras variáveis desse fenômeno, vê-se que para chegar ao destino é necessário o transporte. Uma vez no destino, a acomodação e a alimentação se fazem necessárias.

O observador se debruça sobre esse tripé que contempla o território, apoiado nas bases do transporte, acomodação e alimentação (sendo que a hospitalidade permeia todas estas interações). É primordial, no turismo contemporâneo (realizado de forma organizada e com ambições sustentáveis), que o planejamento do território e empreendimentos turísticos que o ocupam, seja desenvolvido de maneira que supra as necessidades de todas as partes envolvidas no processo turístico e preservem esse território para futuras gerações. Pois, o turismo possui grande potencial de proporcionar aos destinos uma alternativa de desenvolvimento sustentável que “tem plenamente em conta os seus atuais e futuros impactos econômicos, sociais e ambientais, abordando as necessidades dos visitantes, a indústria, o ambiente e as comunidades anfitriãs” (UNWTO, 2005, p. 12).

Quando contemplamos o desenvolvimento do território turístico, a criação do patrimônio histórico edificado e a apropriação desse patrimônio via meios de hospedagem, levantam várias questões. Dentre elas, uma atinge certamente o tema deste estudo: Como devemos abordar o planejamento turístico e a utilização do patrimônio histórico, de forma que estes supram as necessidades dos envolvidos com o turismo e se mantenha “vivo” para futuras gerações?

Reflexões decorrentes dessa última questão são essenciais ao turismo, pois em sua gênese esta atividade tem sido concebida quase que exclusivamente como atividade comercial, com um só objetivo, o da capitalização monetária. O passado não deve somente ser vendido, como preconizam alguns autores (HENDERSON, 2013), mas sim lembrado, preservado e usado como fonte rica de conhecimento, de aprendizado.

O turismo possui além dos aspectos econômicos, um viés impactante na vida de pessoas e lugares. Devemos abordar este assunto de forma holística e sustentável, considerar a racionalidade das formas de condicionamento, de utilização e de apropriação do espaço se quisermos assegurar aos lugares alguma hegemonia e competitividade (LAZAROTTI, 1994 apud. CRUZ, 2001), pois o turismo “só pode ser entendido à luz de matrizes conceituais-metodológicas que iluminam o contexto social da modernidade, [que impuseram] um pacto social baseado [como] como esfera de trabalho e esfera do ócio” (RODRIGUES, 2006).

Portanto, o turismo possui a vantagem de poder agir como uma alternativa econômica a ser realizada com foco em resultados que considerem o bem-estar social e ambiental dos destinos. Apresentar o turismo como um fenômeno sustentável – que nasce no destino turístico, tem seu processo desenvolvido pela e para a comunidade local, envolvendo-a e beneficiando-a, assim como o espaço onde este se encontra, e gerenciado de uma forma que possa ser aproveitado por gerações futuras indefinidamente – é uma proposta árdua e desafiadora. O objetivo deste subcapítulo é estabelecer uma relação direta entre:

- a) Território turístico – como o homem se apropria dos espaços, consequentemente dos destinos turísticos e como, reciprocamente, o território influencia nessa apropriação;
- b) Patrimônio histórico edificado – representado por castelos, fortificações, palácios e edifícios de valor universal, podendo favorecer essa interação entre homem e território, da cultura e patrimônio local;
- c) Hostels – por poderem ocupar tais locais na atualidade, em decorrência de sua gênese histórico-social e da possibilidade de auxiliar na conservação desse patrimônio.

É possível apontar os hostels, através de seus conceitos e filosofia, como opção de renovação conceitual dentro da hotelaria e de desenvolvimento sustentável, através do potencial de conservação do patrimônio cultural edificado. Propõe-se que quando essas três partes interagem, produzem estabelecimentos de caráter, utilidade e locais únicos, e acabam colaborando na interação entre visitantes e anfitriões, na promoção do patrimônio cultural dos locais onde se encontram e no desenvolvimento do turismo com ambições sustentáveis.

No trinômio abordado nesse subcapítulo (espaço/patrimônio/hostel) deve-se considerar como primeiro componente do fenômeno turístico o espaço territorial pois, este é o elemento receptor do turismo, que produz e mantém os atrativos turísticos. É o território turístico que sofre os impactos, tanto positivos quanto negativos desta atividade. Além disso, é nele que o turismo se realiza e é no destino que se percebe o caráter “imutável” do fenômeno turístico. É na imutabilidade do território – extensão considerável de terra [...] base geográfica que abrange o solo, rios, mares, lagos interiores, golfos, baías (FERREIRA, 2004) – que o turismo se constrói. É com este território que interagimos e sobre ele que construímos nossos alicerces, ambos ideológicos e materiais (CARVALHO, 2011).

É no espaço que materializamos nossos conceitos e vivemos o que percebemos por realidade, portanto o território é, em cada recorte temporal específico, a representação social de sua época e “a localização num dado sítio e num dado momento das frações da totalidade social depende tanto das necessidades concretas de realização da formação social quanto das características próprias de um sítio [...] o local torna-se assim, a cada momento histórico, dotado de uma significação particular” (SANTOS, 1979, p. 16).

Cada peculiaridade deste espaço determina as características sociais da população que o ocupa e vice-versa, produzindo desde o desenvolvimento sustentável à segregação social (MESQUITA e XAVIER, 2013). Conseqüentemente, estas peculiaridades espaciais, essas rugosidades, moldam também o patrimônio histórico, material e imaterial, no decorrer da formação da sociedade (SANTOS, 2013). Haja vista que estas edificações são o resultado da interação entre Homem (modos de produção e interação entre classes sociais) vs. Natureza – aqui tida como espaço/território/paisagem turística. A função (utilidade), de cada forma material (edificação), depende do contexto social em que se encontra, o qual muda no decorrer do tempo (CRUZ, 2001; SANTOS, 1979; 2013), pois “a paisagem oferece pistas materiais que permitem perceber seu caráter histórico [...] que conduzem ao entendimento geomorfológico e social da paisagem contemporânea e de suas sucessivas fisionomias anteriores, ao longo do tempo” (YÁZIGI, 2002).

O turismo tem como seu “principal objeto de consumo o espaço, entendido como o conjunto indissociável de objetos e de ações, de fluxos e fixos” (CRUZ, 2001, p. 17). Especialmente, a hotelaria se enquadra no setor terciário, o qual experimentou grande crescimento com o acúmulo de capital e tempo livre após a Revolução Industrial. Anteriormente, os bens adquiridos eram de ordem material e atualmente uma parcela da sociedade pode se dar ao luxo de consumir bens culturais, imateriais, como as viagens (HARVEY, 1993). Mas, a hotelaria, também pode ser colocada como um bem material e edificado, quando atua na preservação do patrimônio histórico. Sendo assim, age em ambas as frentes de encontro entre turista e território. Surge daí a necessidade de suprir essa demanda por serviços turísticos através do planejamento do território. Em alguns casos notamos o surgimento desordenado desses serviços, através de pequenas empresas ou negócios de turismo como meio de sobrevivência, de pessoas ou famílias inseridas nesse novo sistema econômico que impõe transformações globais como se fossem naturais (SANTOS, 1979).

Nem sempre essa demanda é suprida de forma adequada qualitativa e quantitativamente, e nem sempre esta relação é benéfica a todas as partes, acarretando diversos atritos e conseqüências por vezes desastrosas para visitantes, comunidade local e meio ambiente de destinos turísticos. O conceito de território turístico, compila todas as interações sociais e transformações materiais e culturais do homem no espaço “determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas; assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos” (SANTOS, 1979, p. 18). Para o turismo isso é a fonte de sua criação, pois “a força do turismo é dada por sua capacidade de criar, transformar e, inclusive, de valorizar, diferencialmente, espaços que podiam não ter valor no contexto da lógica de produção” (CRUZ, 2001, p. 17).

Esta apropriação do território pelo turismo pode ocorrer de forma organizada ou não, de forma oficial ou marginalizada, e são os acontecimentos históricos, socioespaciais que determinaram como essa apropriação se realiza, conferindo-lhes características e qualidades, através do uso e da atribuição de significado aos espaços ocupados pela sociedade (CRUZ 2001; SANTOS, 1979; YÁZIGI, 2002). Essa relação entre território e turista muitas vezes é vista como efêmera e transitória, não somente pelo curto espaço de tempo em que o turista passa em contato com o território, mas também pela superficialidade, rigidez e pasteurização dos pacotes turísticos. Assim como, pela personalidade e posicionamento do turista perante o território e vice-versa (CRUZ, 2001).

A percepção visual, componente primário, mas não único da interação turista/território, é “uma condição fundamental para a existência cultural da paisagem [e] não há paisagem [território turístico, neste caso efêmero] sem um observador” (YÁZIGI, 2002). No entanto, confiar apenas no contato visual com a paisagem turística, proporciona uma interação apenas superficial. O destino consiste-se de representações e interações pessoais, ambientais e sociais. A relação turista/território, chamado de fenômeno turístico, ocorre no contato pessoal, em uma paisagem que não é somente um objeto e, para compreendê-la, “não basta saber como se agenciam morfologicamente os componentes do ambiente, nem como funciona a fisiologia da percepção [...] é preciso também conhecer as determinações culturais, sociais e históricas da percepção” (BERQUE, 1995).

Essas interações são inseparáveis e criam nossa percepção de realidade socioespacial e moldam nossas experiências de vida, assim como nossas interações turísticas. É desta premissa que partimos para a inclusão dos hostels nesse raciocínio. Esses locais nasceram de uma relação entre sociedade-espaço diferente de outros estabelecimentos comerciais de apoio ao turismo. Por consequência, possuem uma filosofia social e cultural que promove a integração entre pessoas e destinos, pois transmitem importantes mensagens para aqueles que os visitam. A interpretação desses destinos pode contribuir para a manutenção e reconstrução de uma identidade cultural (HORVÁTH e NAGY, 2012). A conservação e promoção do patrimônio histórico em edificações que em outro contexto histórico-social encontravam-se em estado de abandono, pode se dar pelo meio de hospedagem tema dessa pesquisa, pois muitos são, agora, ocupados por albergues da juventude.

Os hostels podem agir como uma segunda-residência, onde a “posse do meio de hospedagem e a reincidência da visita instigam uma relação mais duradoura e menos fugidia entre turista e território turístico, o que o turismo na hotelaria dificilmente poderá estimular” (CRUZ, 2001). A relação mais profunda entre o visitante e destino pode, através de suas características e de sua apropriação do território, dar origem à prática de um fenômeno turístico mais sustentável. É dessa interação – entre homem e território, dos embates sociais, culturais e históricos que ocorrem sobre o território – que brota o que hoje chamamos por patrimônio histórico edificado. É do convívio, e muitas vezes da luta, entre homem e natureza que nasce a superação e a construção de nossos bens materiais e imateriais.

As “faíscas” decorrentes dos atritos dessa relação são as manifestações reais de nossa civilização, assim como a luta de classes sociais escrevem as leis no decorrer de nossa história “os modos de produção escrevem a História no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço [...] a história da formação social é aquela da superposição de formas criadas pela sucessão de modos de produção, da sua complexificação sobre o seu território espacial dando-lhe assim novo sentido” (SANTOS, 1979, p.15).

Esse “novo sentido” expressado por Santos (1979), dado a todo o território e as interações acontecidas sobre este, pode ser traduzido como patrimônio. Na verdade, este conceito é extremamente amplo e complexo. Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa

(FERREIRA, 2004) a palavra patrimônio em sua raiz significa “herança paterna”, o que herdamos de nossos pais, esta herança podendo ser as mais diversas, desde um bem material à uma receita de família. Portanto, em uma análise mais profunda podemos definir o patrimônio como o conjunto de bens culturais e naturais, de valor reconhecido para determinada localidade, ou para a humanidade, que uma pessoa, grupo ou entidade possuem, e que ao se tornarem protegidos ou tombados, devem ser preservados para o usufruto de futuras gerações (BARRETO, 2001; FERREIRA, 2004; YÁZIGI, 2002).

Podemos dividir o patrimônio em natural e cultural. O natural consiste em todas as riquezas de valor universal contidas no solo, subsolo, mares e atmosfera de nosso planeta. O conceito patrimônio cultural vem sendo amplificado com o passar dos últimos anos. De acordo com Barretto (2001, p. 10), compreende aquilo que “passou a ser considerado como um mediador entre o passado e o presente, uma âncora capaz de dar uma sensação de continuidade [...] de ser um referencial capaz de permitir a identificação com uma nação”, incluindo, também, os bens imateriais.

O conceito evolui e contempla a relação homem/espço e “a continuidade dos valores e funções a ela associados, assim como os vínculos afetivos, passaram a ser um dos referenciais decisivos para o reconhecimento de um valor universal excepcional” (YÁZIGI, 2002). Sendo assim, dentro do turismo, atualmente a UNESCO propõe que a paisagem digna de ser considerada de valor universal pode ser categorizada em três classes (UNESCO, 2013):

1. A paisagem claramente definida, projetada e criada intencionalmente pelo homem. Essa engloba jardins e parques, paisagens construídas para razões estéticas, que são muitas vezes (mas nem sempre) associados com edifícios monumentais religiosos ou outra de outra natureza.
2. A segunda categoria é a paisagem organicamente evoluída, resultante de um imperativo social, econômico, administrativo e/ou religioso, tendo desenvolvido sua forma atual por associação com e em resposta ao seu ambiente natural. Elas se enquadram em duas subcategorias:
 - a. Uma relíquia (ou fóssil) de paisagem é aquela em que um processo evolutivo acabou em algum momento no passado. Suas características distintivas são, no entanto, ainda visíveis na forma material.
 - b. Uma paisagem contínua é aquela que conserva um papel social ativo na sociedade contemporânea associada com o modo de vida tradicional, e em que o processo evolutivo ainda está em andamento [os hostels podem se encontrar nessa categoria].
3. A última categoria é a paisagem cultural associativa, decorrente de poderosas associações religiosas, artísticas ou culturais dos elementos naturais, em vez de provas culturais materiais.

Destas definições emerge uma problemática: quem deve cuidar e como deve ser cuidado este patrimônio? Apesar do debate ser extenso e complexo, este estudo vem propor que os hostels podem contribuir para a conservação desse patrimônio através de sua filosofia e conceitos, os quais pregam a sociabilização de pessoas e lugares.

Para determinar a que tipo de relação pode existir entre hostels e o espaço que esses ocupam, são usados três exemplos, a seguir.

Hostel do Castelo de Altena – Alemanha: localiza-se na cidade homônima (aprox. 18 mil habitantes), situado no oeste da Alemanha, no estado da Renânia do Norte-Vestefália, que faz divisa com a Holanda e a Bélgica, tem como cidade próxima mais proeminente Düsseldorf (a capital), além de Colônia e Bonn (antiga capital alemã, após a Segunda Guerra Mundial). O castelo da cidade foi construído no início do século 12 e pertencia aos Duques de Berg, até estes dividirem seu império entre familiares. Depois de 1202, tornou-se uma das várias fortificações da família de Altena-Mark e em 1609 a última linhagem da família morreu sem deixar sucessores. Este reinado foi dividido em uma parte católica e uma protestante (STADT ALTENA, s.d.; DEUTSCHE JUGENDHERBERGSWERK, 2014).

Durante a ocupação napoleônica Altena foi palco de confrontos e anexada ao Grão-Ducado de Berg. Após a queda do império de Napoleão, o Congresso de Viena, em 1814, fundou a Confederação Alemã, anexando a região ao novo estado. Durante anos o castelo esteve abandonado, para somente séculos depois ser utilizado novamente. Uma restauração completa foi realizada em 1909 para celebrar o 300º aniversário da incorporação do condado à Prússia. A maior parte do trabalho, no entanto, não terminou antes de 1914. Em 1912, o primeiro albergue da juventude do mundo foi criado por Richard Schirrmann dentro do castelo, a fim de utilizá-lo e conservá-lo. Os antigos quartos ainda estão em exibição e novas salas dentro da área do castelo fazem parte do hostel ainda hoje (HEATH, 1962; STADT ALTENA, s.d.).

Atualmente, oferece 36 leitos, em cinco quartos de 4, 13 e 14 camas, a uma diária de 20 a 34 euros, com café da manhã e pensão completa, respectivamente. Recentemente, foi criada uma pousada, com quartos particulares e o museu do castelo (ARTEN-MEYER, 2013). O local oferece uma oportunidade ímpar de mergulhar na história da Alemanha e dos albergues da juventude, proporcionando uma estadia única em um belo castelo a preços baixos, com conforto, segurança e muita hospitalidade, mantendo vivo até os dias atuais o sonho de Schirrmann.

Hostel 99 – República Tcheca: A pequena cidade de Český Krumlov, localizada no sul da Bohemia, há aproximadamente 180 km de Praga, capital da República Tcheca, é terceiro maior destino turístico do país. As primeiras menções escritas sobre a cidade datam do início do século XIII. Essa região é muito rica culturalmente, tendo sido parte do império austro-húngaro durante séculos. Český Krumlov possui uma beleza única que atrai visitantes de todas as partes do globo. Durante o período em que os Senhores de Rožmberk (1302 - 1602), dominaram a região, Český Krumlov encontrou seu maior período de prosperidade.

Tornou-se, então, a sede de seu reino estando “no cruzamento entre a República Checa, Áustria, Baviera e terras italianas do Norte e se percebe a influência dessas diferentes culturas, que deixaram sua marca na cidade e Castelo com pinceladas do Renascimento italiano” (OIS, 2014). O Imperador Rodolfo II comprou Krumlov em 1602 e deu-a a seu filho natural Julius d’Áustria. De 1719 até 1945 o castelo ficou sob a guarda da família Schwarzenberg e entre 1938 e 1945 foi tomada pela Alemanha nazista. Após o término da Segunda Guerra Mundial, a cidade foi devolvida à Tchecoslováquia (OIS, 2014).

Durante o domínio comunista, Krumlov sofreu com o desuso e abandono, mas a partir da Revolução de Veludo, de 1989, grande parte da antiga beleza da cidade foi restaurada e, em 1992, a cidade entra para a lista da UNESCO como Patrimônio da Humanidade (UNESCO, 2013; OIS, 2014). Em 1992 Český Krumlov entrou para a lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, por ser uma cidade cosmopolita, com uma atmosfera única, rodeada por uma paisagem intocada, onde se sobressai um castelo que se estende ao longo de aproximadamente 01km do sinuoso Rio Moldava.

Atualmente, a cidade é um importante destino de férias, possuindo um centro histórico com elementos góticos, renascentistas e barrocos, um excelente exemplo de cidade medieval centro-europeia (SUNDERLAND, 2013), cujo patrimônio se manteve intacto graças a sua evolução relativamente pacífica ao longo de mais de cinco séculos (OIS, 2014).

Dentro desta paisagem encontram-se diversos meios de hospedagem, do cinco estrelas Hotel Růže aos campings a beira do rio Moldava. Diversos hostels oferecem acomodação alternativa para pessoas de todas as idades. O Hostel 99 é um albergue familiar localizado dentro do centro histórico de Český Krumlov, num edifício tombado pela UNESCO que outrora foi utilizado como parte da muralha de proteção da cidade (início do séc. XIV) e posteriormente convertido no Hospital Santa Elizabeth (final do séc. XV).

Após o fechamento do antigo hospital, o edifício foi dividido em várias partes tornando-se

propriedade privada de diversas famílias ao longo desses anos. Após a queda do muro de Berlim, o fim do comunismo na Europa central e, conseqüentemente, a divisão da Tchecoslováquia entre República Tcheca e República Eslovaca, a família de Vaclav Pecha adquiriu as demais propriedades do que hoje se transformou no complexo do Hostel 99.

O prédio principal do hostel possui quatro dormitórios e dois quartos privados, os banheiros são comunitários. Ao lado da recepção, encontra-se a sala de TV, sala de internet e a cozinha comunitária. A cozinha é completamente equipada e sempre servida de chá e café. Há um grande terraço com vista para o castelo da cidade, mesas com toldo, churrasqueira, jogo de dardos e mesa de ping-pong. É na sala de TV, assistindo a filmes, na cozinha dividindo uma refeição, e principalmente no terraço, saboreando a cerveja local, que os hóspedes interagem, trocam experiências sobre destinos passados, futuros lugares que irão conhecer, informações sobre outros meios de hospedagem e transporte.

Logo ao lado da parte principal do localiza-se o Restaurante 99, que oferece mais uma opção de socialização aos hóspedes. Além da tradicional cerveja local Eggenberg, o estabelecimento oferece diariamente opções de refeições de culinária local, e um extenso menu com diferentes pratos de culinária nacional. Acima do restaurante há um bar onde acontecem esporadicamente shows de bandas locais. Cruzando a rua encontra-se a Deli 99, que fornece lanches e bebidas. No subsolo deste local encontram-se os quartos duplos privativos com banheiros privativos. O Hostel 99 oferece, além de acomodação a um custo médio de 12 euros, serviços de lazer, gastronomia e hospitalidade, possuindo uma empresa de rafting, restaurante, bar e café. É o maior da cidade com aproximadamente 60 leitos, divididos em quartos duplos, triplos, quádruplos e dormitórios de 8 e 12 camas (HOSTEL99, 2013).

Samambaia Hostel – Petrópolis/RJ: Para que se possa compreender esse local é preciso recuar ao período do Brasil Colônia e caminhar por uma das Estradas Reais que davam acesso ao interior do território colonial português, neste caso às Minas Gerais. A Coroa Portuguesa, por volta do séc. XVI estimulou o desbravamento do interior (através dos bandeirantes) em busca de ouro e pedras preciosas. Para acessar a região que deu origem ao atual estado de Minas Gerais, em meados do séc. XVII fez-se necessária a abertura de diversos caminhos para escoar a produção desses minerais em direção aos portos no litoral brasileiro e daí para Portugal.

A primeira dessas estradas reais, hoje conhecida como Caminho Velho, tinha como destino final a cidade de Diamantina e ligava a cidade porto de Paraty a Vila Rica (atual Ouro Preto). De Paraty, o ouro escoado das minas era embarcado e seguia por via marítima até o Rio de Janeiro. Posteriormente, após ser fiscalizado, tomava o rumo de Portugal. Apesar de ser uma rota precária e perigosa, ainda assim tornou-se a estrada preferida dos tropeiros para atingir a região das minas (FAUSTO, 2006).

O Caminho Velho era particularmente perigoso perto do litoral, já que os indígenas nessa fase da história de nossa colonização não representavam mais uma grande ameaça, o maior perigo enfrentado pelos viajantes eram os ataques piratas perto da costa. Portanto, decidiu-se criar uma nova rota mais segura e rápida que ligasse diretamente o porto do Rio de Janeiro e o sertão das Minas. Assim, o Caminho Novo foi trilhado por Garcia Rodrigues Pais, por volta de 1707, e partia direto da baía de Guanabara até se fundir com o Caminho Velho em Ouro Branco, seguindo até Diamantina pelo mesmo caminho antigo. Posteriormente, foi utilizado para escoamento da produção de café do Vale do Paraíba (FAUSTO, 2006).

Ao longo dessas duas estradas reais, nas paradas dos tropeiros, diversas fazendas foram fundadas, afim de prover abrigo, alimentação e descanso aos tropeiros. Além disso, serviam como pontos de troca e comércio de mercadorias. Essas “paradas de tropeiros” tiveram um papel destacado nesse período de nossa história, pois foi no local dessas paradas que surgiram algumas vilas e posteriormente, as mais prósperas cidades. Outras, no decorrer do tempo, perderam seu significado, as minas se esvaíram, a produção de café decaiu e diversas fazendas

caíram no desuso e foram abandonadas. Aqui é que encontramos a Fazenda Samambaia (antiga Belmonte).

As primeiras menções sobre o local datam do séc. XVIII, praticamente 100 anos antes da fundação de Petrópolis, município onde hoje a fazenda se encontra. O sítio estava localizado em uma variação do caminho novo, e após o desuso dos caminhos reais “muitos anos se passaram entre heranças e divisões, até que em 1780, Maria Brígida Goulão legou a Fazenda a seu filho mais velho, o Cônego Luis Gonçalves Dias Correia [o qual recebeu diversas condecorações de Don Pedro II]. No início do século XIX, a Fazenda foi visitada e descrita por muitos naturalistas como Cunha Mattos, Langsdorff, entre outros. [Após abandono] em 1940, a Fazenda foi comprada pela família Leite Garcia e logo foi restaurada (1942-1945) pelo arquiteto Wladimir Alves de Souza” (INSTITUTO SAMAMBAIA DE CIÊNCIA AMBIENTAL, 2014).

O Casarão da fazenda Samambaia foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Nº inscrição: 391; Vol. 1; F. 076) em 29 de Marco de 1951, alguns anos após a restauração realizada pela família Leite Garcia (IPHAN, 2012). Para que fosse possível manter a casa ativa, foram escolhidos, não somente um, mas uma variedade de usos para auxiliar na conservação local, devido ao seu tamanho de grandes proporções. Atualmente o casarão é sede do Instituto Samambaia de Ciência Ambiental, o Borboletário Cores de Samambaia e o Restaurante Taverna do Cônego.

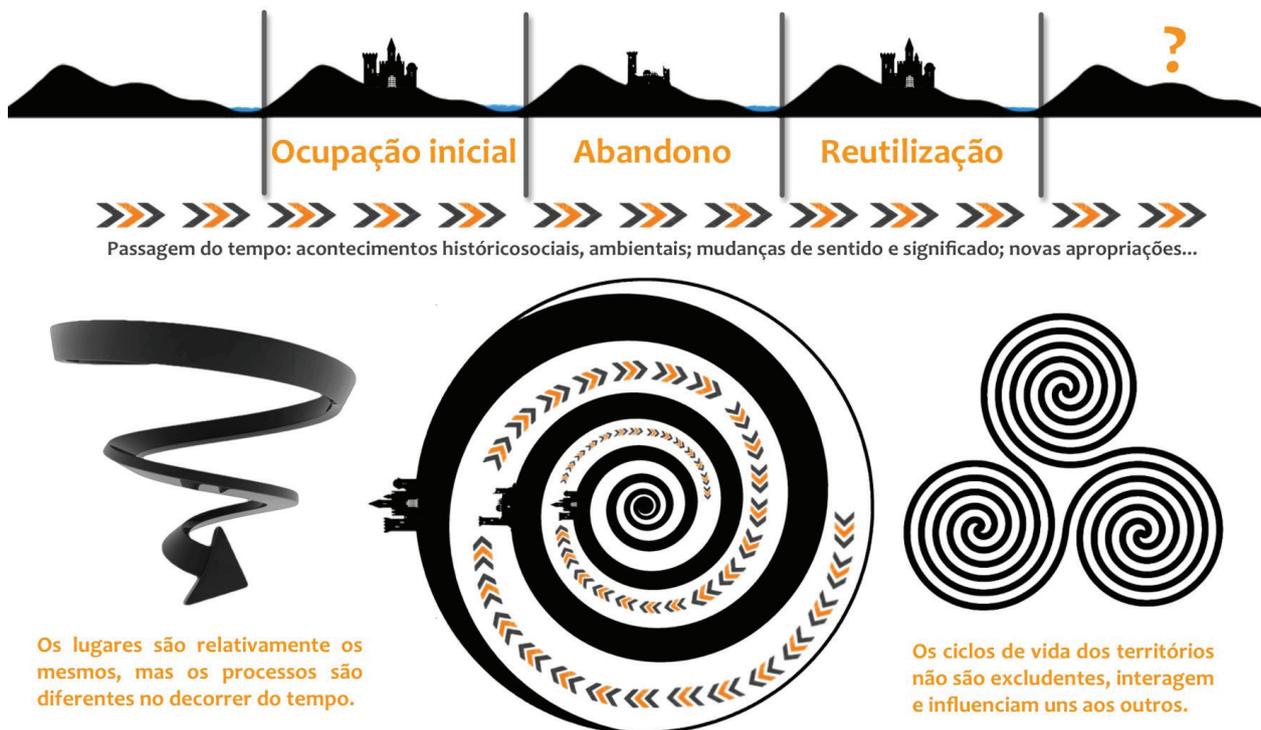
No intuito de retomar a tradição de acolhimento de viajantes, como faziam os donos do casarão quando recebiam tropeiros no Brasil Colônia, um albergue da juventude foi o meio de hospedagem escolhido para ocupar parte da casa, pois a filosofia alberguista coopera com a filosofia do Instituto, ambos pregando a compreensão de culturas diferentes, sociabilização entre pessoas e conservação do patrimônio histórico e do meio ambiente, entre outros conceitos.

O Hostel Samambaia conta com aproximadamente 50 leitos em quartos comunitários, wi-fi, biblioteca, lan-house, lavanderia, cozinha independente e lockers (armários fechados, geralmente com cadeados, para guardar pertences pessoais dos hóspedes) individuais dentro dos quartos. O estabelecimento constitui um excelente local que proporciona uma experiência turística única, uma completa imersão no território, história e cultura de nosso país.

Esses locais exemplificam perfeitamente o tema de pesquisa deste capítulo, um processo complexo e extenso, mas que pode ser basicamente resumido da seguinte forma:

1. Um território desocupado passa a influenciar pessoas que decidem ocupá-lo. Com o passar do tempo nasce uma sociedade/nação/civilização com características determinadas pelo território;
2. Os povos interagem com o espaço e com outros povos ao seu redor, constroem uma fortificação, para garantir a segurança e a dominação do espaço;
3. Isso ocorre em razão das peculiaridades do próprio tempo e espaço, fazendo com que local e pessoas adquiram características singulares motivadas por essas interações;
4. Após gerações, o território dito “imutável”, continua relativamente inalterado, mas os acontecimentos históricos e sociais conferem diferentes significados e usos ao local – em alguns casos o desuso toma conta de edifícios que eram importantes e atualmente perderam seu significado original;
5. Entram em cena os hostels, criados a partir de um motivo social singular, com características que representam a materialização de uma filosofia. Os castelos e fortificações são os locais ideais, do ponto de vista dos idealizadores, para abrigar os alunos em viagens a campo;
6. Os albergues acabam ocupando estes locais, dando-lhes novo significado sociocultural, diferente do estabelecido anteriormente, porém não menos importante, favorecendo a conservação do patrimônio e os empreendimentos se beneficiam dessa relação, assim como

Figura 08: Mapa conceitual da possível relação socioespacial dos hostels



Fonte: autor (2015).

os seus ocupantes. Uma antiga forma passa a desempenhar novas funções;

7. Finalmente, estes meios de hospedagem acabam por ajudar a disseminar a cultura de um local e a preservar o patrimônio histórico edificado de uma nação, caso sigam as premissas filosóficas idealizadas em suas origens.

A filosofia alberguista torna vantajosa essa ocupação, tanto para o patrimônio quanto para o visitante, enquanto o primeiro é conservado, o segundo interage com o destino de uma forma mais profunda do que a relação efêmera vista na hotelaria convencional. Esta é a síntese do pensamento desse capítulo, o qual propõe que hostels, espaço e hospitalidade podem constituir um trinômio de significativo impacto no fenômeno turístico, como expressado na figura 08.

Deve-se notar que, nem todo o empreendimento denominado de hostel possui essas características e sua existência não deve ser vinculada a essas. Porém, o que se demonstra aqui é que esse tipo de hospedagem pode contribuir para as relações puras de hospitalidade e a conservação do patrimônio histórico edificado, como tem feito desde sua gênese e ainda o faz, em diversos casos, com facilidade.

DENOMINADOR COMUM DE ÁREAS FÍSICAS

Para definir a matriz das áreas físicas dos hostels, contemplou-se três hostels internacionais. O Hostel do Castelo de Altena, na cidade homônima, na Alemanha; o Hostel 99, em Český Krumlov, República Tcheca; e o Home Lisbon Hostel, em Lisboa, Portugal. A escolha da Alemanha como ponto de partida deve-se ao fato de que o Hostel do Castelo de Altena é o primeiro a ser estabelecido, em 1909, por Richard Schirrmann, e ainda em atividade.

O Home Lisbon Hostel foi escolhido por ter sido eleito o melhor hostel de categoria média do mundo, pelos usuários do site Hostelworld, por diversos anos consecutivos, inclusive na última pesquisa em 2016 (HOSTELWORLD, 2017). O Hostel 99 foi escolhido pois encontra-se instalado nas fortificações do centro antigo de Český Krumlov, sendo protegido pela UNESCO como patrimônio da humanidade. Além disso foi o local de trabalho do autor principal dessa pesquisa por seis anos. Justifica-se a escolha desses empreendimentos pelo fato desses hostels serem de fundamental importância mercadológica (HOSTELWORLD, 2015) e histórica (GRASSL e HEATH, 1982).

Em um segundo momento foi realizada uma pesquisa de campo, onde contemplou-se o universo de hostels independentes de Florianópolis, Santa Catarina, com um total de 28 estabelecimentos, afim de caracterizar o perfil desses empreendimentos. No Brasil há, de acordo com o MTur, cerca de 114 estabelecimentos no Cadastro dos Prestadores de Serviços Turísticos – CADASTUR (LIBÓRIO e OLIVEIRA, 2014). Esse número oficial é ínfimo perto do número real existente no mercado. Somente na cidade do Rio de Janeiro existem 130 hostels ativos (HOSTELWORLD, 2014). Portanto, o número mercadológico representa a realidade deste segmento que, no momento, se encontra à margem das classificações e fiscalizações do MTur.

Tabela 02: Principais destinos hosteleiros do Brasil

Posição	Destino	Nº de <i>Hostels</i>
1º	Rio de Janeiro	130
2º	São Paulo	65
3º	Florianópolis	28
4º	Foz do Iguaçu	22
5º	Salvador	21
Total		266

Fonte: autor (2015).

Delimitou-se Florianópolis (SC) como local de pesquisa, pois ocupa o significativo terceiro lugar entre os destinos de hostels do país. Além desse fato, percebe-se, que a carência de estudos sobre esse tema a nível nacional é preocupante, esse panorama fora do eixo Rio-São Paulo é mais carente ainda. Portanto, os destinos hosteleiros brasileiros marginalizados clamam por pesquisas científicas sobre o tema.

Os participantes foram determinados a partir da amostragem intencional e não aleatória, procurando incluir todas as probabilidades. Isso significa que todo o universo foi abordado pessoalmente e convidado a participar da pesquisa, via e-mail e telefone. Essa técnica define que “todos os componentes do universo devem ter igual oportunidade de participar da amostra”

(DENCKER, 2007, p. 211). A amostra obtida (15 – quinze respondentes) é qualitativamente representativa (53,57% do universo). A pesquisa de campo possui uma abordagem quantitativa e foi realizada através de um questionário estruturado. Para tratamento e análise dos dados foi empregado o método de estatística descritiva, através do aplicativo PASW Statistics 18. A matriz original foi, então, colocada sobre a amostra obtida, afim de verificar a adequação da mesma.

Para cumprimento desses procedimentos metodológicos, teve-se a dialética materialista como método de abordagem interpretativo e epistemológico. O materialismo dialético propõe que a “compreensão da realidade [é vista] como essencialmente contraditória e em permanente transformação, [e o] desenvolvimento do mundo em constante mudança, resulta da interação de forças opostas” (MARTINS, 2009, p. 50). Considera, também, que os aspectos naturais, combinados aos eventos sociais, dão resultado a um processo histórico, de apropriação singular do território e da influência deste sobre o homem e vice-versa (HOLANDA, 2015; SANTOS, 2013).

Dentro desse contexto, foram realizados uma revisão bibliográfica e documental, e utilizada a técnica de pesquisa comparativa, que estuda as semelhanças e diferenças entre grupos, povos, países e/ou eventos, para entender um determinado fenômeno e/ou ampliar o nível de conhecimento sobre um evento específico (MARTINS, 2009). Pois, através do raciocínio comparativo “podemos descobrir regularidades, deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças que regem os fenômenos sociais” (SCHNEIDER e SCHMITT, 1998, p. 01).

Apesar de se usar a estatística descritiva, em parte dos resultados, esse estudo é considerado de caráter qualitativo, pois a amostra não pode ser considerada quantitativamente representante, e exploratório pois busca “aprimorar ideias e descobrir intuições”, na tentativa de adquirir maior familiaridade com o fenômeno pesquisado (DENCKER, 2007, p. 151). Possibilitando aumentar o conhecimento sobre os fatos, permitindo a formulação mais precisa de problemas e realizar novas pesquisas mais estruturadas. Sendo útil para diagnosticar situações e explorar alternativas e tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos (MALHOTRA, 2011; SILVEIRA & CÓRDOVA, 2000).

Segue uma breve caracterização dos hostels escolhidos para compor a matriz classificatória de áreas físicas, contendo um resumo sobre suas principais características históricas e atuais.

O Hostel do Castelo de Altena: localiza-se na cidade homônima (aprox. 18 mil habitantes), situado no oeste da Alemanha, no estado da Renânia do Norte-Vestefália, que faz divisa com a Holanda e a Bélgica, tem como cidade próxima mais proeminente Düsseldorf (a capital), além de Colônia e Bonn (antiga capital alemã, após a Segunda Guerra Mundial). O castelo da cidade foi construído no início do século 12 e pertencia aos Duques de Berg, até estes dividirem seu império entre familiares. Depois de 1202, tornou-se uma das várias fortificações da família de Altena-Mark e em 1609 a última linhagem da família morreu sem deixar sucessores. Este reinado foi dividido em uma parte católica e uma protestante (STADT ALTENA, s.d.).

Durante a ocupação napoleônica, Altena foi anexada ao Grão-Ducado de Berg. Após a queda do império de Napoleão, o Congresso de Viena, em 1814, fundou a Confederação Alemã, anexando a região ao novo estado. Durante anos o castelo esteve abandonado, para somente séculos depois ser utilizado novamente. Uma restauração completa foi realizada em 1909 para celebrar o 300º aniversário da incorporação do condado à Prússia. Em 1912, o primeiro albergue da juventude do mundo foi criado por Richard Schirrmann dentro do castelo, a fim de utilizá-lo e conservá-lo. Os antigos quartos ainda estão em exibição e novas salas dentro da área do castelo fazem parte do hostel ainda hoje (HEATH, 1962; STADT ALTENA, s.d.).

Atualmente, oferece 36 leitos, em cinco quartos de 4, 13 e 14 camas, a uma diária de 20 a

34 euros, com café da manhã e pensão completa, respectivamente. Recentemente, foi criada uma pousada, com quartos particulares e o museu do castelo (ARTEN-MEYER, 2013). O local oferece uma oportunidade ímpar de mergulhar na história da Alemanha e dos albergues da juventude, proporcionando uma estadia única em um belo castelo a preços baixos, com conforto, segurança e muita hospitalidade, mantendo vivo até os dias atuais o sonho de Schirrmann.

A cidade de Český Krumlov, localizada no sul da Bohemia, há aproximadamente 180 km de Praga, capital da República Tcheca, é terceiro maior destino turístico do país. As primeiras menções escritas sobre a cidade datam do início do século XIII. Durante o período em que os Senhores de Rožmberk (1302 - 1602), dominaram a região, Český Krumlov encontrou seu maior período de prosperidade (OIS, 2014). De 1719 até 1945 o castelo ficou sob a guarda da família Schwarzenberg e entre 1938 e 1945 foi tomada pela Alemanha nazista. Após o término da Segunda Guerra Mundial, a cidade foi devolvida à Tchecoslováquia (OIS, 2014). Durante o domínio comunista, Krumlov sofreu com o desuso e abandono, mas a partir da Revolução de Veludo, de 1989, grande parte da antiga beleza da cidade foi restaurada e, em 1992, a cidade entra para a lista da UNESCO como Patrimônio da Humanidade (UNESCO, 2013).

O Hostel 99: é um albergue familiar localizado dentro do centro histórico de Český Krumlov, num edifício tombado pela UNESCO que outrora foi utilizado como parte da muralha de proteção da cidade (início do séc. XIV) e posteriormente convertido no Hospital Santa Elizabeth (final do séc. XV). Após o fechamento do antigo hospital, o edifício foi dividido em várias partes tornando-se propriedade privada de diversas famílias ao longo desses anos. Após a queda do muro de Berlim, o fim do comunismo na Europa central e, conseqüentemente, a divisão da Tchecoslováquia entre República Tcheca e República Eslovaca, a família de Vaclav Pecha adquiriu as demais propriedades do que hoje se transformou no complexo do Hostel 99 (HOSTEL99, 2013).

O prédio principal do hostel possui quatro dormitórios e dois quartos privados, os banheiros são comunitários. Ao lado da recepção, encontra-se a sala de TV, sala de internet e a cozinha comunitária. A cozinha é completamente equipada e sempre servida de chá e café. Há um grande terraço com vista para o castelo da cidade, e diversas atividades de lazer são ali realizadas. Logo ao lado da parte principal do localiza-se o Restaurante 99, que oferece mais uma opção de sociabilização aos hóspedes. Além da tradicional cerveja local Eggenberg, o estabelecimento oferece diariamente opções de refeições de culinária local, e um extenso menu com diferentes pratos de culinária nacional. Acima do restaurante há um bar onde acontecem esporadicamente shows de bandas locais. Cruzando a rua encontra-se a Deli 99, que fornece lanches e bebidas (HOSTEL99, 2013).

O Home Lisbon Hostel: localizado em pleno centro histórico de Lisboa, em um edifício de aproximadamente 200 anos de idade, é considerado um dos mais antigos de Lisboa – um destino turístico europeu de grande porte e famoso pelo seu perfil backpacker e grande oferta hoteleira de alta qualidade (HOME LISBON HOSTEL, 2016; HOSTELWORLD, 2017). O Home Lisbon Hostel, é um dos mais premiados do mundo pelo Hostelworld, incluindo Melhor Hostel do Mundo de Médio Porte, Melhor Hostel de Portugal, Melhor Hostel de Lisboa, Prêmio de Limpeza e Prêmio pelo Conjunto da Obra (DINHEIRO VIVO, 2014).

Além de excelentes localização e instalações (diárias médias de 14 euros), o empreendimento é famoso pelo seu alto grau de hospitalidade, sendo, de acordo com alguns depoimentos de hóspedes, “uma casa longe de casa”, oferecendo uma atmosfera única e diversas atividades como caminhadas guiadas pelo centro da cidade, passeios noturnos pelos bares de Lisboa e o famoso “Jantar da Mamãe”, composto de pratos típicos portugueses, a um custo rateado pelos hóspedes e feito pela própria mãe do dono do hostel (HOSTELWORLD, 2014). O Home Lisbon é um típico exemplo da filosofia alberguista e de seus princípios básicos definidos por Schirrmann, quando este estabeleceu o primeiro do mundo em Altena, 1909.

MATRIZ CLASSIFICATÓRIA DE ÁREAS FÍSICAS

As categorias para a escolha dessa matriz foram determinadas a partir de uma síntese de fatores com base em três vertentes, teóricas e empíricas. A primeira, de acordo com as principais áreas de um hostel convencional (CÂNDIDO e VIEIRA, 2003), e a definição de áreas físicas do MTur (2015) para um hotel, através da Cartilha de Orientação Básica do SBClass. A segunda diz respeito à revisão bibliográfica e histórica, realizada pela presente pesquisa e, portanto, em consonância com a filosofia da gênese alberguista estabelecida por Schirrmann – visando a sociabilidade e vivência dos hóspedes no local visitado (HEATH, 1962; COBURN, 1950).

Finalmente, a terceira, de ordem empírica e experimental, foi determinada pelas áreas físicas comumente encontradas em hostels no exterior, no decorrer de seis anos de experiência do autor na área. A partir dessas três bases de conhecimento, foram delimitadas as principais áreas a serem avaliadas em 17 itens com três graus de avaliação (atende totalmente; atende parcialmente; não atende às demandas físicas estabelecidas), visando determinar o nível de atendimento das áreas físicas. A figura 09 expressa, em alfabética, as principais áreas físicas esperadas em um hostel.

Figura 09: Grau de incidência das áreas físicas

	Altena (original)	Altena (atual)	Hostel 99	Home Lisbon Hostel	Grau de incidência
Banheiro para cada dormitório	●	●	●	●	12
Bar	⊘	⊘	●	●	6
Beliche no dormitório	●	●	⊘	●	9
Cama solteiro no dormitório	⊘	●	●	⊘	4
Cozinha pública	●	●	●	●	12
Dormitório	●	●	●	●	12
Guarda-volumes/ <i>locker</i> individual	●	●	●	●	12
Lavanderia	●	●	●	●	12
Quarto privado c/ banheiro	⊘	⊘	●	⊘	3
Quarto privado s/ banheiro	⊘	⊘	⊘	⊘	0
Recepção	●	●	●	●	10
Restaurante	⊘	●	●	●	5
Sala de estar ou de TV	●	●	●	●	12
Sala de internet	⊘	●	●	●	7
Sala de jogos	⊘	⊘	⊘	●	3
Sala de leitura/biblioteca	●	●	●	●	8
Área social externa	●	●	●	●	12

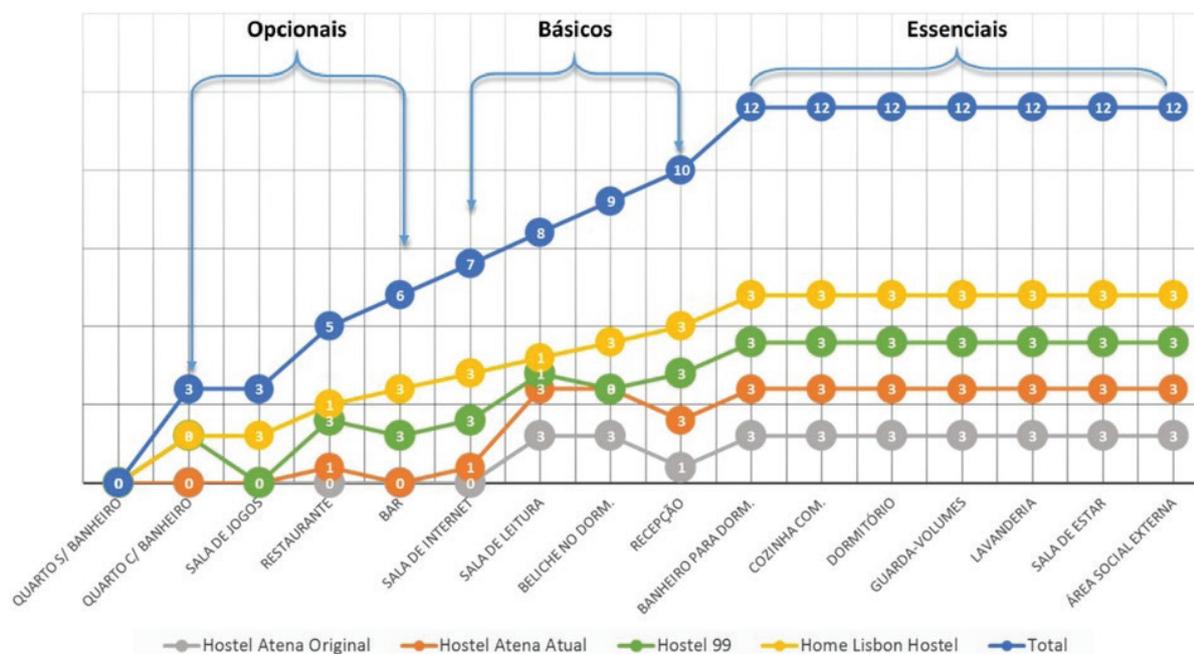
Legenda: ● Atende totalmente = 3 pontos; ● Atende parcialmente = 1 ponto; ⊘ Não atende = 0 pontos;

Fonte: autor (2015).

O grau de incidência corresponde à quantificação dos itens (áreas físicas) em comum aos três estabelecimentos (quatro, sendo que o Hostel de Atena conta como original e atual). Quando uma área física for comum a todos hostels, atende totalmente às expectativas da pesquisa. Este item atingirá 12 pontos e será então considerado como área física essencial ou fundamental para um estabelecimento intitulado como tal, criando-se assim a matriz de avaliação para os demais empreendimentos abordados nesta pesquisa.

As demais áreas físicas que não atingiram a pontuação máxima, mas ficaram próximas (entre 7 e 10 pontos), serão categorizadas como opcionais básicos, e as demais áreas (de 6 pontos e abaixo) como opcionais de luxo. Os resultados dessa matriz classificatória podem ser melhor visualizados através da figura 10.

Figura 10: Matriz classificatória de áreas físicas



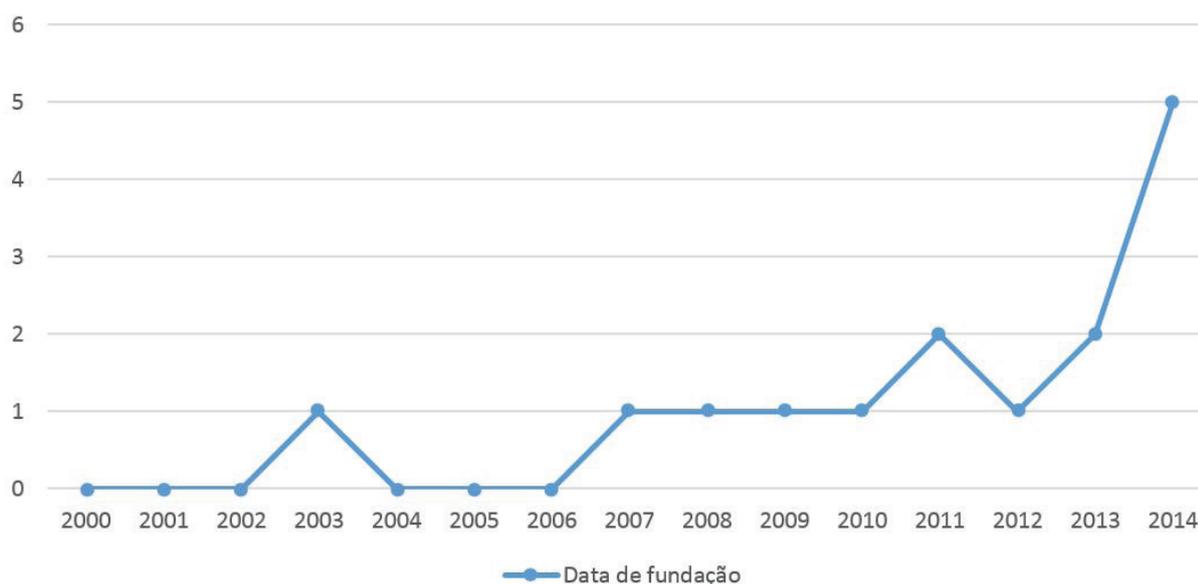
Fonte: autor (2015).

Portanto, as áreas físicas que podem ser consideradas como essenciais (com 12 pontos cada, estando presente em todos os estabelecimentos), são sete: área social externa; banheiro para cada dormitório; cozinha comunitária; dormitório; guarda-volumes; lavanderia; e sala de estar. As áreas físicas consideradas como básicas (7 a 10 pontos) são quatro: beliche no dormitório; recepção; sala de internet; e sala de leitura. As demais áreas que alcançaram no máximo seis pontos (metade do ideal), consideradas como opcionais, são quatro: bar; restaurante; sala de jogos; quarto privado com banheiro. O item “quarto individual sem banheiro” não apareceu em nenhuma instância analisada, não entrando, pois, na matriz classificatória inicial.

PERFIL DOS HOSTELS DE FLORIANÓPOLIS-SC

Os hostels em Florianópolis podem ser considerados como um meio de hospedagem de gênese extremamente recente, conforme ilustra o gráfico 1. De acordo com a pesquisa, até o ano de 2002 não haviam hostels na cidade, fazendo com que o advento desse meio de hospedagem aconteça de forma efetivamente tardia, cerca de 30 anos depois do primeiro albergue da juventude no Rio de Janeiro, e praticamente 90 anos após o primeiro em Altena, Alemanha. Somente em 2013 se percebe um crescimento efetivo desse meio de hospedagem. No entanto, essa expansão se dá de forma desordenada, e até mesmo clandestina, sem a adequação desses hostels à conceitos, filosofias e leis.

Gráfico 01: Data de fundação dos hostels de Florianópolis (SC)



Fonte: autor (2015).

Os hostels podem ser caracterizados, como empreendimentos de pequeno porte. Apenas $\approx 25\%$ da amostra possui uma área construída acima de 500 m². Isso pode significar o baixo poder econômico desses empreendimentos, que são viabilizados, geralmente, de uma maneira improvisada. Por outro lado, pode expressar o caráter intimista e familiar que possuem desde sua gênese, assim como a relação de com a hospitalidade, pois é difícil proporcionar hospitalidade genuína a um grupo de pessoas em uma área física, ambos de proporções exageradas. Considera-se como micro e pequenos estabelecimentos hoteleiros aqueles com menos de cinquenta quartos e empregam menos de 10 pessoas (TEIXEIRA, 2015). Porém, o tamanho de um hostel não deve ser delimitado, exclusivamente, pelo número de quartos, e sim pelo número de leitos, pois os dormitórios agregam inúmeros leitos e contam somente como um quarto. É errônea a categorização desses empreendimentos, mediante definições emprestadas de outro meio de hospedagem.

Portanto, o número médio de leitos deve ser ponderado na classificação do tamanho de um hostel, pois é esse número que determina quantas pessoas utilizarão o estabelecimento num determinado momento. Esse número médio, em Florianópolis (cerca de 40), em comparação à área física, ao número de quartos e ao número de funcionários, pode ser considerado de magnitude média.

O uso de beliches é unânime, com apenas dois casos usando uma mistura de beliches e camas de solteiro em vista do tamanho da unidade habitacional. Os beliches são um aspecto determinante das características dos hostels desde sua gênese. Contemporaneamente o uso desse equipamento é considerado como facultativo em diversos estabelecimentos europeus, onde alguns preferem as camas de solteiro, por oferecerem aos ocupantes dos dormitórios maior conforto, tranquilidade e espaço dentro da unidade habitacional. A preferência por dormitórios é clara através do baixo número de quartos privados oferecidos pelos empreendimentos de Florianópolis. Isso demonstra que esses dão preferência às unidades habitacionais compartilhadas ao invés das privadas, uma característica, também, fundamental dos hostels genuínos.

A área social “sala de TV”, em comparação aos próximos itens (salas de estar, cozinha comunitária e áreas sociais externas), pode ser considerada de baixa incidência. Apesar disso, $\approx 50\%$ da amostra possui no mínimo duas salas de TV, uma aérea considerada como não essencial. Na época de gênese, por volta do início do século XX, mais precisamente em 1912, essa área era inexistente. Mesmo depois de sua popularização a nível mundial as TVs não eram parte integrante das atividades sociais dos albergues da juventude. Acreditava-se que o aparelho causava a alienação e individualização do grupo dentro do estabelecimento. As pessoas que utilizavam a TV acabavam por deixar de participar e/ou interagir em atividades que envolviam todos os hóspedes e/ou atividades exercidas fora do meio de hospedagem, como caminhadas e excursões.

As salas de estar se mostram presentes em maior número nos estabelecimentos, apenas um deles não possui tal área, tida como essencial. A cozinha comunitária, uma área física presente desde a gênese alberguista e tida como essencial, se mostra nessa pesquisa como item também fundamental, com 100% da amostra disponibiliza no mínimo uma cozinha aos hóspedes. Aproximadamente 50% da amostra disponibiliza no mínimo duas áreas sociais externas para seus hóspedes. Isso deve-se ao fato de que Florianópolis, marcada pelas praias e extensas áreas verdes, proporciona uma melhor sociabilização em ambientes externos do que internos.

A área social voltada aos jogos é a de menor incidência nesse estudo. Os hostels disponibilizam uma abundante oferta de atividades gratuitas, geralmente realizadas fora do estabelecimento, como surfe, jogos na praia e trilhas (em função do determinismo geográfico de Florianópolis), isso não viabiliza a construção de uma infraestrutura específica para jogos internos. Os lockers não estão disponíveis em todos os hostels entrevistados. Um respondente não disponibiliza o serviço e três não possuem lockers para todos os leitos. Portanto, $\approx 20\%$ da amostra não cumpre com um item estabelecido como essencial. Isso denota a falta de preocupação dos gestores com a segurança dentro do estabelecimento ou a falta de conhecimento desses sobre a gênese alberguista.

Apenas dois respondentes ($\approx 10\%$ da amostra), possuem um restaurante disponibilizado aos hóspedes. Isso pode levantar diversas premissas. Dentre elas, a primeira é de que o poder aquisitivo dos hóspedes limita seus gastos, principalmente com a alimentação. A segunda, é de que a infraestrutura dos hostels se mostra simples e reduzida, assim como o poder financeiro dos empreendedores. Esses constroem, ampliam e restauram em cima de estruturas já existentes, casas domiciliares e prédios residenciais e/ou comerciais. Poucos tiveram a capacidade de começar o empreendimento, desde a aquisição do terreno à execução da obra, com os olhos voltados para o meio de hospedagem que desejavam. Tiveram que se adaptar uma edificação já existente, portanto a estrutura de A&B ficou em segundo plano. Apesar de ser uma área física/serviço não essencial, a culinária e/ou a gastronomia é importante componente da experiência turística do visitante no destino turístico. Porém, ainda é considerada como de baixa relevância por parte dos empreendedores.

O serviço de lavanderia, essencial na matriz classificatória do presente estudo, é o que possui a

menor taxa de oferta perante à amostra, ≈40% não oferecendo o esse serviço ao hóspede. Ao contrário da gênese alberguista e das tendências internacionais, principalmente as europeias e norte-americanas, onde esse serviço é visto com frequência.

A internet gratuita é o único serviço oferecido com unanimidade e praticamente 100% da amostra oferece esse serviço em ambas as formas, computadores fixos (PCs) e em forma de Wi-Fi. Isso demonstra a clara tendência mercadológica de conexão ao mundo virtual e às redes sociais do perfil do público-alvo. No entanto, esse foi o fator mais notado no discurso das entrevistas como o que mais cria empecilhos na sociabilização e interação entre os membros do grupo que se hospeda em um hostel. A tendência é que as pessoas fiquem conectadas a seus aparelhos moveis, se comunicando à distância, sem interagir com a pessoa logo a seu lado.

Adequação dos hostels de Florianópolis (SC) à matriz classificatória: Os quinze hostels de Florianópolis são aqui comparados e analisados perante aos aspectos tidos como essenciais da matriz criada anteriormente, como demonstrado na figura 11.

Figura 11: Adequação dos hostels de Florianópolis (SC) à matriz classificatória

	Área social externa	Banheiro no dormitório	Cozinha comum.	Dorm.	Guarda-volumes	Lavandaria	Sala de Estar	Total de pontos por <i>hostel</i>
<i>Hostel 01</i>	●	●	●	●	⊘	⊘	●	15
<i>Hostel 02</i>	●	●	●	●	⊘	●	●	16
<i>Hostel 03</i>	●	●	●	●	●	●	●	21
<i>Hostel 04</i>	●	●	●	●	●	⊘	●	16
<i>Hostel 05</i>	●	●	⊘	●	⊘	⊘	●	12
<i>Hostel 06</i>	●	●	●	●	●	⊘	●	18
<i>Hostel 07</i>	●	●	●	●	●	●	●	21
<i>Hostel 08</i>	●	●	⊘	●	●	●	●	16
<i>Hostel 09</i>	●	⊘	●	●	●	●	●	18
<i>Hostel 10</i>	●	⊘	●	●	●	●	●	16
<i>Hostel 11</i>	●	●	●	●	⊘	●	●	16
<i>Hostel 12</i>	●	●	⊘	●	●	●	●	16
<i>Hostel 13</i>	●	●	●	●	●	●	●	21
<i>Hostel 14</i>	●	⊘	●	●	●	●	●	16
<i>Hostel 15</i>	●	●	●	●	⊘	⊘	●	15
Total de pontos por área	45	26	36	45	26	30	45	

Legenda: ● Atende totalmente = 3 pontos; ● Atende parcialmente = 1 ponto; ⊘ Não atende = 0 pontos;
 Fonte: autor (2015).

No Brasil, alguns empreendimentos não se adequam às características essenciais internacionais deste meio de hospedagem, mediante os critérios dessa pesquisa. Apenas quatro estabelecimentos (representando 26,66% da amostra), apresentaram todas as características

estabelecidas como essenciais pela matriz classificatória original, cunhada a partir dos 3 hostels europeus. Sendo assim, a maioria dos estabelecimentos do município não apresentam TUDO o que se espera de um hostel original;

Algumas áreas físicas consideradas como essenciais no exterior, são negligenciadas por grande parte dos empreendimentos nacionais. Apenas 03 itens (área social externa; dormitório; sala de estar) considerados como essenciais, estão presentes em todos os estabelecimentos analisados, significando que apenas 40% dos requisitos essenciais estão sendo preenchidos pelos estabelecimentos em questão. Em uma média geral, menos da metade dos requisitos básicos de um hostel estão sendo oferecidos aos hóspedes que frequentam este tipo de estabelecimento e em teoria esperam por esses;

Oferecer uma área física do empreendimento para uso do hóspede, sem supervisão, parece algo desafiador para os empreendedores hosteleiros. O item com menor pontuação foi o setor de lavanderia. No Brasil quase 50% dos estabelecimentos analisados deixam de oferecer essa área física/serviço aos hóspedes, setor é extremamente comum no exterior. Lá, os hostels oferecem uma área equipada e aberta aos hóspedes para que estes lavem suas roupas a um custo reduzido, outros locais cobram uma taxa extra e fazem a lavagem pelos hóspedes; nos EUA é comum uma área equipada com lavadoras e secadoras de roupa que funcionam, no sistema vending machines (máquinas de venda automática) com sabão e amaciante. Na maioria dos estabelecimentos avaliados, este setor sequer é oferecido em nenhuma das formas;

Aparentemente alguns empreendimentos nacionais desconhecem a gênese e filosofia alberguista, deixando de oferecer itens extremamente necessários ao hóspede frequentador deste meio de hospedagem. O segundo item com menor pontuação foi o “guarda-volumes” (locker) individual e dentro do quarto, representando que aproximadamente 45% da amostra não disponibiliza esta ferramenta ao hóspede. Este item é uma das principais características inerente à gênese dos hostels (que pretendia oferecer aos alunos de Schirrmann, conforto, segurança, hospitalidade e sociabilidade) e, portanto, uma característica intrínseca desse meio de hospedagem. Esse item é fundamental por proporcionar segurança e tranquilidade aos hóspedes que podem trancar seus pertences em lugar seguro e privado, permitindo que saiam e realizem suas atividades, sabendo que ao retornar encontrarão seus pertences intactos.

Percebe-se que os objetos de estudo pouco se adequam à matriz estabelecida. Isso se deve, possivelmente, por duas razões. A primeira, pode ser devido à imaturidade da matriz proposta, sendo essa, fruto de um estudo exploratório e indireto. A segunda, pode decorrer do fato de que no Brasil há um certo descaso, falta de conhecimento e até preconceito, com este tipo de acomodação. Esta situação se deve ao recente advento deste meio de hospedagem em nosso país, às relações estabelecidas em sua chegada, diferentes das relações originais. No Brasil, o processo de industrialização e urbanização foram rápidos e exploratórios em demasia, em muitos casos a apropriação do território se deu de forma indevida, interferindo na conservação do patrimônio cultural edificado. Consequentemente, há apropriação de ambos território e modos de produção – refletidos na absorção de cultura e conceitos exógenos – também de forma indevida, como é o caso dos hostels. Há, recentemente, uma expansão do número destes empreendimentos em um curto espaço de tempo, visando suprir uma nova demanda, mas não há a preocupação com a delimitação de sua filosofia, missão, suas áreas físicas, características essenciais e serviços.

Em um futuro próximo, quando uma classificação oficial for proposta, o MTur deve considerar outras categorias, como as propostas por esse estudo, para avaliar um determinado empreendimento que se intitule como tal. Esse estudo não se considera definitivo, muito pelo contrário, apenas abriu algumas poucas categorias e possibilidades que se devem ser exploradas. Uma classificação oficial desse meio de hospedagem deve abranger o maior número possível de estudos sobre o tema, que ainda é embrionário em nosso país.

CAPITULO 4

PANORAMA ATUAL EM FLORIANÓPOLIS (SC)

A formação socioespacial de Santa Catarina influencia diretamente no aparecimento da rede hoteleira do estado, conseqüentemente dos hostels e de suas características. De acordo com Santos (2012, p. 171) “diferentemente do restante do litoral brasileiro onde a atividade agrícola era monocultora, utilizando-se da mão de obra escrava em grandes glebas de terra, no Sul se estabeleciam colônias de povoamento alicerçadas na pequena propriedade familiar”. Como consequência os hotéis e afins podem ser caracterizados, de uma maneira geral, como empresas familiares, de micro e pequeno porte. Similarmente ao panorama de São Paulo e do Rio de Janeiro, o aparecimento dos primeiros hotéis em Florianópolis é tardio, em meados do século XIX e, assim como as duas grandes cidades brasileiras, esses estabelecimentos eram ainda voltados, pelo menos em parte, para o comércio de mercadorias e não à prestação de serviços. Prova disso é que a entrada efetiva das grandes redes hoteleiras internacionais somente foi estabelecida no estado a partir do ano de 2000 (SANTOS, 2012). Os hostels não escapam, como é esperado, dessa formação socioespacial. Esses últimos são, como visto no último capítulo, extremamente recentes, de cunho familiar e de pequeno porte.

PERFIL DOS HOSTELEIROS

A ocorrência de que a maioria dos hosteleiros possuem o estado civil de solteiro (praticamente 70% dos entrevistados), pode-se dever ao fato de que a faixa etária dos gestores é relativamente baixa. Sendo assim, o casamento é uma fase da vida social ainda por vir. O perfil do gestor parece estar relacionado a indivíduos que não buscam contatos sociais considerados mais formais e/ou tradicionais, visto que alguns respondentes declararam ter consciência de tratar-se de um relacionamento não reconhecido por lei, apesar de estável. Pressupõe-se, também, que a tipologia do estabelecimento exige uma disponibilidade integral por parte do gestor, somado ao fato de que, normalmente, o ambiente de um hostel não é o mais indicado para crianças de baixa faixa etária.

Pode-se considerar a faixa etária dos hosteleiros como baixa, praticamente 30% dos entrevistados possui menos de 30 anos de idade e nenhum possui acima de 50 anos de idade. Isso pode ser um reflexo do caráter de novidade deste meio de hospedagem no Brasil e consequência da exigência de um perfil jovem de gerencia, para lidar com um público alvo, também, extremamente jovem.

Todos os entrevistados cursaram, pelo menos parcialmente, o ensino superior. O alto grau de escolaridade dos hosteleiros pode facilitar no entendimento e aceitação de conceitos e/ou medidas gestoras oferecidas pela comunidade acadêmica e pelo ministério público.

Os hosteleiros estão ainda, mesmo se envolvendo comercialmente com um empreendimento que demanda tempo integral de dedicação, em um constante ritmo de viagens, que caracteriza

o estilo de vida do backpacker. Mostrando que os gestores podem estar em sintonia com o seu público alvo (apenas 7% não viaja ao menos uma vez ao ano). Quanto ao meio de transporte, os mais utilizados (carro $\approx 40\%$ e avião, $\approx 50\%$) podem demonstrar que o perfil do hosteleiro, apesar de possuir renda para viagens com custo relativamente elevado, prefere viagens independentes e mais flexíveis, de acordo com o próprio perfil do público que frequenta esses estabelecimentos.

Quando em viagens, é clara a preferência dos hosteleiros pelo tipo de meio de hospedagem que administram, quando escolhem um local de acomodação, praticamente 60% dos entrevistados ainda se hospedam em hostels. Isso pode-se dever ao fato de que procuram ficar nesse tipo de empreendimento para verificar esses estabelecimentos em outros destinos turísticos. Sendo assim, estar em sintonia com o mercado, observando pontos limitantes e potencialidades, tendências mercadológicas e concorrentes indiretos.

É interessante saber que $\approx 25\%$ da amostra ainda reside no próprio hostel. Mesmo sendo um número pequeno, é relativamente expressivo. Esse hábito era recorrente nos Hausvater/Hausmutter (pai/mãe alberguista, figura hoje representada, principalmente, pelo recepcionista) dos albergues da juventude em sua gênese. Percebe-se que esses empreendimentos, onde o recepcionista/proprietário/gerente reside no próprio local, possuem uma atmosfera que se assemelha muito mais à uma residência do que um empreendimento comercial. Estes locais parecem expressar melhor o conceito de hospitalidade genuína de uma maneira mais frequente dos demais estabelecimentos.

A maioria dos entrevistados ($\approx 65\%$) possui nos hostels sua única fonte de renda, onde apenas 5 respondentes possuem outra profissão. Isso, em uma análise superficial, pode demonstrar que os hostels são autossuficientes economicamente.

Além das análises feitas para cada gráfico, existem algumas considerações gerais e essenciais que devem ser feitas. É percebido que a maioria dos empreendedores hosteleiros de Florianópolis possuem uma relação íntima com a essência dos hostels, principalmente a posição de hospitalidade que estes estabelecimentos devem ter, apesar de todos desconhecerem completamente sua gênese. É como se a essência hospitaleira dos hostels tivesse sido transmitida de hostel a hostel, como que consanguineamente. Nenhum dos hosteleiros havia ouvido falar de Richard Schirrmann, no entanto as semelhanças eram inúmeras. A busca pela interação e entendimento entre as pessoas estava presente em quase todos os entrevistados, mais em alguns menos em outros. Procuravam à sua maneira dispor um local que acolhesse o viajante. No entanto, há estabelecimentos que parecem iniciar uma formatação da hospitalidade hosteleira, caminhando no mesmo rumo da HI, da padronização, da qualidade nos serviços, da lucratividade como meta principal.

Os responsáveis por administrarem os hostels do sul da ilha, assim como seus estabelecimentos, se mostraram particularmente hospitaleiros, recebendo o autor com café, bolo, etc. O ambiente e o comportamento lembravam o de uma casa, de uma família, esses empreendedores normalmente moravam no próprio hostel e encaravam seu trabalho não como labuta, mas como um estilo alternativo de vida. Com essas pessoas, a entrevista decorreu de forma mais íntima e mais aberta, foi mais fluida e sem restrições, os entrevistados agiram de forma mais aberta. Os hostels na região da Lagoa da Conceição, apesar de haver exceções, procuram tratar seus estabelecimentos e hóspedes com a maior cordialidade e presteza possíveis, porém de uma maneira mais positivista, com uma visão essencialmente mercadológica. Visam a qualidade nos serviços como um diferencial, uma ferramenta de marketing que podem oferecer promoção frente a um mercado tão competitivo.

Vale ressaltar aqui que não é o intuito desse autor fazer qualquer julgamento de valor quanto a qualidade dos hostels entrevistados. O que se procura aqui é somente relatar uma distinção percebida em função do determinismo geográfico da Ilha de Santa Catarina. Somente está se fazendo uma observação que há diferenças essenciais entre os hostels do sul da ilha e os da lagoa.

Por tratar-se de um meio de hospedagem extremamente jovem, procurou-se descobrir e relatar, concomitante à história dos estabelecimentos, a história pessoal dos entrevistados, pois acredita-se que a formação pessoal de cada indivíduo determina sua personalidade e vários outros aspectos materiais de sua vida, inclusive seu perfil profissional, como por exemplo a escolha pela gestão de um meio de hospedagem como o hostel. Essas histórias também contribuiriam em conteúdo, quando a história do estabelecimento pecava em substância, haja vista que alguns estabelecimentos possuem apenas uma temporada de verão de existência.

Para formular um conceito de hostel analisou-se a essência dessas entrevistas. Pois, os conceitos nada mais são, em sua forma mais abstrata, do que uma pretensão de encapsular a essência de um fenômeno e/ou objeto através da comunicação verbal, escrita à ciência humana. Os quadros conceituais são uma forma de ilustrar essa essência, pois propõem trazer à tona uma mudança de consciência, uma aceitação ao novo ou ao desconhecido (ZOPIATIS e CONSTANTI, 2012).

Ainda, para a formulação desse conceito, a categoria de essência/aparência do materialismo foi escolhida pois, uma teoria de desenvolvimento conceitual deve especificar as premissas representacionais inatas [ao objeto], deve caracterizar os modos em que o estado inicial difere do estado adulto, e deve caracterizar o processo pelo qual um [objeto/fenômeno] é transformado em outro (CAREY, 2011). Os indivíduos entrevistados se apropriaram do espaço turístico devido à "sua inclinação para exibir respostas frente a um conceito ou objeto. A afetividade, e os campos da cognição e comportamento humano são considerados os domínios dessas atitudes e servem como ponto de partida para as análises mais contemporâneas" (RAMKISSOON, WEILER e SMITH, 2012, p. 259).

Finalmente, um conceito do meio de hospedagem intitulado de hostel, deve representar as características aparentes, mas principalmente suas características essenciais. As palavras consideradas como chaves do discurso de cada respondente foram divididas entre esses dois grupos, essência e aparência. Assim, permite-se determinar os aspectos superficiais do objeto de estudo, como as características essenciais dos hostels, ilustradas, resumidamente, na figura 12.

Figura 12: Análise dos discursos Superficiais vs. Essenciais

	ESSENCIAIS					SUPERFICIAIS
	Hospitalidade	Serviços	Estrutura física	Perfil backpacker	Outros	
Sujeito 01	“Morei em muitos <i>hostels</i> ”	“O que eu gostaria de oferecer, que eu não ofereço aqui é café da manhã ”	“Meu pai tinha comprado essa casa que hoje é o <i>hostel</i> ”	“Tu encontras pessoas do mundo inteiro [...]cada um tem uma história ”	“ 2011 que acabamos dando início”	“Marketing boca a boca”
	“O repcionista é todo o charme da parada”	“Já pensei em aula de surf , em aluguel de bicicleta ”	“Um ambiente assim mais de descontração ”	“Tem pessoas que não respeitam , por exemplo, as tuas coisas ”	“Albergue da juventude é [...] para jovem. <i>Hostel</i> dá todos os tipos de pessoas ”	“Morei muito tempo na Austrália”
	“No HI vai ser difícil tu conhecer o dono , [...] no meu [...] todo dia eu tô aqui”	“A gente quer aproveitar a Gastronomia , mas também tem que economizar ”	“Um <i>hostel</i> são quartos coletivos ”	“Fazer novas amizades , conhecer mais pessoas né [...] descontrair e conhecer coisas novas ”	“ <i>Hostel</i> são pessoas diferentes, culturas diferentes, num ambiente só ”	“No começo foi bem difícil, no inverno também”
Sujeito 02	“ Estilo familiar , os donos tomavam conta [...] sustentável [...] ambiente de harmonia ”	“Somos nativos , manézinhas, [...] daqui há pouco tamo saindo pra fazer uma trilha bem legal que não tá no mapa”	“Essa casa já estava aqui [...] não dessa forma [...] um <i>hostel</i> é tudo de uma maneira informal ”	“ Mentalidade jovem [...] aspecto econômico pesa , quer sobrar mais pra conhecer mais ”	“ Inauguração foi 08 de novembro de 2010 . [...] Os acontecimentos mais marcantes são todas as pessoas que a gente encontra, as diferentes culturas ”	“Sempre me identifiquei com esse espírito de aventura”
	“Tratava o hóspede com uma hospitalidade diferente de um hotel comum [...] se aproxima, senta aqui, vamos conversar”	“O staff ter pessoas da cidade que conheçam a geografia e a história da cidade [...] não só aquilo superficial [...] bilíngues”	“Uma área de lazer [...] de convivência , uma sala, um espaço com material turístico e informativo da cidade”	“Até hoje recebemos 93 nacionalidades diferentes [...] choque, conflito entre brasileiros e outros ”	“eu prefiro albergue , por que eu acho que é português e tal, mas hostel é o que habitou ”	“Morei na Nova Zelândia por um ano [...] é difícil trabalhar com várias culturas”
	“Várias nacionalidades fazendo amizade [...] já surgiu até casamento daqui [...] pessoas que se conheceram aqui e...”	“O repcionista recepciona em tudo [...] acolhe , o hóspede se sente em casa [...] é uma família , se sente abraçado ”	“ Cozinha de uso comum é fundamental [...] espaço de convívio [...] a ideia é o coletivo [...] mas com uma boa cama, quarto limpo ”	“O público de hostel quer cada vez mais esse contato com a natureza [...] foge dessa coisa de centro [...] troca de experiências ”	estilo de vida descontraído, ambiente familiar, troca de energia , experiências, [...] interação entre pessoas ”	“Minha mãe é socióloga, sempre viajou muito [...] meu pai conhece quase o mundo inteiro”

Fonte: autor (2015)

De acordo com o quadro resumo dos depoimentos dos entrevistados, pode-se deduzir algumas afirmações quanto à essência dos hostels em Florianópolis. Esses aspectos essenciais devem ser considerados, juntamente à história desse meio de hospedagem no Brasil e na Alemanha, local de sua gênese, e ao panorama do restante do universo de hostels brasileiros, quando se for contemplar a criação de um conceito desse meio de hospedagem, para a sua futura classificação perante ao MTur.

Portanto, a essência da hospitalidade dentro dos hostels, de acordo com os entrevistados, pode ser traduzida como uma relação de maior proximidade entre ser acolhedor e ser acolhido. Esse elo pode ser tão íntimo que a amizade brota dessa interação, em alguns casos. O hostel pode ser considerado como uma casa longe de casa para o ser acolhido e em alguns casos é, realmente, a casa do ser acolhedor, onde seus integrantes compõem uma grande família. O ser acolhido, devido à informalidade do local e das relações pessoais realizadas nesse último, se sente seguro e à vontade, confortável não só fisicamente, mas psicologicamente, pois o ser acolhido é visto como seu par, ambos podem ser quem realmente querem ser e não uma interpretação de papéis como cliente e empresário. A hospitalidade possui na figura do recepcionista sua personificação, é através dele que as ideias, o conceito de hospitalidade se materializa, pois, um hostel é composto de pessoas e suas interações. O ser acolhedor é a essência desse estabelecimento, devido ao seu passado como viajante ele projeta sua própria essência pessoal nos seres acolhidos que adentram seu recinto.

Há, além da relação entre hóspede e anfitrião, uma relação de simbiose entre ambos. O relacionamento entre essas partes, traduzida aqui como hospitalidade, reside no âmago da

essência de um hostel. Esse relacionamento é traduzido em uma interação entre essas partes, que possui o intuito de promover a união pessoal e do grupo, união essa que perdura até os dias de hoje na filosofia dos albergues da juventude. Quando essa relação produz uma sinergia, a hospitalidade pode ser materializada em sua forma mais pura e genuína, onde pagamento monetário por serviços é substituído por outras formas de remuneração, como uma troca de experiências e reconhecimento pessoal. Verdadeiras amizades são concretizadas que perduram além do período de estadia do hóspede no estabelecimento. Excepcionalmente, algumas relações pessoais podem ultrapassar o domínio da amizade e tornar-se uma relação íntima, amorosa e até mesmo conjugal.

De uma maneira geral, o serviço tido como essencial, do ponto de vista dos empreendedores hosteleiros de Florianópolis, é aquele muito próximo ao conceito de hospitalidade visto no parágrafo anterior, o serviço de acolhimento, informação e interação entre as pessoas. O papel do recepcionista é o de “abraçar” o hóspede, no sentido não literal, mas fazer com que ele se sinta em casa, não só “à vontade”, mas que conheça o lugar da perspectiva de um morador local, para que possa desfrutá-lo da melhor maneira possível durante sua estadia. Especificamente, o recepcionista promove essa interação de diversas formas, no caso de Florianópolis, as mais comuns são a realização de trilhas ou passeios de bicicleta em meio à natureza, atividade essa que reside na gênese dos Wandervogels e dos albergues da juventude, sendo essa atividade a geradora desse meio de hospedagem no início do século XX. Outro serviço tido como essencial é o café da manhã. Além de prover o suprimento alimentar e satisfazer as necessidades biológicas pessoais, é nesse ato que as pessoas interagem pela primeira vez no dia, traçam planos de visitar locais fora do albergue, é onde nascem novos elos pessoais.

Os eventos gastronômicos noturnos, as jantas comunitárias complementam o serviço de café da manhã. São esses eventos que reúnem as pessoas ao final do dia, é ali que são concretizados esses elos estabelecidos ao decorrer do dia, nas atividades diversas realizadas pelo grupo de hóspedes e muitas vezes com a presença do recepcionista. A congregação em volta da mesa, tendo a gastronomia como pano de fundo, é uma atividade hospitaleira recorrente à gênese da civilização humana. A limpeza é tida como outro serviço essencial e vista como uma área de grande preocupação perante os hosteleiros. Outros serviços recorrentes são as aulas de surfe ou o aluguel de equipamento para a prática desse, devido à disponibilidade e popularidade do esporte em toda a ilha de Santa Catarina, assim como internet disponibilizada em forma de wi-fi, devido ao perfil do viajante mochileiro, do desejo e da necessidade de estar sempre conectado ao mundo, compartilhando suas experiências em praticamente tempo real e planejando seus próximos passos.

As áreas físicas essenciais são todas aquelas consideradas como áreas comunitárias ou áreas de convivência. Dentre elas as mais mencionadas são os quartos coletivos com banheiro dentro desses, as cozinhas comunitárias, salas de jogos, estar e/ou TV, e os espaços gastronômicos (como áreas de churrasqueira, bares/pubs, lanchonetes e/ou restaurantes). As áreas sociais e de lazer externas, como varandas, piscinas, decks e redes, estão entre as principais, de acordo com os hosteleiros, pois o clima de Florianópolis favorece a interação pessoal em espaços abertos. Os espaços informativos (de leitura, informação sobre a cidade e outros destinos turísticos), incluindo-se aqui a recepção completam as áreas físicas essenciais dos hostels do município.

Quanto ao perfil backpacker, os empreendedores definem esse público alvo essencialmente como pessoas que são amigáveis, descontraídas, cosmopolitas, voltadas à natureza, que buscam, acima de tudo uma troca experiências, uma experiência única em sua viagem, memórias que perdurem por uma vida. De uma maneira geral, gostam de conversar, interagir com outros hóspedes, pois viajam sozinhas, mas não gostam de ficarem ou se sentirem sozinhas, preferindo compartilhar desde refeições, a atividades realizadas fora do meio de hospedagem como passeios turísticos e atividades esportivas. Congregam, geralmente, em

atividades gastronômicas, mas principalmente em atividades noturnas, como festas, bares e clubes. Procuram economizar, no intuito de estender sua viagem ao máximo. São flexíveis quanto ao período de estadia e às atividades que realizam quando em férias. Geralmente viajam por um longo período, encontram-se em uma volta ao mundo ou ano sabático. Possuem um perfil informal, priorizam o enriquecimento pessoal e cultural, através da interação profunda entre pessoas e o destino que visitam, ao status que o ato de viajar pode oferecer para algumas pessoas e ou sociedades. Esse público alvo, que pode ser denominado de turista da juventude e/ou backpacker, não se limita somente a essas categorizações. Ele é constituído de pessoas ecléticas, de uma grande variedade de nacionalidades e formação pessoal e socioeconômica.

Quanto à distinção entre o termo albergue e hostel, é clara a preferência dos entrevistados pela palavra hostel. Mesmo aqueles que não são favoráveis ao estrangeirismo preferem hostel por que ela reflete melhor a essência filosófica e mercadológica desse meio de hospedagem. O termo albergue da juventude define um meio de hospedagem diferente, redigido pela HI, com filosofia similar, mas diretrizes próprias e singulares que não abarcam o ponto de vista dos hosteleiros independentes. Além disso, é reportado com frequência que existe um preconceito quanto à palavra albergue, essa refletindo um local para desabrigados, geralmente sujo e barato.

CAPITULO 5

HOSTEL, UM CONCEITO EM FORMAÇÃO

Reunindo todo o arcabouço teórico e os resultados da pesquisa de campo, chega-se ao último capítulo cumprindo o objetivo principal, a proposta de um conceito do meio de hospedagem denominado de hostel. Primeiramente, a figura 13, visa expressar a ideia do autor sobre a relação dos hostels com o território/espço e a relação do poder público com este meio de hospedagem, essa última residindo no âmago da problemática desse estudo.

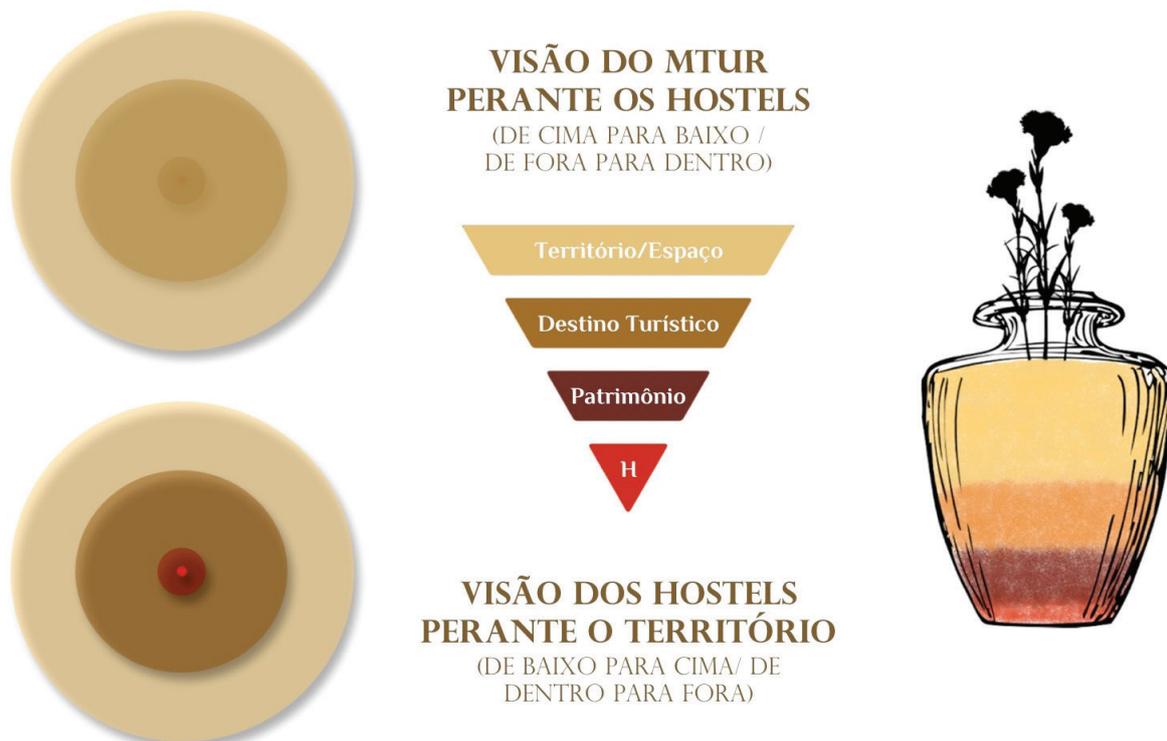
O território (representado como um círculo maior) é o aspecto geral de uma nação, uma concepção mais ampla e abrangente do espaço em que se vive, podendo conter toda uma sociedade, nação ou civilização. Por sua vez esse espaço possui partes territoriais menores, sob seu domínio (representados como os círculos menores). Esse território pode possuir potencial turístico ou não. Desses territórios apenas alguns se consolidam como destinos turísticos e, conseqüentemente, apenas uma pequena parte destes é considerada como patrimônio histórico. Dentro deste patrimônio encontram-se alguns meios de hospedagem, dentre eles os hostels, assim os círculos vão diminuindo.

Essas várias camadas, representadas agora como uma pirâmide, são na verdade uma única representação socioespacial de nossa realidade, mas que pode ser abordada de diferentes pontos de vista. Pode-se observar esse fenômeno de cima para baixo ou de fora para dentro. Nessa abordagem, que é adotada pelo poder público, os hostels ficam praticamente invisíveis, pois enxergam-se todas as camadas maiores e ditas "mais importantes", antes de se chegar ao âmago do território. Assim sendo, o fundo dessa pirâmide fica inexplorado e desconhecido. Do ponto de vista inverso, esse meio de hospedagem aparece como parte integrante do patrimônio histórico, e este patrimônio é parte integrante de um círculo maior e assim por diante. Nessa concepção, de dentro para fora ou de baixo para cima, nenhuma camada é deixada de lado, pois todas se complementam e são, na verdade uma só.

Para melhor compreensão dessa concepção poderia se estabelecer uma comparação com um vaso cheio de terra com flores brotando deste. O vaso seria a hospitalidade, o fio condutor que propicia toda essa relação. As várias camadas de terra são as várias representações do território e os eventos socioespaciais que acontecem sobre ele. As flores corresponderiam às diversas manifestações do fenômeno turístico que brotam do território e da hospitalidade. Para que essas relações turísticas não sejam completamente efêmeras e produzam flores que perdurem e possam renascer com o passar do tempo, seria necessário que as raízes fossem profundas e se alimentassem do patrimônio histórico do território, da boa relação entre turista e anfitrião.

O desenvolvimento dos empreendimentos hoteleiros deve estar conectado ao desenvolvimento do destino turístico. Deve haver sincronia entre o que é necessário para o destino e o que é realizado nos empreendimentos. Planejamento turístico pode significar rejuvenescimento turístico, com novos conceitos, novas abordagens, novas relações turísticas e novos resultados. Os hostels podem ser considerados como uma proposta de reforma na hotelaria convencional, pois oferecem a junção de três noções de hospedagem, a privada, a social e a comercial. Sendo assim, estes meios de hospedagem constituem uma síntese destas modalidades, um denominador comum, podendo contribuir para a reciclagem hoteleira através da colaboração com o planejamento sustentável dos destinos turísticos.

Figura 13: Mapa conceitual da relação espaço/patrimônio/hostel



Fonte: autor (2015).

A figura 13 ilustra a proposta de um conceito de hostel, proposta essa que é o objetivo principal desse trabalho. Pode-se constatar que os hostels são um meio de hospedagem social que possuem um grande potencial de constituírem uma opção viável para os meios de hospedagem no turismo sustentável.

Ele se apoia em uma grande base matricial (1) da qual nascem os três principais pilares de sustentação (2) para esse conceito. A base dessa matriz está fundada na sua gênese histórico-social e na relação entre homem e território, a qual não pode ser ignorada, pois é nela que se encontra todas as interações entre o homem e o espaço, dando início as nossas representações físicas e culturais e, conseqüentemente, a esse meio de hospedagem.

Isso, por conseguinte, gera uma filosofia, que é expressada em suas características físicas e nos serviços únicos. É essencial saber que a hospitalidade (2) permeia esta filosofia e age como fio condutor de todas as relações entre visitante e meio de hospedagem. A hospitalidade propõe, entre outros princípios, a união entre pessoas, povos e culturas, o acolhimento honesto de desconhecidos, oferecendo-lhes auxílio e amparo e propiciando a troca de conhecimento entre anfitrião e visitante.

Essa filosofia de hospitalidade, que se traduz no tipo de infraestrutura e serviços que serão oferecidos aos hóspedes, acaba por definir uma nova relação entre sujeito acolhedor e sujeito acolhido (3). Essa relação, informal e de maior intimidade do que a percebida na hotelaria convencional, permite ao ser acolhido se aproximar mais facilmente e profundamente na cultura local e de outros viajantes que se encontram no estabelecimento.

Além disso, o caminho dessa interação também é inverso (4). O sujeito acolhedor, geralmente representado na figura do recepcionista, participa de atividades e eventos, intra/extra hostel, junto com o hóspede. Inevitavelmente ele acaba por absorver a cultura de seus hóspedes, aprende com eles, interagindo na sua própria viagem, se tornando parte da experiência de vida

de outras pessoas, enquanto cresce na sua própria.

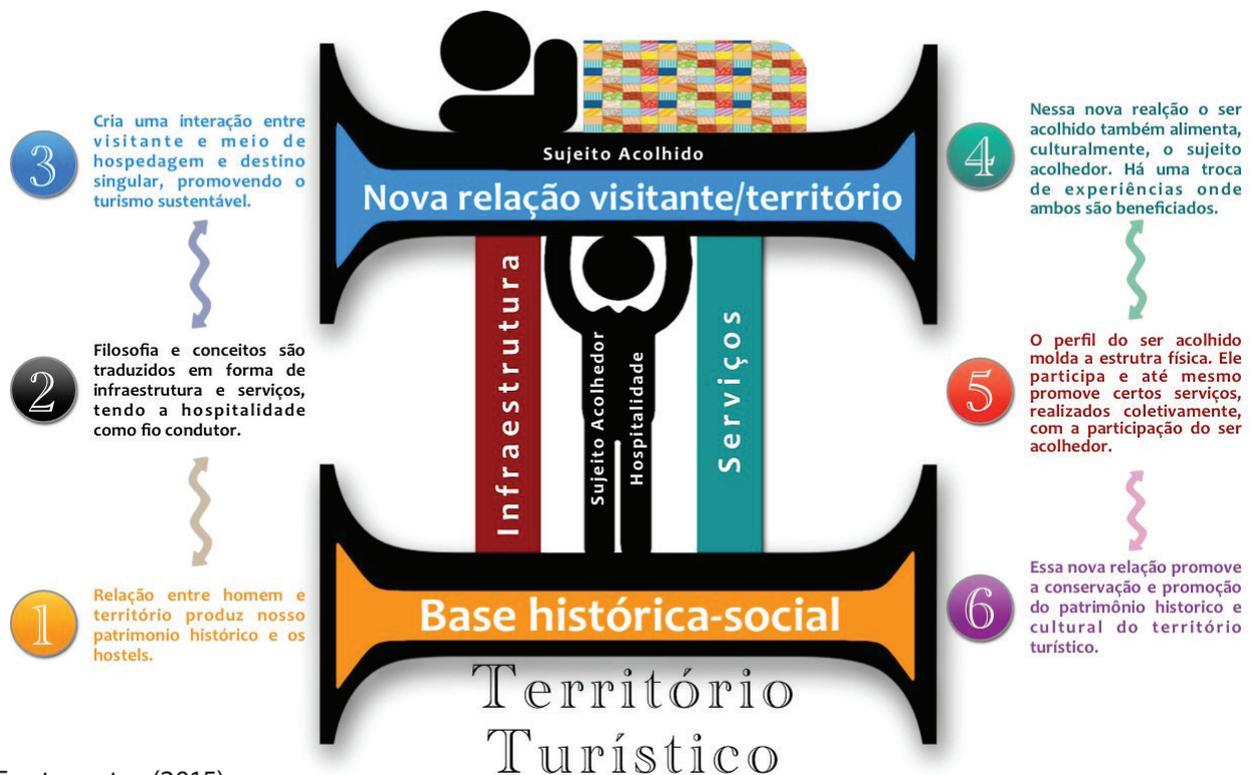
Dessa relação simbiótica, entre hóspede e anfitrião, acaba-se obtendo, em alguns casos, uma modificação na própria estrutura física do local e nos serviços, com a influência direta do hóspede (5). O proprietário do hostel procura moldar sua estrutura física de acordo com o perfil do público alvo, o que ocorre em qualquer ramo da hotelaria. Mas, no caso dos hostels, os hóspedes, por vezes, acabam interagindo diretamente nessa transformação.

Como relatado pelos entrevistados, e pela experiência profissional desse autor, devido ao cunho comunitário dos hostels, os hóspedes podem ajudar desde a limpeza à pequenas reformas na estrutura física, como, por exemplo, em um desenho/pintura interna de uma sala de estar, que acaba por decorar o local. Nos serviços, essa simbiose é ainda maior.

Diversos passeios e eventos gastronômicos são organizados pelos próprios hóspedes, quando se sentem à vontade e dispostos para tanto, e o anfitrião participa dessas atividades como "convidado" do grupo. Ele deixa o papel de "chefe" do recinto e passa a ser mais um indivíduo dentro do grupo de viajantes. Essa relação de simbiose reside na essência do entendimento do conceito de hospitalidade, de reconhecer no outro seu valor, de comunhão cultural e pessoal.

Essa relação única acaba por influenciar diretamente o território turístico (6), pois o ser acolhedor que fica, absorve parte do ser acolhido que parte. Ele se modifica a cada hóspede e acaba por modificar seu espaço, sua casa. Cada viajante leva consigo uma parte daquele local, daquela pessoa. As ações dos hosteleiros perante seu local de moradia, seu local turístico, serão direcionadas à promoção e conservação desse último, pois no orgulho da partilha desse patrimônio reside o cuidado com o mesmo. O turismo sustentável completa seu ciclo de visitação, mas as memórias e amizades perduram para sempre (ver figura 14).

Figura 14: Representação gráfica do conceito hostel



Fonte: autor (2015).

A figura 16 ilustra algumas maneiras de como esse logo poderia ser utilizado, afim de comercializar produtos dos hostels e servir como canal de comunicação visual entre hostels e hóspedes/clientes. Esse logo poderia ser empregado no dia a dia dos hostels, em objetos que são comumente vendidos nesses estabelecimentos, geralmente com o logo do próprio hostel. Essa ação tem o intuito de divulgar a filosofia, a essência desse meio de hospedagem, ao invés da imagem de um estabelecimento específico. Procura-se difundir esses conceitos, torna-los públicos e acessíveis, para que os hostels sejam conhecidos pelo meio de hospedagem que realmente são.

Figura 16: Utilizações do Logo H



Fonte: autor (2015).

Quanto ao esclarecimento etimológico, os entrevistados, assim como o presente autor, preferem a palavra hostel à albergue. O termo hostel, apesar de ser um estrangeirismo, não o é desnecessário. A palavra albergue, no Brasil, possui conotação e significados diferentes do que a palavra hostel propõe no exterior, principalmente na Europa, América do Norte e Ásia. Internacionalmente, não somente em países de língua inglesa, este termo é extremamente difundido e define claramente um tipo específico de meio de hospedagem. Além disso, é claro o preconceito que se possui quanto à palavra albergue, que pode ser entendida como um local para desabrigados.

Adotando a palavra hostel, para designar o meio de hospedagem a que esse estudo se refere, estar-se-ia evitando um possível preconceito derivado da ignorância quanto a este novo meio de hospedagem e eventual confusão quanto os abrigos para idosos, sem teto, entre outros, aos quais a nomenclatura albergue atende no Brasil. Ademais, ao utilizar-se o termo hostel, propõe generalizar a nomenclatura e oferecer um meio de hospedagem que atenda a um público alvo variado e abrangente, ao invés de se referir unicamente a um tipo específico de hospedagem que aceita somente associados, jovens e/ou estudantes, como é o caso de alguns albergues da juventude.

A diversidade cultural é um fator tido como essencial, favorecendo o desenvolvimento pessoal dos próprios administradores, que entram em contato com diversas culturas no seu ambiente de trabalho. Os hosteleiros também discursam que esse fator é um dos de maior apelo à imagem desse meio de hospedagem para o seu público alvo, os backpackers procuram, além

de um local que seja original ao destino visitado, por um ambiente culturalmente diversificado, onde possam trocar ideia e experiências com os hóspedes do hostel onde se encontram.

Em retrospectiva, o primeiro aspecto que se deve considerar para a elaboração do conceito de hostel é a carga histórica que esse meio de hospedagem possui. Esse meio de hospedagem é único e diferenciado por que possui na sua gênese história aspectos que determinaram claramente suas características atuais. As revoltas e movimentos revolucionários sociais são a explosão do ser humano suprimido à animal por demasiado tempo. Uma dessas revoltas não buscou o embate direto ou o combate armado contra a sociedade vigente. Eles preferiram se retirar das cidades, deixando o opressor impotente, não detentor de seu destino. Decidiram voltar à natureza, à música, à uma alimentação saudável, à uma vida simples e em harmonia com os demais. Por se ausentarem do papel de oprimidos, se tornaram livres. Criaram, na Alemanha de seu tempo, com este ato de retiro, um impacto tão grande quanto outros movimentos que foram às armas. Este movimento, que acaba por influenciar a essência dos albergues da juventude na Alemanha, início do século XX, é chamado de Wandervogel. O qual criou um meio de hospedagem alternativo, uma válvula de escape às mazelas do capitalismo do seu tempo.

Em um segundo momento deve ser considerar a clara a presença e grande influência da hospitalidade na formação e propagação dos albergues da juventude, na Alemanha e, finalmente, no mundo. A filosofia alberguista promove o contato social; os hostels, principalmente os privados, são, geralmente, empresas familiares e tem uma certa autonomia em relação à indústria hoteleira e, conseqüentemente, conseguem expor, mais facilmente que os hotéis convencionais, demonstrações de hospitalidade verdadeira; e o papel do recepcionista num hostel é fundamentalmente o de um anfitrião.

Diante do exposto, cabe a reflexão para futuras pesquisas: se a hospitalidade é uma dádiva, portanto desinteressada, é legítima a apropriação do termo pelo turismo? Se a resposta que se busca é otimista, então demonstrações dessa verdadeira hospitalidade no turismo é possível através dos hostels, com maior facilidade, do que talvez, nos tradicionais empreendimentos hoteleiros. Haja vista que, de acordo com o alberguismo contemporâneo, esse meio de hospedagem busca criar elos sociais através da sensibilidade para os assuntos coletivos e culturais. O Alberguismo busca, também, além de proporcionar um meio de hospedagem à um público alvo, proporcionar uma relação turística mais íntima e humanista, aproximando as pessoas, culturas diferentes através da relação entre ser acolhedor e ser acolhido, e assim, eventualmente, aproximando os povos. A educação da hospitalidade, privada e nas instituições de ensino, é assimétrica. Coloca-se que a hospitalidade como a qualidade na prestação de serviços turísticos, como uma rua de mão única, onde o ser acolhedor recebe, agrada e ensina, o ser acolhido sobre sua cultura. Porém, a hospitalidade, em sua essência é uma troca de experiências entre ser acolhedor e ser acolhido.

Quanto à gênese desse meio de hospedagem no Brasil, pode-se considerar que a ausência de movimentos sociais de origem popular no país, ou a fraqueza com que estes se manifestam esporadicamente e de maneira breve, sem organização e real impacto social, dificulta a implantação de novos valores, novas realidades que favoreçam as camadas sociais alienadas. Essas camadas sociais e os demais segmentos alternativos da sociedade, atreladas aos velhos conceitos em vigência ou a novos impostos pelas classes superiores, ficam marginalizados ou excluídos do foco principal do desenvolvimento social, e em último caso da corrente principal do turismo. O personalismo, quando prolongado em demasia num determinado espaço/tempo, torna-se uma oligarquia, e elimina qualquer chance de movimentos liberalistas. Por um lado, assegura uma estabilidade política aparente, pois a insatisfação popular fica suprimida e ignorada. Sem poder de união, diversos segmentos da sociedade se percebem como isolados, incapazes de requisitarem seus desejos e direitos. No caso específico dos hostels dentro do turismo, vale notar que este movimento vem ganhando força constantemente, e o fato desse meio de hospedagem possuir um caráter revolucionário e social, espera-se que tenha forças, num futuro bem próximo, de gozar de direitos básicos, assim como outros segmentos já o

fazem. Em uma tentativa de conceituar a essência dos albergues da juventude, deve-se ir além do simples meio de hospedagem, pode-se dizer que estes fazem parte dos movimentos sociais juvenis do século XX, que procuram pelo intercâmbio cultural, a troca de experiências e a união entre grupos.

De uma maneira geral, em relação à essência dos hostels, quando questionados sobre essa, os proprietários/gerentes de Florianópolis declararam que esses meios de hospedagem são um local de união entre pessoas, entre culturas e de entendimento entre diferentes povos. Um local de troca de experiências, de energia, de sentimentos e sensações, de interação entre pessoas, de experiências de vida. Um ambiente familiar, social e descontraído. Um local de convergência de pessoas, de encontro de histórias, de amizade, onde as pessoas se sentem em casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo da juventude é de extrema importância econômica e social. O perfil dessa “juventude” é interativo, ambientalmente consciente, sedento por cultura, viaja pelo destino visitado por mais tempo e em maior profundidade. Esse perfil tem nos hostels seu maior meio de hospedagem. No entanto, a pesquisa acadêmico-científica sobre esse tema é recente, assim como o advento dos hostels no Brasil, e carece de aprofundamento. Essa presente pesquisa não pretende determinar definitivamente a filosofia, serviços e áreas físicas essenciais desse meio de hospedagem no Brasil, mas sim iniciar uma investigação, um esboço do que virá a ser essa classificação oficial. Apresentar um possível caminho a ser trilhado pelas instituições de ensino e poder público e privado para a construção de conceitos que se traduzam em um meio de hospedagem original e honesto às suas raízes.

As limitações temporais, financeiras e espaciais do autor quanto à pesquisa contribuíram para resultados relativamente iniciais/superficiais, mas não menos esclarecedores e reveladores. Portanto, faz-se extremamente necessário um aprofundamento da pesquisa bibliográfica, mas principalmente da pesquisa de campo, fundamental para averiguação dos dados levantados. O fomento à pesquisa sobre esse tema é essencial para o sucesso e promissor futuro deste meio de hospedagem, pois somente assim as instituições de ensino estarão munidas de conhecimento suficiente para ser repassado aos poderes público e privado. Para que, num futuro próximo, os hostels sejam considerados um meio de hospedagem alternativa, afim de suprir algumas necessidades do planejamento turístico sustentável, devemos, primeiramente, conhecer a fundo a essência desse meio de hospedagem. Deve-se desenvolver, harmoniosamente, novos empreendimentos conectados à visão de mundo e turismo contemporâneos e sustentáveis, para que empreendedores e público-alvo possam usufruir de um meio de hospedagem honesto às suas raízes, digno de uma classificação oficial e ser visto como o meio de hospedagem que realmente é, e não simplesmente uma sombra do original.

Quando se trata da definição de um público alvo, não é da opinião do presente autor que a essência do espírito humano quando reduzida à categorias seja totalmente correta e adequada. Porém, o ato de categorização auxilia no entendimento de um determinado objeto. No entanto, deixa margens para suposições que diferem do modelo e exceções que fogem à regra. O modelo psicográfico de Plog (1991), apesar de útil para a compreensão de um perfil de pessoas quando em viagens, não é necessariamente correto o tempo todo. Há pessoas que não se encaixam em nenhuma das descrições propostas. Existem indivíduos que em um determinado momento de vida ou estado de espírito pessoal podem ser classificados como psicocêntricos, e em outro momento como mesocêntricos. Há indivíduos que variam de viagem para viagem. Em determinada ocasião procuram por aventura e em outro a conveniência. O importante é saber que os hostels estão abertos a todos os tipos de pessoas e que, esse tipo de turismo, assim como os hostels, servem como um meio de propagação cultural, união e entendimento entre os povos.

Ademais, é importante lembrar que nem todos os hostels possuem esse caráter extremamente comunitário, solidário, social e hospitaleiro. Há estabelecimentos que tentam manter o espírito alberguista presente, mas de uma maneira muito mais formal e sem a interação mútua entre recepcionista e hóspedes. Estes locais geralmente pertencem a grandes cadeias hoteleiras, como a rede Plus Hostels, que investe neste meio de hospedagem aliando um pouco de sua filosofia e formatação física a um modelo hoteleiro tradicional. Estes locais, ainda que

pequem pela falta de um anfitrião atuante, possuem características suficientes para serem caracterizados como hostel. No entanto, há estabelecimentos, como colocado anteriormente na problemática deste estudo, que não oferecem as condições mínimas que se espera desse meio de hospedagem. Como no Brasil não há uma classificação oficial, espera-se que essa pequena contribuição acadêmica possa abrir ideias e novos conceitos que determinarão em um futuro próximo o que é um hostel, ou pelo menos parte dele. Devido à novidade desse segmento de mercado no Brasil, à inexistência de uma classificação oficial do mesmo por parte do MTur, e à baixa produção acadêmica sobre o tema, novos caminhos de pesquisa se abriram no decorrer desse estudo.

Na relação dos hostels com o território turístico e o espaço que ocupam, percebe-se que esses possuem uma relação de conservação, renovação, reutilização e promoção. Se há algo de fugaz, de transitório e de efêmero na relação entre turismo e território, isto se dá, indubitavelmente, de forma mais evidente, no chamado turismo de massa e na hotelaria convencional. Se é verdade que poucas pessoas quando em férias possuem a ousadia e a coragem de se aventurar fora dos rígidos programas e horários estabelecidos pelos pacotes turísticos, principalmente em território brasileiro, que procuram meios de hospedagem alternativos, cabe à academia esclarecer certos conceitos e disponibilizá-los aos visitantes. Assim, esses visitantes estarão munidos de informação e poderão tomar decisões concisas. Esses meios de hospedagem podem proporcionar ao turista uma apropriação mais humana e profunda com a localidade receptora, através da hospitalidade e do patrimônio histórico que este ajuda a preservar. Vimos como o território age sobre o ser humano e vice-versa, e por consequência dessa interação, eventualmente, o patrimônio histórico é estabelecido. Vimos como nasceram os albergues da juventude, da decorrência dessa interação socioespacial. Vimos como estes estão ligados diretamente, em sua gênese, à conservação do patrimônio e como, através de sua filosofia, oferecem ao turista uma experiência menos fugaz com o destino turístico, com o meio de hospedagem, com outros viajantes e com os moradores locais. Vimos, finalmente, que no exterior este meio de hospedagem é difundido, respeitado social e economicamente.

No entanto, no Brasil há um certo descaso, falta de conhecimento e até preconceito, com este tipo de acomodação. Esta situação se deve ao recente advento deste meio de hospedagem em nosso país, às relações estabelecidas em sua chegada, diferentes das relações originais e ignorância de sua filosofia. No Brasil, o processo de industrialização e urbanização foram rápidos e exploratórios em demasia, em muitos casos a apropriação do território se deu de forma indevida, interferindo negativamente no turismo e na conservação do patrimônio cultural edificado. Consequentemente, há apropriação de ambos território e modos de produção – refletidos na absorção de cultura e conceitos exógenos – também de forma indevida, como é o caso dos hostels. Há, recentemente, uma expansão do número destes empreendimentos em um curto espaço de tempo, visando suprir uma nova demanda, mas não há a preocupação com a delimitação de sua filosofia, missão, suas áreas físicas, características essenciais e serviços.

Quanto aos serviços hoteleiros, é essencial mencionar, também, que a disponibilização dos lockers foi um serviço pouco mencionado pelos empreendedores de hostels em Florianópolis. Apenas um entrevistado mencionou esse serviço como essencial. Vale ressaltar que os lockers são um fator oferecido pelos youth hostels desde sua gênese e visa a segurança dos pertences pessoais dos ocupantes dos estabelecimentos. Essa segurança de um patrimônio pessoal físico (bolsa, carteira, laptop, dinheiro, passaporte) acaba refletindo na segurança psicológica do hóspede e influencia diretamente no bem-estar de sua estadia. Caso seus pertences estejam seguros, ele pode relaxar e aproveitar a vida em grupo dentro e fora do hostel. Isso reflete talvez o estado de desconforto dos hóspedes brasileiros quanto a se hospedarem nesse tipo de acomodação. Percebendo que seus bens não estão resguardados, esse viajante pode entrar em estado extremo de desconforto, gerando medo, separação e insatisfação. A adição desse serviço ao hall dos já existentes dos hostels, sejam de Florianópolis ou de qualquer cidade brasileira e mundial, é tido como essencial para a caracterização desse meio de hospedagem e seu sucesso comercial.

A gastronomia é um componente essencial da experiência turística e, por vezes, é o principal atrativo turístico de um destino e ainda pode agir como a força motriz de uma viagem. A culinária e/ou a gastronomia representa a hospitalidade e a cultura do destino de uma maneira única, onde o visitante pode provar, literalmente, do local visitado, ao invés de somente observá-lo, levando-o a um contato íntimo com o patrimônio imaterial do lugar visitado. Para os hostels isso não é diferente. Desde sua gênese há uma ligação entre esse meio de hospedagem e a alimentação, não só como reposição biológica, mas como forma de hospitalidade. Notou-se no discurso dos entrevistados que a culinária e/ou a gastronomia representa um fator essencial da composição de um hostel. O café-da-manhã é tido como um fator crucial na integração do grupo hospedado.

Mas, a menção de maior importância fica para os eventos culinários/gastronômicos realizados no período noturno, pelos hóspedes, pelo anfitrião ou ambos. Essas jantãs ocorrem em todos os hostels entrevistados, cada um possui sua maneira de organizar esse evento, sendo o mais comum os churrascos. Um hostel em particular, fomenta o que foi chamado de jantar temático. Duas vezes por semana, o proprietário fornece todos os ingredientes, e cada hóspede ou grupo de hóspedes de um país diferente ficam encarregados de fazer um prato de seus países de origem. O resultado é diversas pessoas cozinhando juntas e compartilhando histórias, ideias e comida de diferentes culturas num mesmo ambiente. Vale ressaltar que todas essas experiências culinárias/gastronômicas são sempre acompanhadas de um fator limitante primordial, o desejo de economizar, de poupar, enquanto realizam essas atividades. Aparentemente, o perfil do backpacker demonstra que é na alimentação onde mais se pode economizar, afim de estender a viagem, assim como a economia na acomodação, daí, também surgem os hostels como meio de hospedagem favorito.

Há um tom antagônico no discurso coletivo dos hosteleiros, pois a diversidade cultural, citada como aspecto essencial aos hostels, é apontada, também, como a maior dificuldade em se administrar um hostel. Administrar dezenas de pessoas de diferentes formações culturais, línguas e costumes pode ser, em alguns casos, conflitante e extenuante. O hosteleiro se vê, muitas vezes, fazendo malabarismos culturais, procurando conciliar um grupo multicultural que ocasionalmente não consegue encontrar uma harmonia. Haja vista que praticamente tudo em um hostel é feito coletivamente. De acordo com os hosteleiros, esses conflitos ocorrem, em sua maioria, quando há um tipo de viajante desinformado, desacostumado ou insatisfeito com a proposta de sociabilidade e coletividade de um hostel. Essas ocorrências acontecem com maior frequência quando o viajante brasileiro entra em conflito com o estrangeiro. Devido à desinformação do brasileiro quanto à filosofia alberguista e o conceito desse meio de hospedagem, muitos acabam por se hospedar nesse tipo de meio de acomodação esperando um hostel barato, com privacidade e exclusividade. Quando se depara com a vida em comunidade, expressa sua frustração se fechando do restante do grupo e reclamando da gestão com o hosteleiro.

Quanto ao cooperativismo dos hostels de Florianópolis, apesar de o histórico dos albergues da juventude mostrar um espírito de união e cooperação entre os estabelecimentos, nessa cidade o panorama é diferente, com a cooperação ainda em estágio inicial e a concorrência superando-a, assim como em outros destinos turísticos no Brasil. Em países como República Tcheca e até mesmo em nossos países vizinhos como Uruguai e Argentina, os hostels se encontram unidos e bem definidos. Entretanto, em Florianópolis os empreendimentos mostram um grande potencial de crescimento comercial e estão caminhando em direção à filosofia e conceitos originais essenciais a esse meio de hospedagem. O poder de cooperação dos hostels, através de sua filosofia, pode colocá-los como opção de renovação conceitual dentro da hotelaria e do desenvolvimento do turismo sustentável e para o planejamento de destinos turísticos, através do potencial de conservação do patrimônio cultural e histórico edificado. Pois, essas partes quando interagem e produzem hostels de características próprias em locais únicos, colaboram na interação entre visitantes e anfitriões, conservando o patrimônio cultural

dos lugares onde se encontram, auxiliando no desenvolvimento do turismo com ambições sustentáveis. Portanto, deve-se reunir esforços, dentro do turismo, em nossos lares e em ambientes públicos afim de propagar a ideia e atos de hospitalidade, no intuito de prover aos nossos familiares, cidadãos de nosso país e estrangeiros, um mundo mais cordial e humano.

Em um futuro próximo, quando uma classificação oficial for proposta, o MTur deve considerar outras categorias, como as propostas por esse estudo, para avaliar um determinado empreendimento que se intitule como tal. Essas questões podem ter mais ou o mesmo peso do que os aspectos tradicionalmente considerados para se caracterizar outros tipos de acomodação, como os hotéis, por exemplo. Esse estudo não se considera definitivo, muito pelo contrário, apenas abriu algumas poucas categorias e possibilidades que se devem ser exploradas. Uma classificação oficial desse meio de hospedagem deve abranger o maior número possível de estudos sobre o tema, que ainda é embrionário em nosso país.

Diversas limitações de estudo foram observadas, entre elas a temporal e financeira desse pesquisador. Um questionário mais completo, aplicado à uma amostra mais abrangente é extremamente necessário para a validação dos resultados preliminares aqui obtidos. Durante o estudo novas áreas de questionamento, que antes não haviam sido contempladas, foram levantadas. Como, por exemplo, a questão da contratação do recepcionista. Como se dá esse processo em detalhes? Haja vista que essa figura é essencial para a existência desse meio de hospedagem. Outra questão ainda a ser abordada é uma melhor caracterização do público alvo brasileiro e suas próprias opiniões e ideias sobre esse meio de hospedagem. Um estudo voltado especificamente aos backpackers é essencial para o entendimento dos hostels no Brasil. Somente abordando esses aspectos e outros que ainda poderão surgir é que um conceito oficial poderá ser lançado. Conceito esse que faça jus à essência desse meio de hospedagem, para que num futuro próximo a palavra *hostel* possa ser compreendida e ser escrita sem a necessidade do grifo *itálico*.

REFERÊNCIAS

AKATAY, A.; ÇAKICI, A. C.; HARMAN, S. Involvement with backpacking: A research on backpackers visiting Istanbul. *TOURISM*, v. 61, n. 4, p. 361 - 377, 2013. ISSN UDC: 338.48:796.5(560).

ALDRIGUI, M. Meios de hospedagem. São Paulo: Aleph, 2007.

ALMEIDA, J. V. D. Uma odisséia em busca de héstia: do turismo à hospitalidade pelos caminhos das representações sociais. Natal: UFRN, v. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

ARTEN-MEYER, A. Burg Altena, Alemanha: lugar do primeiro albergue da juventude do mundo! Alemanha! Por que não? Roteiros personalizados pela Europa, 13 maio 2013. Disponível em: <<http://www.alemanhaporquenao.com/2013/05/burg-altena-alemanha-lugar-do-primeiro.html>>.

ASSUNÇÃO, P. D. História do Turismo no Brasil entre os séculos XVI e XX: viagens, espaço e cultura. Barueri: Manoel, 2012.

BACKPACKERS SHAREHOUSE. Welcome to Backpackers Sharehouse. Backpackers Floripa, 2013. Disponível em: <<http://backpackersfloripa.com/about-us/>>. Acesso em: 27 Novembro 2014.

BARRETTO, M. Turismo e Legado Cultural: As possibilidades do planejamento. Campinas: Papyrus, 2001.

BERQUE, A. Les raisons du paysage. De la Chine antique aux environnements de synthèse. Paris: Hazan, 1995.

BRENNER, L.; FRICKE, J. The Evolution of Backpacker Destinations: the Case of Zipolite, Mexico. *International Journal of Tourism Research*, Wiley InterScience, v. 9, p. 217–230, 2007. ISSN DOI: 10.1002/jtr.604.

BRESSAN, S. J. Fundamentos das Ciências Sociais. Ijuí: UNIJUÍ, 2008.

BRITANNICA, E. Austria-Hungary. *Encyclopaedia Britannica*, 2014. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/44386/Austria-Hungary>>. Acesso em: 21 Dezembro 2014.

CAMARGO, L. O. D. L. Turismo, hotelaria e hospitalidade. In: DIAS, C. M. D. M. Hospitalidade: reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002. p. 1-23.

CAMARGO, L. O. D. L. Hospitalidade. São Paulo: Aleph, 2004.

CAMARGO, L. O. D. L. A pesquisa em hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 15-51, Dezembro 2008.

CAMPOS, J. R. V. Introdução ao universo da hospitalidade. Campinas: Papyrus, 2005.

CÂNDIDO, Í.; VIEIRA, E. Gestão de hotéis. Técnicas e operação. Caxias do sul: EducS, 2003.

CANZIANI, B. F. et al. A Learning Theory Framework for Sustainability Education in Tourism. *Journal of Teaching in Travel & Tourism*, Taylor & Francis Group, LLC, v. 12, p. 03-20, 2012. ISSN ISSN: 1531-3239.

CAREY, S. Précis of The Origin of Concepts. *BEHAVIORAL AND BRAIN SCIENCES*, Cambridge University Press, v. 34, p. 113–167, 2011. ISSN DOI:10.1017/S0140525X10000919.

CARVALHO, K. D. Memória turismo e política patrimonial: Análise da revitalização do centro histórico de São Luís, Maranhão (Brasil). TURyDES, EUMED, v. 4, n. 10, Julho 2011.

CASTRO, C.; GUIMARÃES, V. L.; MAGALHÃES, A. M. História do Turismo no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

CASTRO, E. A. S. D. Segregação socioespacial, constituição do sujeito e significação do cotidiano. Psicologia & Sociedade, v. 24, n. 1, p. 75-83, 2012.

CHACKO, H. E.; WILLIAMS, K.; SCHAFFER, J. A Conceptual Framework for Attracting Generation Y to the Hotel Industry Using a Seamless Hotel Organizational Structure. Journal of Human Resources in Hospitality & Tourism, Taylor & Francis Group, LLC, v. 11, p. 106-122, 2012. ISSN DOI: 10.1080/15332845.2012.648843.

CHELHOD, J. Os Cavalheiros do Deserto. O Correio da Unesco. Rio de Janeiro, vol. 18, n. 4, p. 11-14, abr. 1990.

CICCIO, G. P. D.; TEIXEIRA, G. D. C.; SALLES, M. D. R. R. Estudo sobre a relação entre o jovem universitário da cidade de São Paulo e os Albergues da Juventude. TURyDES, EUMED, v. 4, n. 10, Julho 2011.

CIOTTA, T. O conceito de sociedade civil em Hegel e o princípio da liberdade subjetiva. Campinas: UNICAMP, v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 2007.

COBURN, O. Youth Hostel Story. Londres: The National Council of Social Service, 1950.

COHEN, S. A. LIFESTYLE TRAVELLERS: Backpacking as a Way of Life. Annals of Tourism Research, Elsevier, v. 38, n. 4, p. 1535-1555, 2011.

COSTA, H. A.; FRANCO, A. F. D. O.; HOFFMANN, V. E. Cooperação entre pequenas empresas do turismo e competitividade: estudo de hostels no Rio de Janeiro. X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo - ANPTUR, Caxias do Sul, 09 Outubro 2013. 01-20.

COSTA, H. A.; FRANCO, A. F. D. O.; HOFFMANN, V. E. Cooperação entre pequenas empresas do turismo e competitividade: estudo de hostels no Rio de Janeiro. X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, Caxias do Sul, p. 01-20, Outubro 2013.

CRUZ, R. D. C. Política de Turismo e Território. São Paulo: Contexto, 2001.

CURY, C. J. Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 4. ed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1990.

DENCKER, A. D. F. M. Pesquisa em Turismo - Planejamento, métodos e técnicas. São Paulo: Futura, 2007.

DEUTSCHE JUGENDHERBERGSWERK. DJH Youth Hostel Altena. Disponível em: <http://www.jugendherberge.de/en/youth-hostels/altena_burg343/shortportraet>. Acesso em: 21 ago. 2014.

DIAS, C. M. D. M. Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas. 1. ed. Barueri: Manole, 2002.

DINHEIRO VIVO. Portugal põe 11 hostels nos melhores do mundo. Dinheirovivo.pt, 10 fev. 2014. Disponível em: <http://www.dinheirovivo.pt/buzz/interior.aspx?content_id=3751762>.

EDGELLER, E. Mary Belle - Founder of Canadian Hostelling. Calgary: Detselig Enterprises Ltd., 1988.

EDITORS OF THE AMERICAN HERITAGE DICTIONARIES. The American Heritage Dictionary of the English Language. 5. ed. Boston : Houghton Mifflin, 2011.

ENGELS, F. The Condition of the Working Class in England. 8. ed. Oxford: Oxford University Press,

2009.

ERKUŞ-ÖZTÜRK, H. Planning of Tourism Development: The Case of Antalya. *Anatolia: An International Journal of Tourism and Hospitality Research*, Anatolia, v. 21, n. 1, p. 107-122, 2010.

FAUSTO, B. História do Brasil. 14. ed. São Paulo: EdUSP - Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

FEDRIZZI, Valéria Luiza Ferreira. O conhecimento gerado no programa de mestrado em hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi - UAM. 2008. São Paulo, dissertação (Mestrado em Hospitalidade), 2008.

FERRAZ, A. P. D. C. M.; BELHOT, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. *Gestão & Produção*, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010.

FERRAZ, V. D. S. Hospitalidade urbana em grandes cidades - São Paulo em foco. São Paulo: USP, v. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, 2013.

FERREIRA, A. B. D. H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. D. H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

FILHO, W. G. TURISMO BACKPACKER NA CIDADE DE SÃO PAULO: Um estudo sobre a rede de albergues HI. São Paulo: Dissertação de mestrado em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi, 2010.

FIRTH, T.; HING, N. Backpacker hostels and their guests: attitudes and behaviours relating to sustainable tourism. *Tourism Management*, Sydney, v. 20, p. 251-254, 1999.

FUSTER, L. F. Teoría y técnica del turismo. Madrid: Nacional, 1974.

GERMAN YOUTH HOSTEL ASSOCIATION. Discover Youth Hostels in castles and stately homes! DJH Youth Hostels in Germany | Share the experience, 2014. Disponível em: <<http://www.jugendherberge.de/en/sights/castles>>. Acesso em: 22 Março 2014.

GIARETTA, M. J. Turismo da Juventude. Barueri: Manole, 2003.

GLASER, A. L. Materialismo cultural. São Paulo: USP, v. Tese (doutorado) apresentada à Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, 2008.

GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. B.; MCINTOSH, R. W. Turismo - Princípios, Práticas e Filosofias. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOTMAN, A. O comércio da hospitalidade é possível? *Revista Hospitalidade*, VI, n. 2, jun-dez 2009. 3-27.

GOTMAN, A. L'hospitalité: du capitaine Cook à l'hôte administratif. CNRS – Centre de recherches sur les liens sociaux. Sciences-Croisées, Paris, v. 9, 2011.

GRASSL, A.; HEATH, G. The Magic Triangle - A short story of the world youth hostel movement. Welwyn Garden City: International Youth Hostel Federation, 1982.

GRINOVER, L. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, C. M. D. M. Hospitalidade: Reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002. p. 25-38.

GRINOVER, L. A hospitalidade, a cidade e o turismo. São Paulo: Aleph, 2007.

HALVEY, M.; KEANE, M. T. An Assessment of Tag Presentation Techniques. World Wide Web Conference Committee, Banf, May 2007.

HARVEY, D. Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São

Paulo: Edições Lyola, 1993.

HARVEY, D. A companion to Marx's Capital - Vol. I. London: Verso, v. I, 2010.

HARVEY, D. A companion to Marx's Capital - Vol. II. London: Verso, v. II, 2010.

HEATH, G. Richard Schirrmann - The first youth hosteller. Copenhagen: International Youth Hostel Federation, 1962.

HENDERSON, J. C. Selling the past: Heritage hotels. TOURISM, v. 61, n. 4, p. 451 - 454, 2013.

HESSEN. Did you know that.... Hessen.de, 2010. Disponível em: <<https://english.hessen.de/visitors/hessen-numbers/did-you-know-that%E2%80%A6>>. Acesso em: 21 Dezembro 2014.

HIDDEN VILLA. The Duvenecks. <http://www.hiddenvilla.org>, 2014. Disponível em: <<http://www.hiddenvilla.org/about-us/history/the-duvenecks>>. Acesso em: 28 Dezembro 2014.

HI-USA. The History of Hostelling. Hostelling International USA, 2013. Disponível em: <<https://www.hiusa.org/about-us/history-of-hostelling>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

HOLANDA, S. B. D. Raízes dos Brasil. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, S. B. D. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HOME LISBON HOSTEL. Home Lisbon Hostel | About. Disponível em: <<http://www.homelishonhostel.com/en/about>>. Acesso em: 4 maio. 2017.

HORVÁTH, Z.; NAGY, A. Baron for a day: guests' perception of historical past in castle hotels. Journal of Tourism Challenges and Trends, RAAPMER, v. 5, n. 2, p. 103-124, 2012.

HOSTEL99. Welcome to Hostel 99. [Hostel99.cz](http://www.hostel99.cz), 2013. Disponível em: <<http://www.hostel99.cz/hostel-99/>>.

HOSTELLING INTERNATIONAL. About Us. Hostelling International, 2014. Disponível em: <<https://www.hihostels.com/about-hi/about-hostelling-international>>. Acesso em: 27 Outubro 2014.

HOSTELLING INTERNATIONAL. What We Believe. Hostels Worldwide - Hostelling International, 2014. Disponível em: <<https://www.hihostels.com/about-hi/what-we-believe>>. Acesso em: 28 Dezembro 2014.

HOSTELLING INTERNATIONAL-BRASIL. HI-Brasil Histórico. HI-Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.hihotelbrasil.com.br/institucional.html>>.

HOSTELWORLD. Hostels in Rio de Janeiro, Brazil. [Hostelworld.com](http://www.hostelworld.com), 2014. Disponível em: <http://www.hostelworld.com/search?search_keywords=Rio+de+Janeiro%2C+Brazil&country=Brazil&city=Rio-de-Janeiro&date_from=2014-12-17&date_to=2014-12-19>. Acesso em: 20 Janeiro 2014.

HOSTELWORLD. Hostels internacionais. Os melhores hostels do mundo estão aqui, 2015. Disponível em: <<http://www.brazilian.hostelworld.com/Hostels>>. Acesso em: 18 Março 2015.

INSTITUTO SAMAMBAIA DE CIÊNCIA AMBIENTAL. A Fazenda da Samambaia. ISCA, 22 Julho 2014. Disponível em: <http://www.isca.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9&Itemid=3&lang=pt>.

INTO HISTORY. Altena Castle Hostel – Lüdenscheid. Disponível em: <<http://intohistory.com/castle-hostel-altena/>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

IPHAN. Lista dos Bens Culturais Inscritos no Livro do Tombo - Bens Tombados. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3263>>.

IPHAN. Patrimônio Material. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014. Disponível

em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acesso em: 01 Dezembro 2014.

IPHAN. O que é Patrimônio Imaterial? Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2015. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf?tipolnformacao=1>>. Acesso em: 01 Maio 2015.

KESING, R. Theories of Culture. Annual Review of anthropology, Palo Alto, v. Vol. 3, p. 73-97, 1974.

KENNEDY, G. Children of the Sun. Mecca: Nivaria Press, 1998.

KHOZAEI, F.; HASSAN, A. S.; KHOZAEI, Z. Undergraduate Students' Satisfaction with Hostel and Sense of Attachment to Place: Case Study of University Sains Malaysia. American Journal of Engineering and Applied Sciences, v. III, n. 3, p. 516-520, 2010. ISSN DOI : 10.3844/ajeassp.2010.516.520.

KORSTANJE, M. E. Las formas elementales de la hospitalidad. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 4, n. 2, p. 86-111, Agosto 2010.

KRAUSE, R. W.; BAHLS, Á. A. D. S. M. Orientações gerais para uma gastronomia sustentável. Turismo - Visão e Ação, Balneário Camboriú, set-dez 2013. 434-450.

KRIPPENDORF, J. Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAFARGUE, P. O direito à preguiça. São Paulo: Claridade, 2003.

LAI, J. H. K. Gap theory based analysis of user expectation and satisfaction: The case of a hostel building. Building and Environment, Elsevier, v. 69, p. 183-193, 2013.

LAQUEUR, W. Young Germany - A history of the German Youth Movement. New York: Basic Books, 1962.

LARAIA, R. D. B. Cultura: um conceito antropológico. 26. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LARSEN, S.; ØGAARD, T.; BRUN, W. Backpackers and Mainstreamers: Realities and Myths. Annals of Tourism Research, Elsevier, v. 38, n. 2, p. 690-707, 2011.

LASHLEY, C.; MORRISON, A. Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado. 1. ed. Barueri: Manole, 2004.

LEAL, E. J. M. Produção acadêmico-científica: a pesquisa e o ensaio. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2011.

LEFEBVRE, H. Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life. New York: Bloomsbury Academic, 2004.

LEFEBVRE, H. Dialectical Materialism. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

LEWIS, C. T. An Elementary Latin Dictionary. Charleston: Nabu Press, 2010.

LEWIS, C. T.; SHORT, C. A new Latin Dictionary. Oxford : Oxford University Press, 1958.

LIBÓRIO, B.; OLIVEIRA, F. Hostels ploriferam, mas atraem poucos turistas. Folha de São Paulo, 19 jan. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/01/1399416-hostels-proliferam-mas-atraem-poucos-turistas.shtml>>.

LIZARDO, O. Re-conceptualizing Abstract Conceptualization in Social Theory: The Case of the "Structure" Concept. Journal for the Theory of Social Behaviour, John Wiley & Sons Ltd., v. 43, n. 2, p. 155-180, 2013. ISSN ISSN: 0021-8308.

LOHMANN, G.; NETTO, A. P. Teoria do Turismo: Conceitos, Modelos e Sistemas. São Paulo:

Aleph, 2012.

LOUDEN, B. *Homer's Odyssey and the Near East*. Bryn Mawr Classical Review, Cambridge University Press: Cambridge/New York, v. vii, p. Pp. 356, 2011. ISSN ISBN 9780521768207.

LUMSDON, L. M.; MCGRATH, P. Developing a conceptual framework for slow travel: a grounded theory approach. *Journal of Sustainable Tourism*, Taylor & Francis, v. 19, n. 3, p. 265–279, 2011. ISSN: 1747-7646.

MALHOTRA, Naresh K. *Pesquisa de marketing: foco na decisão*. 3. ed. São Paulo: Pearson, 2011.

MAMIGONIAN, A. *Introdução ao pensamento de Ignácio Rangel*. Geosul, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 63-71, 1987. ISSN eISSN: 2177-5230.

MANOSSO, F. C. et al. A gestão das emoções dos hóspedes. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 354-374, Dezembro 2012.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARGOLIS, E.; LAURENCE, S. *Concepts and Cognitive Science*. In: MARGOLIS, E.; LAURENCE, S. *Concepts: Core Readings*. Massachusetts: MIT, 1999. p. 3-81.

MARKONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINS, G. D. A. *Metodologia da investigação científica para ciencias sociais aplicadas*. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto of the comunist party*. London: Verso, 1998.

MATSIS, V. *Inside An American Hostel: A guidebook for managers and aspiring owners*. New York: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2013.

MEDINA, A. D. *Turismo Y Conocimiento Científico, Un Primer Acercamento*. TURyDES, EUMED, v. 5, n. 13, Dezembro 2012.

MESQUITA, D.; XAVIER, G. O Turismo e a sua Atuação na Expansão do Espaço Urbano: O Caso Porto De Galinhas – Ipojuca – PE. *Turismo Visão e Ação, Balneário Camboriú*, v. 15, n. 2, p. 207–225, mai-ago 2013. ISSN: 1983-7151.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Os dez melhores albergues do Brasil. Ministério do Turismo, 28 fev. 2012. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20120228-1.html>.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Atendimento - Classificação de Meios de Hospedagem. Protocolo: 20130007076. [mensagem pessoal de e-mail]. ed. Brasília: Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, 2013.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Respostas protocolo 72550000271201453. Gmail, 08 Dezembro 2014. Disponível em: <alvarobahls@gmail.com>. Acesso em: 08 Dezembro 2014.

MONTANDON, A. *O Livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: SENAC, 2011.

MORAES, A. C. R. *Território e história no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MUSA, G.; THIRUMOORTHY, T. Red Palm: exploring service quality and servicescape of the best backpacker hostel in Asia. *Current Issues in Tourism*, Taylor & Francis, v. 14, n. 2, p. 103–120, Março 2011. ISSN DOI: 10.1080/13683500903511125.

NASH, R.; THYNE, M.; DAVIES, S. An investigation into customer satisfaction levels in the budget

accommodation sector in Scotland: a case study of backpacker tourists and the Scottish Youth Hostels Association. *Tourism Management*, London, 2006. 525–532.

NEGRI, S. M. Segregação Sócio-Espacial: alguns conceitos e análises. *COLETÂNEAS DO NOSSO TEMPO*, Rondonópolis, v. 8, n. 8, p. 129-153, 2008.

NETTO, A. P. O que é turismo. São Paulo: Brasiliense, 2010.

NETTO, A. P. Filosofia do turismo: teoria e epistemologia. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2011.

OIS. History of the town of Český Krumlov. Disponível em: <http://www.encyklopedie.ckrumlov.cz/docs/en/mesto_histor_himeck.xml>. Acesso em: 4 maio. 2017.

OLIVEIRA, C. T. F. D.; MARTINS, P. E. M. A Hospitalidade e Cordialidade Brasileira: o Brasil percebido por estrangeiros. *Turismo em Análise*, v. 20, n. 2, p. 196-209, Agosto 2009.ME

OLIVEIRA, R. J. D. Turismo Backpackers – Estudo dos viajantes internacionais no Brasil. *CULTUR – Revista de Cultura e Turismo*, UESC, v. 02, n. 01, Janeiro 2008.

OOI, N.; LAING, J. H. Backpacker tourism: sustainable and purposeful? Investigating the overlap between backpacker tourism and volunteer tourism motivations. *Journal of Sustainable Tourism*, Francis & Taylor, v. 18, n. 2, p. 191–206, March 2010.

PALHARES, G. L.; NETTO, A. P. Teoria do Turismo - conceitos, modelos e sistemas. 2. ed. São Paulo: Alpeh, 2012.

PARIS, C. M.; TEYE, V. Backpacker Motivations: A Travel Career Approach. *Journal of Hospitality Marketing & Management*, Taylor & Francis, v. 19, p. 244–259, 2010. ISSN: 1936-8631.

PEARCE, P. L.; FOSTER, F. A “University of Travel”: Backpacker learning. *Tourism Management*, Elsevier, v. 28, p. 1285–1298, 2007. ISSN DOI: 10.1016/j.tourman.2006.11.009.

PERAZZOLO, O. A.; SANTOS, M. M. C. D.; PEREIRA, S. O acolhimento – ou hospitalidade turística – como interface possível entre o universal e o local no contexto da mundialização. *Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v. 11, n. 1, p. 45-55, 2013. ISSN: 1695-7121.

PEREIRA, R. M. F. D. A. Formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina (Brasil): gênese e transformações recentes. *Geosul*, Florianópolis, v. 18, n. 35, p. 99-129, Junho 2003.

PEREIRA, R. M. F. D. A. Desenvolvimento Regional, Expansão Urbana e Turismo no Litoral de Santa Catarina: notas sobre as microrregiões de Itajaí e Florianópolis. *Revista Geográfica de América Central*, Costa Rica, n. Número Especial EGAL, p. 01-16, II Semestre 2011.

PERSONAL, SOCIAL AND HUMANITIES EDUCATION SECTION. Introduction to Tourism. Hong Kong: Education Bureau, 2013.

PINTO, Á. V. Ciência e Existência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PLOG, S. C. Leisure travel: making it a growth market. again! Mineapolis: Wiley, 1991.

PORTUGAL, A. D. Teoria marxista do conhecimento: contribuições do materialismo dialético para a pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: UERJ, v. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação., 2013.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil - Subchefia para assuntos jurídicos. Palácio do Planalto, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4686.htm>. Acesso em: 27 Novembro 2014.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. LEI Nº 11.771. Palácio do Planalto, 17 Setembro 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm>. Acesso em: 28 Julho 2014.

- PURCELL, M. Excavating Lefebvre: The right to the city and its urban politics of the inhabitant. *GeoJournal*, Kluwer Academic Publishers, v. 58, p. 99–108, 2002.
- RAMKISSOON, H.; WEILER, B.; SMITH, L. D. G. Place attachment and pro-environmental behaviour in national parks: the development of a conceptual framework. *Journal of Sustainable Tourism*, Taylor & Francis, v. 20, n. 2, p. 257–276, 2012.
- RANGEL, I. História da dualidade brasileira. *Revista de Economia Política*, v. 1, n. 4, p. 05-34, Dezembro 1981.
- RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social - Métodos e Técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- ROBAINA, R. *Marx e o núcleo racional da dialética de Hegel*. São Paulo: Alfa-Omega Ltda., 2013.
- RODRIGUES, A. B. Turismo e territorialidades plurais – lógicas excludentes ou solidariedade. In: AMALIA INÉS GERAIGES DE LEMOS, M. A. M. L. S. *América Latina: cidade, campo e turismo*. São Paulo: CLACSO, 2006.
- SANTOS, F. M. D. *Geografia das redes hoteleiras Mundo, Brasil e Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, v. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- SANTOS, M. *Espaço e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SANTOS, M. *Técnica, Espaço, Tempo*. São Paulo: Edusp, 2013.
- SANTOS, M. M. C. D.; PERAZZOLO, O. A. Hospitalidade numa perspectiva coletiva. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 6-15, Abril 2012.
- SCHNEIDER, S.; SCHMITT, C. J. O uso do método comparativo nas ciências sociais. *Cadernos de Sociologia*, p. 49-87, 1998.
- SHEEHAN, J. *German History, 1780–1866*. 3. ed. Oxford : Oxford University Press, 1993.
- SILVA, M. C. D. Hospedaria Vasque. *Cultura, Raça, Género e Expediente num Oásis da Maurítânia*. *Etnográfica*, Lisboa, v. 10, n. 2, p. 355-381, 2006.
- SILVEIRA, D. T.; CORDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.
- SIN, C. H. Interviewing in 'place': the socio-spatial construction of interview data. *Area*, Royal Geographical Society, v. 35, n. 3, p. 305–312, 2003. ISSN ISSN: 0004-0894.
- SÍVERES, L.; MELO, P. G. R. D. A pedagogia da hospitalidade a partir da filosofia da alteridade em Levinas. *Conjectura*, Caxias do Sul, v. 17, n. 3, p. 34-48, Dezembro 2012.
- SMITH, B. Beyond Concepts: Ontology as Reality Representation. In: ACHILLE VARZI, L. V. *Proceedings of FOIS 2004*. Turin: [s.n.], v. 4-6, 2004.
- STADT ALTENA. Places of Interest - visitAltena.de - Tourismusportal Altena. Disponível em: <<https://www.visitaltena.de/english/places-of-interest/>>. Acesso em: 4 maio. 2017.
- STOLL, S. M. Hospitalidade - Conceitos e reflexões sobre sua percepção prática dentre os hoteleiros do destino turístico Balneário Camboriú – SC. *Balneário Camboriú: Dissertação do curso Stricto sensu em Turismo e Hotelaria*, Univali., 2006.
- SUNDERLAND, J. Y. I. Český Krumlov. Sunderland. Eh? The adventures of a Canadian university student studying in Sunderland, England!, 05 Fevereiro 2013. Disponível em: <<http://janicesyearinsunderland.blogspot.com.br/2013/02/cesky-krumlov.html>>.
- TEIXEIRA, R. M. *Gestão de Marketing em pequenos empreendimentos hoteleiros*. *Turismo em Análise*, São Paulo, v. 15, n. 01, p. 01-16, 2015.

- TELLES, D. H. Q. A complexidade em processo na turistificação de lugares e outros desafios urbanos: um ensaio teórico. TURyDES, EUMED, v. 6, n. 15, Dezembro 2013.
- THE EUROPEAN CONSUMER CENTRES' NETWORK. Classification of hotel establishments within the EU. Nicosia. 2009.
- THIRKETTLE, A.; KORSTANJE, M. E. Tourism: Science of Hospitality. Journal of Tourism, v. 13, n. 1, p. 125-142, 2012.
- TRIGO, L. G. G. Viagem na Memória: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2002.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1987.
- TROTTA, J. Educação e Correlação II - Experiência Internacional e Regional. Os Albergues da Juventude para Jovens e "Jovens de Espírito". Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1978.
- UFW. United Farm Workers. <http://www.ufw.org>, 2014. Disponível em: <http://www.ufw.org/_page.php?menu=research&inc=history/07.html>. Acesso em: 28 Dezembro 2014.
- UNESCO. Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation, 1972.
- UNESCO. Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention. Paris: UNESCO World Heritage Center, 2013.
- UNWTO. Recommendations on Tourism Statistics. United Nations World Tourism Organization - Statistics Division, New York, 1994. Disponível em: <http://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM_83e.pdf>. Acesso em: 29 Julho 2014.
- UNWTO. Collection of tourism expenditures statistics. Marid: United Nations World Tourism Organization, 1995.
- UNWTO. Making Tourism More Sustainable - A Guide for Policy Makers. Madrid: United Nations World Tourism Organization, 2005.
- UNWTO. SCP Publications. United Nations Environment Programme, 2005. Disponível em: <<http://www.unep.fr/shared/publications/pdf/DTIx0592xPA-TourismPolicyEN.pdf>>.
- UNWTO. Youth Travel Matters – Understanding the Global Phenomenon of Youth Travel. Marid: United Nations World Tourism Organization, 2008.
- UNWTO. AM Reports: The power of youth travel. United Nations World Tourism Organization. Madrid. 2010.
- UNWTO. International Recommendations for Tourism Statistics. Nova Iorque: United Nations World Tourism Organization, 2010.
- VALENZUELA, S. T. Imagens da Hotelaria na cidade de São Paulo - Panorama dos estabelecimentos até os anos 1980. São Paulo: SENAC, 2013.
- VISITSCOTLAND. Guidance Notes for Hostel Operators on Quality Grading. VisitScotland.org, 2012. Disponível em: <<http://www.visitscotland.org/pdf/2012%20Insert%20-%20Hostels.pdf>>.
- WALKER, J. R. Introdução à Hospitalidade. Barueri: Manole, 2002.
- WEB RESERVATIONS INTERNATIONAL. About WRI. Web Reservations International, 2013. Disponível em: <http://www.webresint.com/about_us.html>.

WELLBERY, D.; RYAN, J. A New History of German Literature. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

WETZLER, S. Living with the Passive-Aggressive Man: Coping with Hidden Aggression - From the Bedroom to the Boardroom. New York: Touchstone, 1993.

WILSON, J.; RICHARDS, G. Suspending Reality: An Exploration of Enclaves and the Backpacker Experience. Current Issues in Tourism, Channel View Publications, v. 11, n. 2, p. 187-202, 2008. ISSN DOI: 10.2167/cit371.0.

YÁZIGI, E. Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

ZOPIATIS, A.; CONSTANTI, P. Managing Hospitality Internship Practices: A Conceptual Framework. Journal of Hospitality & Tourism Education, Taylor & Francis, v. 24, n. 1, p. 44-51, 2012. ISSN ISSN: 2325-6540